This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

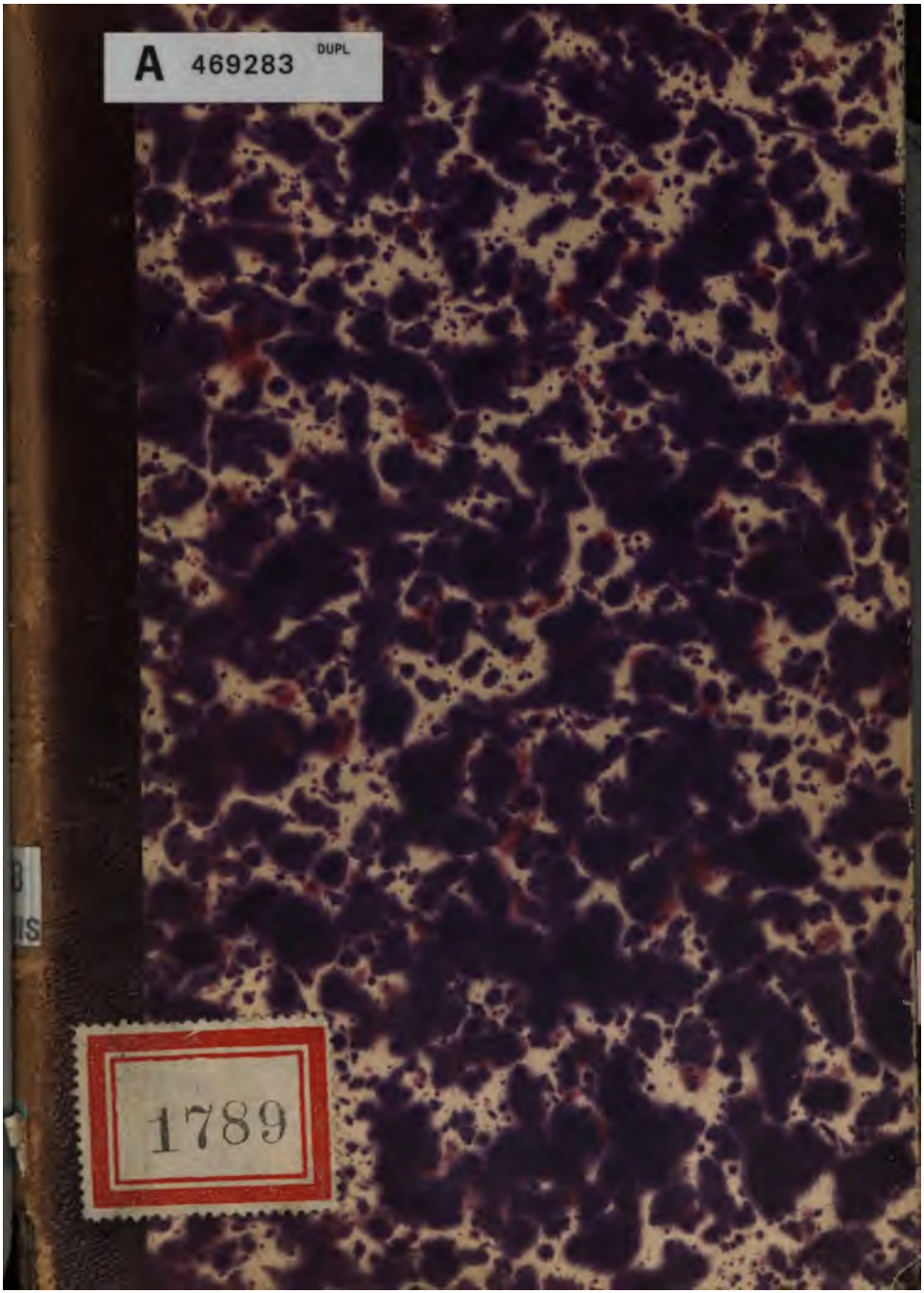
- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

A 469283 DUPL



1789

84

1.109/alg

84

UNIVERSITY OF MICHIGAN LIBRARY

1.109/a

EX - LIBRIS

MOSAICO

MOSAICO

E SYLVA DE CURIOSIDADES HISTORICAS, LITTERARIAS E BIOGRAPHICAS

POR

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

PORTO
ANSELMO DE MORAES—EDITOR
Rua do Almada, 171

1868

869.8
C348ms

DO EDITOR

A forma d'este livro é inteiramente nova entre nós. No mesmo gosto, em França, já Ludovic Lalanne, o Bibliophile Jacob e Victor Fournel tinham emprehendido varias collecções de estudos litterarios, archeologicos, historicos e biographicos a que pozeram o titulo de *Curiosidades*, formando assim a rica *Bibliothèque de Poche*. O snr. Camillo Castello Branco, respigando as nossas antigualhas por esfarrapadas chronicas e vetustos cartapacios, não como philologo mas como humorista, formou o bello ramilhete que apresentâmos hoje ao publico apreciador; é no mesmo gosto da collecção intitulada *Cavar em ruinas*, mas aqui o trabalho da erudicção justifica o titulo de *Mosaico* que escolhemos para a obra. Os traços biographicos, inteiramente desconhecidos dos bi-

bliographos, abundam n'este livro; as anedoctas de personagens celebres, que se não lêem na historia official, surgem a cada pagina; as tradições dos sitios e dos monumentos, a critica dos antigos escandalos, pelos poetastros coevos, os documentos ineditos, e as allusões frequentes, tornarão o livro apetecido e procurado. O snr. Camillo Castello Branco, sentindo esterelisar-se-lhe as faculdades inventivas, vae insensivelmente substituindo o romance pela erudição.

Por este livro se verá o que um espirito distincto póde forragear ainda em um campo sáfaro e sem verdura.

A INNOCENCIA DAS ALDEIAS

—

Meus amigos, não procurem nas aldeias do Minho as alegrias da innocencia, as candidas pastoras e os puros amores do camponez que ama e canta, caza e reproduz-se, envelhece e morre sempre á sombra das suas arvores em cujas ramarias as gerações dos pintasilgos lhe cantaram o nascer e o amar, parecendo choral-o no morrer.

Ai, meus amigos, as aldeias do Minho! como aquillo é tôrpe e melancolico! como tudo ali degenerou para nôjos e tristezas!

A mim me tinham dito poetas umas coisas que não acreditei. Sá de Miranda, e Bernardes; Lobo, e Fernão Alvares; Camões, e Braz Garcia; Sá de Miranda e Quita, os quatro pontos cardeaes tomados de poetas que melodiavam bucolicas, louvores da sancta vida pastoril, virtudes de zagalas que faziam corar as rosas de puro envergonhadas! Eu não accreditava isto, embora o atríto de

dois seculos embaciasse o lustro dos corações antigos, e complanasse os caminhos fragosos por onde os vicios não tinham podido trepar ás montanhas da minha patria.

Que farte sabia eu que de ha muito não se comia bolota nos arcadicos remanços do sertão, nem as justiças dos Affonsos tinham pouco que testilhar com os salteadores nocturnos que envergavam de dia o surrão e cantarolavam innocentes endeixas ás pastorinhas tão gatunas como elles.

Não obstante a minha descrença, o juizo que eu formava das nossas aldeias do Minho, graças á proverbial estupidez nativa d'aquelle gentío, era assim mesmo de tal tolice que dir-se-ia ser eu de lá.

Vivi anno e meio n'um ponto do Minho onde a bestidade é culminante. Cuidei que a simplesa devia parelhar com a innocencia. Que as mulheres trescalando raposinho e surro revelhecido teriam as almas limpas. Que os homens, amando bestialmente quanto ao espirito, soffreariam os impetos do sangue, rebatidos pelo exemplo de seus maiores, pelo medo da deshonra, ou pelo terror do inferno. Presuppunha que as lides campestres eram revesadas de alegrias inoffensivas. Que os obreiros na volta da lavoira cantavam as velhas trovas de seus avós. Que as raparigas d'um campo competiam no afinado das vozes com as do outro. Que o dormir fatigado d'aquelles estomagos frugaes e d'aquellas cabeças cheias de cerebro quieto como se fosse de grêda, tinha um alvorecer de luz interior, de consciencia desafogada.

Ora vejam que esta illusão rolou á voragem das outras!

Passei á orla das cortinhas onde moirejavam as moças da aldeia, e ouvi-as cantar ladainhas, e versos de S. Gregorio. Quedaram de cantar, e romperam n'um murmurio monotono: resavam a corôa.

Procurei-as nos dias sanctificados á tarde, entre as *carvalheiras* da suave sombra, no recosto dos valados, ou

nas escadas do cruzeiro, conversando os innocentes requebros dos seus affectos, já de antemão legitimados pela pureza da intenção.

Não as vi.

Estavam no templo resando o terço em altos brados, alternadamente com o vozear cavo d'um homem de batina, pastor d'aquelle rebanho triste e sujo por penitencia.

Depois, vi-as sahir da egreja, com os olhos em terra e as mãos crusadas sobre os seios tumidos.

Aqui ha virtude, disse eu entre mim. O padre matou o contentamento d'esta mocidade, bafejou halito do inferno ao coração d'estas raparigas e queimou-lhes as flores, sol repoz-lhes á carga do trabalho incessante um demonio que as cavalga, metteu-as á via dolorosa e escura do temor do diabo, figurou-lhes Deus propriamente peor do que o seu inimigo, invelheceu estas mulheres aos quinze annos; mas, se ellas se conformaram, se renunciaram, se conhecem o valor da renuncia, vão bem, vão impreterivelmente ao céo. Certo é que Deus não queria tanto d'estas pobresinhas que tão suado comem o seu pão. Deus que veste as arvores, e aveluda as flores, e loireja as cearas consentiria que ellas, uma vez por outra, folgassem, volteando as suas sarabandas e cantando as harmoniosas cantilenas que já foram o contentamento das serras. Deus não impediria, que, ao domingo, em vez de resarem o terço n'uma ermida que trescala á podridão dos cadaveres, estivessem ao ar livre das devezas planeando com os seus amigos da infancia o futuro dos filhos do seu amor abençoado pelo cura affavel, que, ao perpassar por elles, diria entre grave e risonho alguma palavra docemente reprehensiva. Em fim, estas raparigas podiam salvar-se, por mais desempecido caminho. Vida tão sem luz, sem coração, sem riso, valia bem a pena melhoral-a ainda á custa de alguns annos de purgatorio, por causa dos peccados veniaes, se não ha livrar-se d'elles quem sente o goso de viver alternando canceira e repouso de corpo e alma.

Disse isto de mim para mim e agora o digo aos leitores com grande vergonha da minha cara e muitas lagrimas n'estes olhos que a terra hade comer.

Fui ter-me com os anciãos da aldeia. Contei-lhes a minha edificação; e elles, os velhacos, riram-se como cynicos.

Por que riam os anciãos, cujas netas cantavam a ladainha nas varzeas e o terço na egreja?

Intendi que a velhice estava cancerada até á medula dos ossos, quando um lavrador de cabellos brancos me disse: «Isto do beaterio é uma desgraça. Os missionarios vem aqui prégar e confessar. Do pulpito abaixo, é inferno para aqui, deabos para acolá, tormentos semfim, almas que vieram do outro mundo por que não resavam o terço, outras por que morreram sem a venera e os livrinhos que elles vendem. Dizem ás raparigas que, se querem salvar-se, deixem os pais, e mães, os maridos e os filhos.

«E vai as raparigas pegam a ir todos os dias para o confêsso, não põe mão em trabalho nenhum, cortam os cabellos, atam cordas á cinta, e ficam tristes como a noute. Quando os missionarios abalam para outra freguezia, ellas ahi vão atraz d'elles sosinhas por essas serras fora, carregadas de comestiveis, e por la dormem por casa dos lavradores, e Deus sabe por onde.

«Quando tornam para casa, vem tolhidinhas; e arrumam-se alli para um canto com o rosario, e pegam a jejuar e a seccar-se até que, á certa confita, mudam de rumo.

— Mudam de rumo?! — atalhei eu, então ellas não levam ao fim a vida virtuosa?!

«Tó carocha! — respondeu o velhaco, fechando o olho direito e arregaçando o beiço de esguêlha.—Aquillo passa-lhe, consoante ellas são de sua natureza. Umas ainda se ficam confessando com o vigario todos os oito dias, *e nas idas e voltas* lá pelos caminhos, se acertam de encon-

trar rapazes da sua áquella, la lhe dizem as arolas do seu systema de vida, e ás duas por trez deixam crescer a carapinha e tornam a comer ás horas. A final casam. Outras... valha-me Deus, que não sei como o patife do deabo arma certas desgraças... Quando a gente mal se percata... sim, um homem que tem filhas como eu, e cuida que as tem seguras, la com as suas rezas, e vai se não quando, como aconteceu a...»

Aqui, o informador nomeou algumas creaturas que eu não conhecia, e desdobrou umas biografias, á conta das mesmas, muito para lastimas e desenganos da minha boa fé.

Depois é que eu intrei a esgaravatar no lameiro onde os missionarios rebalçam as suas confessadas e companheiras de apostolado.

Nem a virtude do pejo!

Numa estreita área d'uma legua a devassidão competia com a estatistica de qualquer povoado em que as almas, sem missionarios conservadores, se contassem aos milhares.

Os mancebos, os Bieitos e Josinos dos éclogas enchiam as tavernas por noite morta e jogavam a esquineta e o monte. As velhas, que não podiam aquecer-se ao fogo da mocidade e dos vicios dessa sasão, eram ladras. O ovelheiro d'este rebanho tinhoso, o vigario, com uma cauda de beatas, que lhe queriam como aos seus olhos, ia tomar chá com ellas, em secreto ágape, e sahia da catacumba com o rosto beatifico a resplandecer santidade. Os meninos beijavam-lhe as mãos, que nunca se abriram com uma esmola para os necessitados. As moças das nalgas anchas e caras escarlates beijavam-lhe a fimbria da batina. E elle, com quarenta sadios annos de idade, inclinava-se ás suas filhas espirituaes e disia-lhes: «Andai, andai, minhas filhas. Coroai-vos de flores ámanhã, na volta das ceifas, e ide assim passar á porta dos impios para vos distinguirdes d'elles.»

Ora aconteceu que os impios era eu e a minha familia. E as operarias da casa do vigario coroavam-se de flores e passavam á minha porta cantando o *Bemdicto e louvado seja.*

O pastor, commensal do hysson e da manteiga das minhas seraphicas visinhas, odiava os meus pequeninos e os meus creados, por que elles cantavam as coplas do *Alfageme* de *Garrett*, que disiam assim:

> Viva o nosso padre, padre capellão
> Que é o nosso santo de mais devoção
> Que me hade cazar. E a mim porque não?
> A todas, a todas, quer queira quer não.

O padre cuidou que eu inventara as trovas para ultrage do sacerdocio, e levou a minha vituperosa invenção rhithmica até á presença do arcebispo primaz. Salvou-se a minha orthodoxia n'este lance; mas quem sabe o que a posteridade dirá de mim quando o *Alfageme* de Garrett estiver esquecido, e viverem ainda na memoria das gerações porvir as minhas desavenças heresiarcas com um vigario do Minho!

§

No centro d'uma provincia em que a desmoralisação compete com a ignorancia, perguntava eu á minha pachorrenta philosophia como era que a freguezia onde eu demorei anno e meio sobrepujava ás outras em vicios de todas as naturezas? Era porque o pastor d'aquella rez gafada sentado na cathedra da doutrina, nunca disse aos seus freguezes: «Não roubeis, não calumnieis, não hombrieis com Deus no juiso das consciencias alheias. Amai-vos uns aos outros.»

§

Ai, meus amigos, se fordes ao Minho, subi aos picos das montanhas, bebei a sorvos aquelle ar balsamico, vêde-me que ceo aquelle, que estrellado escabello onde pousam os pés do Senhor! Não vades ás aldeias que alvejam por entre o cerrado das florestas; que ahi, tirante algum lombo de pôrco, tudo o mais é esqualido e repulsivo.

O CASTELLO DE S. JOÃO DA FOZ

—

Nas salas da pacifica fortaleza da cidade do Porto, ha quatorze annos que fugiam as noites e alvoreciam as manhãs, esmaiando, sem poder quebrantar, a formosura das graciosas damas que dispartiam á volta d'ellas o excedente da sua felicidade. Em noites calmas e alumiadas da lua era bello vel-as, as gentis senhoras que ali moravam, por sobre os baluartes e revelim, vestidas de branco, ora quietas e contemplativas voltadas ao mar, ora correndo ao longo dos terraços, como creanças para quem o crepusculo da manhã da vida havia de esvair-se nos alvores do dia eterno.

Ah! assim foi! Ambas já morreram. Uma com muitas saudades do mundo; a outra com muitas saudades do esposo, que primeiro lhe ensinára o caminho do ceo.

E, quando assim vemos fenecer, ainda toucadas das *flores* da mocidade, senhoras que tinham direito a ser *felizes e afortunarem* almas que tão suas eram, por que não *havemos de crer* que ha anjos? Onde iriam aquelles do-

ces espiritos senão onde o creador lhes dê melhor vida que esta, amor mais digno d'ellas, e incentivo para adorações melhor recompensadas?

Se haverá dos que viram o Porto de ha quatorze annos quem não tenha saudades das noites do Castello da Foz! Eu de mim não sei o que hoje lá passa; mas ouvi dizer que as brizas baloiçam as solitarias ervas dos baluartes e o vento silva nos vigamentos das salas onde estrondeavam as musicas.

Agora é já para mim tempo de renunciar os amargos prazeres da memoria, submetter a alma a umas operações consoantes com a minha idade, e conversar com os velhos do meu tempo, ácerca do Castello da Foz, n'uma linguagem conveniente e apropositada aos nossos annos.

Conversemos pois da origem e antiguidade do Castello, não por que elle seja nosso contemporaneo, mas por que os nossos filhos e netos nos estão pedindo e aconselhando que, em vez de lamuriarmos o desfazimento d'outros castellos aerios que la formamos, lhes contemos quando e como foi feito aquelle.

Ahi vai o que pude averiguar:

Ha 298 annos que a rainha regente D. Catharina mandou ao Porto João Gomes da Silva com a missão de fortalezar as costas maritimas d'esta cidade. O documento d'esta mensagem está no archivo municipal, a f. 142 do *Livro 1.º das Chapas*.

Começou João Gomes da Silva a fortaleza de S. João da Foz. Parece que o Porto, mais commercial que bellicoso, não se prestou voluntariamente ás despezas da edificação. O enviado não era homem de contemplações: embargou e sequestrou logo as rendas da cidade e o rendimento das imposições. O senado reagiu requerendo, e vingou que, no anno seguinte de 1571, fosse levantado o sequestro, e desembargado o remanescente dos impostos, obrigando-se a pagar 120$000 rs. cada anno para

mantimento do capitão, bombardeiro e homens d'armas da nova fortaleza. (1)

Aquelles 120$000 rs. eram pagos pelo rendimento do imposto do sal de 3 reis em raza, com resalva de que se pagariam por outras imposições, havendo quebras nas sizas. (2)

Eu não sei que imposto paga presentemente o sal.

E' preciso que o governo desconheça isto. O discreto leitor saiba e guarde segredo.

Obrigou-se mais a cidade a mandar concertar os telhados da fortaleza, isemptando-se de pagar 10$000 rs. ao capitão e aos soldados. Ora, como o povo se torcesse de pagar os 3 reis em raza de sal, encostando-se ao sofisma de não haver provisão de tal medida, foi mister, em 1601, decorridos já trinta annos de contendas entre o governo e o senado, que o rei intruzo rubricasse um alvará em que manda pagar sem excepção de pessoa. (3)

A camara, já forçada pela pressão dos castelhanos, obtemperou a todas as leis conducentes á morosa edificação do Castello, como se infere do documento que auctorisa o governador a gisar as obras e a camara a pagal-as. (4)

Sem embargo, o Porto sempre em rebellião com os cobradores do imposto, passou pelo dissabor de soffrer um embargo na renda das Alças, por ordem do governador das justiças e armas. (5)

Não cuide alguem que estas Alças são os suspensorios. Havia n'aquelle tempo duas coisas diversas com

(1) Livro 1.º das Chapas, fl. 145.
(2) Id., fl. 148.
(3) Id., fl. 253.
(4) Livro 2.º das Chapas, fl. 46 v.º
(5) Id., fl. 125.

aquelle nome. *Alça* era o que hoje disemos *recurso*, *appellação e aggravo*. *Alçava-se* a pessoa que appellava. Mas é outra a interpretação que devemos dar ás *alças* sobre cujos rendimentos o governador fez embargo. Viterbo define-as assim no *Elucidario:* «Gastos contingentes e incertos, mas que são indispensaveis, perdas, damnos que ordinariamente se experimentam.»

Mas como combinar *perdas* que tinham *rendimentos*? Não ha governo por mais lido e sabido nos methodos de desbalizar os contribuintes que podesse hoje em dia auferir *rendimentos* de *perdas*. Que eu saiba, semelhantes alças não andam falladas na moderna sciencia de administrar. Se o seculo XVI não fazia milagres d'este cunho «financeiro», é preciso entender por outra maneira o que eram *alças*.

Os lexicografos dizem que *alça*, alem de significar muitas cousas, desde o canhão da bota até á aza dos saquiteis das balas em terminologia dos artilheiros, pode tambem significar «o dinheiro que se dá a mais do que é devido» ou «a fiança de seguro». Hade ser uma d'estas, se o leitor não quizer que sejam as outras. A meu juizo, o dinheiro depositado em caução de contractos com a camara era posto a juro, e sobre este juro é que o governador da justiça e armas cahiu com uma inergia digna da inveja dos modernos ministros da fazenda. (1)

Todavia, a cidade para se furtar ao pagamento, estava sempre levantando duvidas. A fl. 150 v. do *Livro 2.º das Chapas* vê-se que a camara duvidava pagar aos soldados com dinheiro do cofre das sete chaves que estava em S. Francisco. Logo adiante, a pag. 154, é obrigada a cidade a pagar; porém, como os soldados se atira-

(1) A definição mais precisa de «Alças» é: «as rendas das herdades», *o* «rendimento de cada anno». Assim as explica um documento *antigo* do cart. da C. M.

vam ao pagador e lhe tiravam violentamente o dinheiro, o governo mandava devassar dos salteadores, corroborando, não obstante a continuação do tributo. (1)

Com referencia á administração do Castello da Foz pode o leitor curioso examinar os seguintes documentos, que lhe indicamos no precioso archivo da C. Municipal. Esta noticia talvez não seja enfadosa para alguem que folga de esgaravatar velharias.

Estes são os unicos apontamentos de achegas elementares para a historia d'aquelle Castello:

Em que sua magestade manda ao juiz do cofre da cidade e officiaes da camara paguem ao alferes Manoel Pereira Neves Manhós e a seu filho Simão Pereira Manhós o soldo que a cada um toca por servirem no Castello da Foz. L.º 2, p. 170.

Que aos soldados de S. João da Foz se faça pagar dentro do mesmo Castello, fl. 172.

Em que se manda tomar conta do dinheiro das fortificações, fl. 175 v.º

Para se concertarem as armas do Castello e se acabarem as obras, fl. 177.

Que se não continue na fortificação da cidade, e o dinheiro applicado para ella se dispenda em fortificar os portos de mar, fl. 183.

Que se pague aos soldados do Castello da Foz da consignação das Alças, fl. 185.

Das rendas applicadas á fortificação da cidade se mandaram levar em conta as despezas que se fizeram nas exequias da rainha, fl. 186.

Para o dinheiro que estava applicado para a cidadella se despender na fortificação de S. João da Foz, fl. 187. (2)

(1) Fl. 166 v.º do L.º 2.º

(2) Esta cidadella fôra mandada construir em 1589; ignora-se, porém, qual haja sido a localidade, e se foi principiada a *fortaleza*.. *Vej. o* L.º 1.º das Chapas fl. 209 v.º E' todavia quasi *certo que não foi* por diante a obra nem o intento, segundo se colhe *d'uma carta de fl. 213* do citado L.º 1.º

Para Jorge da França tomar contas ás pessoas por cuja mão correu o pagamento da fortaleza de S. João da Foz, e se lhe darem os livros necessarios, fl. 214.

O treslado dos capitulos que deu Martins Gonçalves da Camara, tenente do Castello de S. João da Foz, contra os vereadores, e os que estes deram a S. Mag. contra elle e outros procedimentos. L. 2.º das sentenças.

Para se reduzirem os soldos de cada um dos soldados do Castello de S. João da Foz a 50 reis e para se crearem 14 artilheiros mais. L.º 2.º das C. fl. 218.

Para se fazerem os reparos na artilheria fl. 228.

O que não posso é noticiar as datas d'estes documentos; mas é facil esclarecer-se quem quizer.

Direi agora do maximo impulso e acabamento que tiveram as obras do Castello, que só chegaram ao estado em que as vemos, no oitavo anno do reinado de D. João 4.º, volvidos setenta e oito annos sobre os alicerces.

Em 1647 ainda a egreja parochial de S. João da Foz convisinhava do Castello. D. João 4.º deu do seu bolcinho para a nova igreja seis mil cruzados, e os frades benedictinos de Santo Thyrso, cujo era o couto da Foz, pagaram as restantes despezas. A egreja velha foi deruida salvante a capella mor que sobre esteve para o culto do presidio.

Entre papeis velhos que foram do cartorio de Tibaens encontrei, relativo á demolição da egreja do Castello, a seguinte provisão que não corre impressa:

«D. João por graça de Deus, etc. Faço saber a vós corregedor do crime da Relação e casa do Porto que por quanto com ordem minha se derribou a egreja do logar de S. João da Foz que servia de administrar os sacramentos e culto divino aos moradores d'aquelle logar, que era *annexa do* mosteiro de Santo Thyrso de Riba d'Ave da

ordem de S. Bento para fortificação da fortaleza do dito logar; e ficaram em seu ser as imagens, retabolos, caixões, sinos e o mais que havia na dita igreja ao tempo que foi derribada, que sou informado que tudo está guardado: vos mando que tanto que esta receberes façaes logo entregar ao abbade do dito mosteiro de Santo Thyrso ou aos religiosos que tiverem ordem sua ou do D. Abbade geral para receber as ditas cousas, declarando-lhe que tratem logo de as cobrar com cominação de correr o risco e damno por sua conta, sobre a qual entrega e mais diligencia referida fareis fazer os autos necessarios, que enviareis com toda a brevidade á junta dos tres estados do Reino para me ser presente como n'isto se procede. El-Rei nosso Senhor o mandou pelos bispos eleitos do Porto e de Miranda ambos do seu conselho. Miguel d'Azevedo a fez em Lisboa aos 14 de fevereiro de 1648. *Sebastião Cesar de Menezes, D. Pedro de Menezes.*»

Se as imagens da velha egreja passaram á nova, como devemos conjecturar, veneranda antiguidade contam aquelles retabulos que não tiveram até agora, nem sei se a merecem, alguma consideração da arte. Bem pode ser que o tempo e o menos-preço hajam sido injustos com alguns nomes que ainda alcançassem o reinado dos ultimos monarchas da dynastia d'Aviz.

Ahi ficam bosquejadas umas notas subsidiarias para quem mais espaciadamente quizer historiar a formação do Castello da Foz.

No tocante ao seu governo interior deparam-se-nos ainda algumas noticias na *Corographia* do padre Carvalho, tom. 1.º pag. 360. Ha 160 annos que o livro foi escripto. N'aquelle tempo os quatro baluartes e o revelim eram artilhados com desoito peças, dose de bronze e seis de ferro. Alem dos artilheiros que venciam a 80 reis por dia, presidiavam-na quarenta soldados, commandados por um alferes. Na casa dos condes de Penaguião estava, desde D. João IV, o governo da fortaleza, com treze mil reis

de soldo mensal. Os navios estrangeiros pagavam ao governador dous cruzados de sahida e cinco tostões de entrada. Navios portuguezes o minimo que pagavam era dois mil reis. Os barcos de pescaria eram cizados no melhor peixe que trouxessem. As caravellas de sardinha pagavam um cento do seu pescado á entrada, e um tostão á sahida. Os hiates de sal e cal tributavam para o governador dois alqueires.

N'outro artigo coordenarei as notas que tiver ácerca da importancia guerreira e politica do Castello. A guerreira já de antemão posso assegurar que foi mediana. A politica não tanto assim, consideradas as agonias que gemeram nos calabouços d'aquella casa, onde eu, ha quatorze annos, as imaginei, durante as delicias d'um baile.

Os que ali padeceram nas masmorras e muitos dos que eu la vi bebendo a haustos de felicidade o nectar da vida, tudo resvalou no sorvedouro da eternidade...

Findei tristemente como comecei.

ÁCERCA DOS JESUITAS

—

Não sei o que é moda agora: se ser contra, se a favor da companhia de Jesus. Ha sapientissimos varões que a defendem; outros que, tambem sapientissimos, a culpam. Quem não fôr sapientissimo, que possa justificar o pró e o contra, anda acertadamente não se decidindo; porque, se a verdade não está na decisão dos sabios contendores, tambem não é crivel que surja baldeada do pôço da minha ignorancia.

Quando o sr. A. Herculano, ha dez annos, escreveu a *Reacção ultramontana*, andei e varios amigos meus em cata d'uns jesuitas que perseguiam tenacissimos e triumphantemente o douto historiador. Não topamos nenhum. Os reaccionarios conhecidos eram tão visiveis e tangiveis com a sua corpuratura estupida que não podiam ser jesuitas, mineiros clandestinos e subtis obreiros da demolição do edificio novo. Certo que não se queixava destes o descrido impugnador das cortes de Almacave e da *escangalhação* dos cinco reis sarracenos em Ourique. Não

ram, com toda a certeza, jesuitas; porque não se finge ıcilmente de jesuita quem quer. Vae muito de velhaco ladino. A bruteza não faz implicancia á primeira d'aıellas coisas: de estupido e mau resulta a velhacaria sôra que logra embair os mais avisados. Ha tantos d'esses or ahi que se a gente vai a taxal-os de jesuitas cuidareıos que o aguadeiro nos vem á cosinha fazer os exercicios de Santo Ignacio de Loyola ou de Affonso Rodrigues om as creadas.

Ser ladino é outra cousa. A palavra reluz e argue aber, perspicacia, sagacidade, prudencia, ponderação eflexiva, virtudes capciosas, cedencia de beneficios com ıuitissima abnegação de vantagens proprias, influenia salutar sobre os corações em que peze ás rebeldias o espirito, conjuração benigna de vontades com a mira pontada a remotos futuros. Isto, sim, que é dar visos e jesuitismo, quando não seja bem na sciencia e na onsciencia. Conhecemos d'estes de vista e de orelha. Não e nomeiam, por forrar a medos os timoratos. Deixal-os ndar incognitos, que por ora não fazem mal; antes faem bem. O que elles prégam do pulpito, e segredam no onfissionario é bom para os que não sabem extremar o em do mal, nem tem de seu luz que os encaminhe, nem onsciencia que os sobresalte. Não alumiar ignorantes e irar-lhes o missionario illustrado é entenebrecel-os de odo. Tirem-lhes o padre, e depois façam montaria ás eras.

Vá de hypothese que o sr. padre Rademaker e o r. padre Rebello (oradores sagrados já de nomeada esrondosa) sejam da companhia de Jesus. Elles não deneam, e gloriam-se da fama. *Non erubesco...* Pois suppoıhamos que são. Aquelles jesuitas entendo e respeito. 'assam e não deixam vestigios desairosos. Doutrinam e xemplificam. Tem a grande virtude da boa fé, tão rara. Ainda *quando* argumentam mal-avisados, tem o descon- *do intento* e do effeito. Vá de exemplo: o sr. padre

Rademaker disse, um dia, n'um pulpito de Braga, que o arcebispo D. fr. Bartholomeu dos Martyres tinha sido bom patriota. Erro historico de involta com certa imprudencia occasional, porque, n'aquelle dia, conjuravam os sandeus e os hypocritas contra um escriptor concludente em desabono do patriotismo do arcebispo. (*) Foi puro jesuitismo aquillo; mas inculpavel. Era o methodo invariavel em acção, o reconhecimento posthumo do jesuita de hoje em dia ao prelado que quisera fazer reposteiro de D. Sebastião, rei de Portugal, um Simão sapateiro creatura dos padres de S. Roque. O sapateiro é que não quiz.

Gratidão, em todo o caso; não importa que seja jesuitica.

Seja o que fôr, mas que a historia saia enviezada e torcida ao torno da piedade, as resultas são prestantes. O povo não pode fitar a luz que lhe dardejam os sabios sinceros. Falta-lhe tirocinio que o habilite a ser bom com a verdade simples, a crer que pode um homem ir ao ceo sem diploma de bom patriota.

Mas que reacção temivel foi essa que tão alvorotados trouxe os animos? A meu juiso, andaram a crear avejoens para estadearem a valentia com que os afugentavam. Tanto assim, que, a poucas voltas, tudo se callou, excepto os srs. padres Rademaker e Rebello, e outros que tanto podem ser jesuitas, como franciscanos, como paulistas. Bernardos é que não. Tem grammatica e rethorica de mais para isso.

Ja não conheço quem tenha medo a jesuitas. Pode quem possuir memorias do passado d'elles, se ainda as ha inéditas, trazel-as á praça e offerecel-as aos historiadores e colletores de libellos diffamatorios. Tenho dois pa-

(*) *O abalisado* professor e orador sagrado Joaquim Alves *Matheus, conego da sé* primaz.

peis velhos que ainda não foram estampados, se me é fiel a memoria. Se isto de jesuitas em 1868 fosse coisa seria, á fé que não tirava eu pela estampa um documento que os accusa de assassinos, nada menos que um quase deicídio, visto que o morto era o vigario de Christo. Do outro, que os defende, direi depois.

Vai ler-se uma carta que de Roma escreveu um personagem da jerarchia ecclesiastica a um prelado religioso de Portugal. Tracta da morte de Clemente XIV.

CARTA

«Em fins do anno de 1770, soaram as profecias d'uma camponeza de Valentano, chamada Bernardina Benzi, relativas a jesuitas, de fora parte muitas outras propaladas por sujeitos da extincta companhia, com o scopo feito em amedrontar o papa, antes de publicada a extincção.

«A impostora prophetisava que não se havia de acabar a companhia; que um famigerado jesuita seria promovido ao capêllo cardinalicio por Clemente XIV, e que as provincias, d'onde tinham sido expulsos, lhes seriam restituidas, convertido a elles o papa.

«Prophetisou Bernardina a morte do pontifice, predisendo-lh'a para 24 de março de 1771. O papa n'esse dia teve saude e comeu bem.

«Foi a companhia extincta em agosto de 1773. Bernardina continuou a prophetisar que os jesuitas resurgiriam, e o papa e os reis cooperadores na extincção morreriam atormentados.

«Sem embargo, o papa continuou a viver sadio e contente por espaço de oito mezes, bem que desconfiado.

«Clemente XIV era rijo de compleição, todavia atreito *a flatos hypocondriacos*. Fallava sonoramente. *Andava a pé como no* vigor dos annos. Muito alegre, e afa-

vel até ao excesso. Dormia cinco horas depois de ter ceado alegremente.

«Ora, em um dia da semana sancta d'este anno de 1774, Clemente, depois de jantar, sentiu-se anciado, com grande frio interior. Julgou casual o successo; e melhorou. Ainda assim, inrouqueceu, perdeu o timbre da voz, e ficou sentindo as goelas inflammadas, grande fastio, e extraordinaria inquietação. Seguiram-se vomitos, fraqueza nas pernas, somno excessivo e dores no ventre.

«Tamanho era o animo de S. Santidade que procurava dissimular e encobrir estes symptomas, bem que estivesse persuadido que lhe tinham propinado peçonha, por se lhe acharem certas pilulas anti-toxicas, das quaes usou constantemente.

«Assim passou o papa, disfarçando, durante os mezes de maio, junho e julho, e revelando a decadencia de forças e outros accidentes. Isto não impedia o divulgar-se que S. Santidade havia de morrer cedo, aprazando alguns o dia 16 de julho. (*) E, como este dia passasse, espalharam que o papa morreria em novembro.

«No fim de julho foi Clemente XIV a banhos de que usava annualmente contra humores que padecia de verão. Demorou-se até agosto, sem melhorar da fraqueza, da garganta e abrimentos consecutivos de bocca, e extraordinarios suores, dos quaes se disse que S. Santidade os promovia como auxiliares ao restabelecimento da saude.

«Nos ultimos dias d'agosto começou a receber os ministros, não obstante a debilidade e inquietação interior. Seguiu-se o perdimento da alegria e natural mansidão; agitava-se com facilidade; sobrevinha, porem, a sua sancta indole a contêl-o.

«No dia ultimo de agosto sahiu, e viu trez padres,

(*) *A abolição* dos jesuitas foi assignada em 21 de julho.
NOT. DO EDITOR.

um dos quaes, levantando a mão, e pondo n'elle os olhos, ameaçou-o com ella, sumindo-se logo por entre as turbas. Disfarçou o S. Padre; porém n'essa mesma noute, o revelou a pessoa de sua muita confiança.

«Neste tempo, o vigario geral do bispo de Padua escreveu ao secretario da congregação *de rebus jesuitarum*, contando-lhe que certos ex-jesuitas se lhe tinham apresentado, injuriando Clemente XIV, por pensarem que elle vigario era de sua facção, e lhe disseram que o papa havia de morrer em setembro. Simultaneamente espalhou-se uma estampa gravada em Alemanha. A' direita estava a morte com bandeira que tinha um christo; no centro uma peanha em cujo cimo assentava uma especie de tabernaculo dentro do qual se via uma figura; á parte esquerda, um jesuita com habito clerical, e tinha por cima o distico: I. H. S. *(Jesus salvador dos homens)* Na orla da estampa liam-se estas palavras: *Sic finis erit.* Logo depois, se liam certos versos em idioma tudesco, nos quaes se declara que os jesuitas eram inalteraveis; de traça que as maiusculas compunham o seguinte numero romano: MDCCLVVVVIIII, que é o anno 1774 em que morreu Clemente XIV.

«Em seguida, veio a primeira febre ao papa na noite 10 de setembro, com tal desmaio e prostração que o julgaram morto. Tiraram-lhe dez onças de sangue, e não se lhe viu signal de inflammação, nem na respiração ou peito coiza grave. O sangue dava o soro correspondente, posto que os medicos o julgassem dessorado em consequencia dos copiosos suores.

«Na manhã do dia 11 começou o papa a melhorar da febre, e ao parecer dos medicos estava livre; e tão de pressa corriam as melhoras que ja sahiu nos dias 14 e 15, e fez-se prestes a ir passar alguma temporada no castello Gondolfo.

«*No dia 15*, volveu-lhe o quebranto com pesado *somno, dia e noute*, ate ao dia 19 em que lhe sobreveio

febre, grande elevação no baixo ventre e retenção de ourinas.

«Sangraram-no, e ainda o sangue não denotou qualidades inflammatorias. O ventre não respondia dolorosamente á pressão, e as funcções respiratorias continuavam livres.

«Recrudesceu a febre durante a noite; sangraram-no de novo, e voltaram a sangral-o no dia seguinte. O pulso quebrou por tal maneira, que ja os medicos o consideravam muito melhor: mas reacendeu-se a febre, e tão desanimadora que resolveram ministrar-lhe o viatico. Passou o papa inquieto o restante da noute; em vista do que, tornaram a sangral-o no dia 21. (*) Continuou a febre, e intumecencia do ventre e retenção de ourinas; de sorte que, na mesma noute, lhe deram a extrema-unção; e, no meio de fervorosos actos de piedade e contricção, verdadeiramente exemplar, rendeu a alma ao creador ás 3 horas do dia 22 de Setembro de 1774.

«A' mesma hora do dia seguinte foi aberto e embalsamado o cadaver; mas primeiro se observou que o rosto estava livido, os beiços e unhas estavam negros, a região dorsal tambem ficara denegrida e o abdomen inchado.

«Aberto o cadaver, viu-se o lobulo esquerdo do pulmão adherente á pleura inflammada, e ambos os lobulos regorgitados de sangue crasso. Cortada esta substancia, estilou um puz sanguineo. Aberto o pericardio, achou-se o coração muito redusido por falta do fluido incluso no pericardio. Debaixo do deafragma, o ventriculo e intestinos estavam cheios de ar e cancerados.

Fez-se a incisão do esôphago, continuando-se até ao ventriculo e piloro e pequenos intestinos. Viu-se todo o

(*) Depois das quatro sangrias, se o papa morrer, a justificação dos jesuitas deve ser facil.

NOT. DO EDITOR.

interior do esophago inflammado, e disposto á gangrena, e bem assim a parte superior e inferior do ventriculo; e tudo cheio de um fluido que os professores nomearam *atrabilis*. O figado estava pequeno com durezas cirrosas superiormente; na vesicula do fel superabundava humor, e no baixo ventre limpha. No craneo, a dura-mater estava turgida e um pouco flacida.

«Introdusidas as intranhas em uma redoma, rebentou a redoma á uma hora da noute, derramando por toda a casa insoffrivel fedor. Não obstante o embalsamarem-no poucas horas depois, na manhan seguinte foi preciso chamar um medico, o qual achou o cadaver muito fetido, o rosto denegrido, as mãos negras, e nas costas empollas altas da grossura de dois dedos, cheias de serosidade lixiviosa, como se lh'as tivessem queimado. Alem d'isto, viu-se grande quantidade de sôro sanguinolento que escorria pelo leito e arregoava no pavimento, causando grande e phenomenico espanto aos medicos. Quizeram fechar o cadaver; mas monsenhor mordomo obstou disendo que isto devia produsir máo effeito no publico. Procuraram-se outras cautelas. Começaram as unhas a cairlhe á menor esfregação, e a epiderme a arregaçar-se-lhe das mãos. Notou-se mais que todos os musculos da região dorsal estavam despedaçados e desfeitos, formando os musculos intercostaes uma fenda por onde se viam os balsamos illesos d'entro do peito. Cahiu-lhe grande parte dos cabellos. Embalsamado e revestido de novo, foi levado em caixão fechado para S. Pedro.

«Apesar da politica com que se explicou a maior parte dos medicos, divulgou-se logo em Roma o que fica descripto. Escandalisou-se o povo romano, e disse que o papa fôra invenenado com peçonha que se fabrica na Calabria e na Peruggia, de effeito lento. Os espiritos observadores confrontavam as profecias que de certo não tinham espirito de Deus, porque a maior parte d'ellas sahiram falsas. Confrontaram tambem as noticias e os-

tampas, as ameaças e a commoção interna de Clemente XIV, a inflammação da garganta, a falta de forças progressivas, o frio, a inchação do ventre, a retenção de ourinas, a perda da voz, os vomitos, a lividez, a negridão das unhas, o despegar dos cabellos, a secura do coração, isto tudo combinado deu em resultado que peritos e imperitos dessem como averiguado que Clemente XIV morreu de veneno, e entre os imperitos estou eu, e entre os amigos de v. tambem de quem, com a mais affectiva estimação, sou etc. »

Quem não estava com o sisudo auctor da carta era Cezar Cantu, o rapsodista mais sem critica e discernimento que ainda alinhavou historia de remendos. Cantu mofa dos credulos no homicidio de Clemente XIV. Quase o vitupera por ter extinguido a companhia de Jesus, e assevera que «não se liquidou um só jesuita culpado dos crimes attribuidos.» Invectiva contra os estadistas europeus que calumniaram a innocente companhia, e carrega mais a mão sobre o conde de Oeiras a quem elle, para guardar uma veracidade irreprehensivel no todo da sua historia, chama *Joseph de Pombal.* (*)

Quem dilucidou as incertezas e justifica plenamente a carta do portuguez foi Augustin Theiner que, pouco ha, publicou uma *Histoire du Pontificat de Clemente XIV.* Soccorreu-se de documentos ineditos encontrados nos archivos secretos do Vaticano, e mostrou hora a hora os effeitos do veneno no pobre ancião de sessenta e nove annos. Era tristemente magestoso ouvil-o, quase ao vasquejar da vida, discorrer ainda com aquella florecencia e nitidez de que proviera chamarem-lhe o Miguel Angelo dos oradores!

Bem tinha elle interpretado aquellas cinco lettras

(*) Veja o tomo XVII da versão de Lacombe, ediç. de 1862, *pag. 208 e seg.*

do cartaz pregado em Roma: *I. S. S. S. V. in settembre sarà sede vacante.* Já o veneno lhe lacerava de antemão as entranhas, quando, assignada a estincção dos jesuitas, murmurou: «Fiz o que devia; não me arrependo; mas esta suppressão hade matar-me». Acceitou com jovial semblante as agonias, sem ao menos se pôr em côbro. A contorcer-se nas dos ultimos dias, recebia os visitantes que o procuravam, e captava-lhes os corações e as lagrimas. Um rico lord que o viu no derradeiro mez de vida, sahiu disendo: «Se este papa podesse casar, eu dava-lhe a minha filha unica».

Posto isto, resta-me acrescentar que ainda me não decido contra nem a favor dos jesuitas. Em primeiro logar por que eram homens tão barro e lodo como eu. Em segundo logar, por que os adversarios d'elles não provaram a sua bondade propria, desterrando-os, matando-os nas masmorras de S. João da Foz, ou queimando-os nos autos-da-fé em Lisboa. Em terceiro logar por que os indios, desbravados por elles, choraram longo tempo o tirararam-lh'os e o reduzirem-os á escravidão antiga. Em ultimo logar, por que os jesuitas do meu tempo são pessoas inoffensivas, e alem d'isso calumniadas, quando praticam actos benemeritos de louvor.

PRÆCEPTOR INFELIX

Assim foi chamado o lente da Universidade, doutor Antonio Homem, que a inquisição matou em 1624. Da sentença, que tenho manuscripta e foi publicada nos n.os 3 e 4 do *Antiquario Conimbricense*, não se colhe a edade e filiação do «professor infeliz;» mas as notas que marginam a sentença do meu *Ms* dizem que Antonio Homem, quando foi assassinado, teria sessenta annos, e era alto e bem disposto.

Foi filho de Jorge Vaz Brandão, christão novo, e de sua mulher que era filha bastarda de Gonçalo Homem. Este Gonçalo Homem foi filho de Gil Homem, d'Aveiro, e de sua primeira mulher Brites Nunes, filha de Gonçalo Nunes Cardoso, chamado «o rico d'Aveiro», todos pessoas nobilissimas.

Antonio Homem Brandão (e não *Leitão* como equivocadamente diz Francisco Freire de Mello na sua Representação ás côrtes impressa em 1821 contra a Inquisição), doutorou-se em canones, foi lente de prima na

universidade e conego doutoral da Sé de Coimbra. Accusado de presidir ás ceremonias dos jejuns dos judeus em sua propria caza e de crimes d'outra ordem offensivos da dignidade humana, insistiu contumazmente na negativa, e foi por tanto queimado.

Ordenou, além d'isto, a inquisição que as casas de Antonio Homem se arrazassem e semeassem de sal, e nunca mais se reedificassem. E sobre as ruinas complanadas do edificio mandou levantar um padrão alto com letreiro que declarasse o horrendissimo caso.

Assim se fez.

O meu manuscripto foi datado em 1720.

N'este tempo existia uma praça ao pé das Olarias.

As casas do doutor Antonio Homem tinham enchido toda a área da Praça. Não sei se ainda existe o local desoccupado.

Ergueu-se o padrão commemorativo, architectado com duas pedras quadrilongas sobre-postas.

A pedra cimeira cahiu em 1705 d'uma maneira tragica e azada para commentarios supersticiosos. E não se fizeram poucos. Passou assim:

Em maio d'aquelle anno, festejando os conimbricenses a reeleição do Geral de Santa Cruz, transitavam pelas Olarias uns mascarados truaneando. Um d'elles, beirão, estudante de medicina e christão novo, apartando-se dos outros, foi abraçar-se á columna. Eis que a pedra de cima rue sobre elle e o mata, sem lhe dar tempo a proferir palavra.

Não sei se a pedra foi reposta, nem quando o padrão foi demolido. Póde ser que elle esteja formando parte d'alguma parede das casas visinhas. Pois, se viesse a ser descoberto o padrão d'Antonio Homem, não sei que reliquia phenicia ou romana lhe ganhasse em quilate archeologico.

O doutor infeliz foi canonisado entre os seus correligionarios. Os hebreus de Lisboa intentaram crear alli

uma irmandade de Santo Antonio com o velhacas proposito de adorarem clandestinamente o seu santo, zombando assim do outro homonymo do calendario catholico. Descubriu-se-lhes a tempo a malicia, e não vingaram a manhosa devoção. Foi bom! Forte escandalo!

Eram muito uzuaes estas canonisações entre a gente hebraica. Já Antonio Homem na sentença é accusado de ter em sua casa um retrato do capucho portuguez fr. Diogo da Assumpção, que tinha sido queimado tambem judaisante em 1603. O retabulo descobria-se e era incensado nas cerimonias dos jejuns judaicos.

Direi duas palavras do frade beatificado.

FR. DIOGO DA ASSUMPÇÃO

—

Diogo era filho d'um fidalgo de Vianna do Minho ou de Vianna de Caminha como então diziam. O ruim sangue procedia-lhe da mãe, que era christan nova.

Professaram elle e um irmão. O irmão morreu martyr pela fé de Christo no Japão; fr. Diogo fugiu do convento e andou por Flandes e Inglaterra prégando contra Christo e contra a fradaria. Da lei christan dizia elle (se a sentença não mente) que tinha sido forjada por uma malta de criminosos foragidos por entre penedos á justiça dos cezares; dos frades affirmava que, sobre serem máos, eram ignorantissimos.

O descôco de vir metter-se nas garras dos inquisidores, depois d'aquillo, não sei explical-o! Prezo sei eu que elle foi, e conduzido á meza do tribunal confessou os seus erros, pediu perdão com muitas lagrimas e submetteu-se á penitencia que lhe imposessem, implorando-a com vehementes mostras de contricto.

Vai se não quando, volvidos dias, torna frei Diogo ao tribunal e declara que é hebreu, que se desdiz da inconsiderada abjuração que fizera da sua crença profunda e inabalavel em Moisés. Corre uma formal descompostura aos inquisidores, e trata de os reduzir á verdadeira

religião querendo convencel-os de idolatras e parvos. Á cruz chamava o impiò dois páos; dizia que Jesus era remido e não redemptor; que os trez deuses da Trindade revia puro gentilismo; que isto de santos cheirava a historia de origem pagan; que a eucharistia da missa era pão; que Jehovah promettera restaurar a paz quando viesse ao mundo, e que, depois de Christo, a guerra ardia como d'antes; que o Baptismo era uma lavagem d'agua nem sempre limpa; que os inquisidores eram uns ladinos biltres de quem o verdadeiro Deus não recebia senão affrontas.

Chamado outras vezes ao tribunal, subia de ponto nas insolentes impiedades. Regeitou lettrado que o defendesse e padres que o admoestassem. Deixou-se ir á fogueira com espantosa serenidade, e morreu com os olhos postos no ceu e os braços amarrados a um poste.

Os hebreus inscreveram-no logo na extensa lista dos seus martyres, e o doutor Antonio Homem levantou-lhe altar ao seu retrato.

É de saber, diz o manuscripto, em que li o traslado da sentença pouquissimo conhecida, que o pai d'este frade foi chamado de Vianna e mettido na masmorra com o filho a ver se o demovia. Pobre pai!

Como elle sahiria do carcere na vespera do dia da fogueira! Não conseguira senão arrancar lagrimas de sangue ao coração do pobre môço, que se deixava matar antes dos trinta annos!

Ajuncta o *Ms*: «E seu pai sentiu isto tanto que, sendo morador d'entro da villa de Vianna, em casas suas proprias, se sahiu d'ellas, e as deixou cahir, indo residir em uma quinta sua onde ainda viveu muitos annos e morreu muito velho.»

De maneira que este excruciado velho creara dois filhos para martyres de suas diversas religiões.

Se aquellas duas almas se encontrariam com a do *ncião na presença* do verdadeiro Deus!..

UM BOM MINISTRO DA FAZENDA PARA PORTUGAL.

—

D. Pedro 2.º sondava o pulso da nação, e sentia que a inferma propendia de puro extenuada ao lento agonisar da cachexia.

Tinham custado caras as parcialidades que lhe deram a regencia e depois o reinado. As cortes dos prelados em S. Domingos, abjectas e humilhadas, esponjaram tanto do erario como as dos fidalgos. Sem muito dinheiro, era impossivel amordaçar a consciencia de tantos magnatas mitrados e implumados que impassivelmente viram, entre o carcere e o tumulo, arrastar-se e lacerar-se a pedaços a vida do filho de D. João IV.

Queria o real verdugo do irmão attribuir o desfallecimento e pobresa do paiz a uma qualquer causa alheia das suas veniagas de partidarios. Pedia ao seu secretario de estado, Roque Monteiro Paim, cauterio para o cancro. O ministro declinava de si as honras e o proveito do alvitre salvador encommendando a outro o encargo de regenerar a *fazenda* publica, cedendo n'elle o galardão da *façanha.*

Andou o privado de D. Pedro 2.º escudrinhando um homem e veio ate Coimbra com a lanterna de Diogenes; mais ditoso, porém, que o philosopho cynico, encontrou nas cathedras da universidade um sabio, um doutor, alguma coisa mais rara que um homem.

Chamava-se o doutor *Jacob Sebastiam Selabus*. Tinha nome e sangue hebreu. Viera de fora, talvez de Flandes, por motivos que se esconderam ás minhas indagações. Estava alli em Coimbra, empinado em oraculo, alvitrando ao rei directamente, ou carteando-se com elle mediante os ministros.

Pediu-lhe Roque Monteiro Paim que minutasse uma lei impeditiva da exportação do dinheiro. Aquelles economistas do seculo XVII não sabiam remediar a pobresa do estado senão impedindo que o dinheiro transpozesse as raias do territorio.

Outra fonte de ruina era o cerceamento das moedas de ouro e prata, visto que ja ninguem aceitava as patacas refêces; e á fazenda real, havendo de as tirar do giro, urgia-lhe cambia-l'as por prata equivalente, prejudicando-se.

O rei tinha mandado cordoar o bordo das moedas para impedir a cerceadura; isto, ainda assim, não remediava o principal maleficio, que era sumirem-se em unhas de francezes e inglezes as moedas não cordoadas.

Os sabios andavam em pancas no anno de 1687 sem atinarem com o expediente regenerador, quando o doutor Jacob Sebastiam Selabus, batendo trez sapatadas na cabeça prenhe de regenerações, golphou dos bicos da ramalhuda penna de galinha a seguinte carta a D. Pedro II:

«Serenissimo Rei, Muito Alto e Poderoso Senhor. (*)

(*) Traslada-se a carta d'uma copia, adjuncta a varios papeis, *ineditos* concernentes aos reinados d'Affonso VI e Pedro II. A *collectanea de mss.* intitula-se *Cortes* ecclesiasticas de 1668 e 1674, *e outros papeis*.

« Offereci a V. Magestade por mãos de Roque Monteiro Paim ,um papel que o dito Roque Paim me mandou compor em zelo do serviço de V. Magestade em que apontei as causas da atenuação de Portugal, e o remedio politico com que o reino lograsse seu proprio ser em rasão da natureza o haver dotado com tantas e mais excellencias dos mais reinos e monarchias.

« Manifestei outrosi a V. Mag. quem sou, a causa de estar neste reino e assistencia nesta universidade, requisitos dignos de V. Mag. amparar-me e defferir-me ao requerimento no tal papel proposto (1)

« Toquei ácerca do dinheiro e cerceadura d'elle; houve, porém, quem propoz que se pozesse cordão nas moedas de ouro, e se recolhessem as patacas de pezo de 4 oitavas $^1/_2$ para cima. Uma e outra coisa se executou.

« O remedio do cordão é muito bom para evitar as cerceaduras das moedas cordoadas; mas não remedeia que os inglezes e francezes não vão agora mettendo em si aquellas moedas que ficaram por cordoar as quaes são mais do tresdobro das que estão ja cordoadas, e todas vão fora do reino. Quanto mais que este cordão abre a porta a novos delictos; que como no cordão consiste so o requesito de correr ou não correr a moeda, não faltará quem as fabrique de menor pezo e muito bem cordoadas; e nas raias de Castella as cordoarão depois da barba feita, como faziam ás patacas; e assim se vê que o remedio do cordão é muito prejudicial ao reino e causa incitante de novos delictos.

« O recolher V. Mag. as patacas de 4 oitavos e $^1/_2$ para cima, dá franquia aos cerceadores de as irem barbeando até ao dito pezo, como já se tem experimentado: com o que padece a fazenda real mais este detrimento, está

(1) *É claro* que o sabio não salvava gratuitamente o paiz. *Parecia-se com os ignorantissimos salvadores de hoje em dia.*

o reino em grande confusão, queixam-se os pobres, padecem todos, as patacas ninguem as quer, não se vê outro dinheiro nem o ha, o novo não pode chegar a todos, e o reino é abalado por fome e miseria, todos são perseguidos sem verem o inimigo que os persegue.

« Os alvitres que se hão de dar aos principes hão de ser remedios universaes que em si comprehendam e remedeiem todos os incommodos; porque aquelles que fecham a porta ao mal presente e a abrem ao mal futuro, não é bom propôl-os porque empenham o respeito real e dão motivo á murmuração de caza mal governada, o que é em offensa do estado real dos principes, nos quaes não ha arrependimento, porque n'elles não se considera erro; e basta para exemplo a inteireza de Pilatos quando os judeus queriam que escrevesse que Christo disséra ser rei dos judeus, e não que o era; ao que Pilatos respondeu: *quod scripsi scripsi;* (1) para que assim se não proponham alvitres que depois necessitam de revogações pelas suas inconveniencias.

« Quero dar a V. Mag. um remedio universal que dê fim a todas estas inconveniencias, e alivie V. Mag. dos cuidados e mortificações, fazendo acabar as cerceaduras, remediando o povo e impedindo que o dinheiro vá para fora do reino.

« Mande V. Mag. apregoar que toda a pessoa, de qualquer qualidade que seja, que tiver em seu poder dinheiro velho cerceado, assim ouro como prata, patacas, moedas de cruzados, e dois tostões, marcadas e para marcar, as levem á casa da moeda d'entro de um anno e mais ainda, se necessario for; e lá lhe darão dinheiro novo pe-

(1) Pilatos entra n'esta carta muito menos adquadamente que *no credo.* O doutor Jacob, quando se abstrahia por philosophias *da arte de governar,* não quadrava com o grande homem que foi a *dar conselhos. Não* lhe calha bem o abstracto.

lo velho, segundo o pezo que cada moeda tiver em razão de 90 reis por cada oitava de prata e 1050 reis pela oitava d'ouro, e que ahi entre tambem as de cordão antes que venham de França cordoadas; e seja permettido que d'entro do dito praso corra a moeda cerceada pelo pezo que tiver em relação ao valor sobredito. D'esta sorte, acaba-se a cerceadura, por que a si mesmo se prejudica quem a cercear, por não ter a prata entre particulares o valor que tem amoedada.

«Deste modo se remedeia o povo, em quanto V. Mag. não provê o reino de novo dinheiro.

«D'esta sorte, não levam os francezes e inglezes o dinheiro fora do reino, por lhe não fazer conta.

«E d'esta sorte reparte V. Mag. com o povo a perda, e ninguem fica com razão de queixa.

«E no tocante á patacaria de pezo que vem de Castella, fallarei constando-me que esta foi aceita por V. Mag. Deus Guarde a Real Pessoa de V. Mag. por mil seculos como todos a Deus rogamos. Coimbra 10 de fevereiro de 1687. Humilde escravo de V. Mag. *Jacob Sebastiam Selabus.*»

Não sei se D. Pedro II apremiou condignamente o restaurador das *finanças*, palavra que o doutor Selabus nunca ouvio nem sonhou que em Portugal se aclimasse. E todavia é optima, venha ella d'onde vier. Quando Portugal está a *finar-se*, chamam-se *finanças* as rendas publicas.

Quer-me parecer que D. Pedro não salvou o paiz com a mézinha do professor de Coimbra. D'ahi a quatro mezes, casou elle com a segunda mulher, por meio da qual se multiplicou em sete filhos, afora outras multiplicações bastardas todas tendentes a felicitar o paiz.

Quanto á moeda, o que sabemos de Manoel de Serim de *Faria* (*Noticias de Portugal*) e de fr. Joaquim *de St.º Agostinho* (*Memoria* sobre as moedas do reino e

conquistas) é que D. Pedro II levantou grandemente o valor do dinheiro, alvitre que não consta da carta do mestre Jacob.

Como quer que fosse, quem pilhára um Selabus para ministro da fazenda actual! Um sugeito assim, depois de ter comido tres jantares patrioticos, salvava-nos! Que faria elle para supprir o abolido imposto de consummo? Não deixava sahir vintem para fóra do reino.

Srs. Selabuzes modernos, aprendam!

HISTORIA DA EGREJA

DE N. S. DA LAPA, DO PORTO

—

Foi calamitoso para o Porto o findar do anno de 1754 á conta da inverneira que engrossou a corrente do Douro a termos de se alagarem e arrazarem ricos depositos de vinhos na margem esquerda, em Villa Nova de Gaya. O mais prejudicado entre os opulentos proprietarios de armazens, n'aquelle tempo, foi Joseph Vicente d'Andrade Bellesa, fidalgo da casa real, mestre de campo do Terço de infanteria do Porto, e administrador dos morgadios de Valdigem e S. Lourenço. Eis aqui uma familia cuja celebridade genealogica e dinheirosa, no rodar de cem annos, se foi adelgaçando até sumir-se do plano da mediania.

De par com as calamidades do ceo tempestuoso encaminhou para este lado a mão benigna da providencia um missionario apostolico, filho do Brasil, chamado Angelo de Siqueira, devoto ferventissimo de nossa Senhora *da Lapa. Entrou* o varão de Deus prègando no Porto *com tanta efficacia* as maravilhas da sua devoção que le-

vava de poz si todas as almas em grande parte carecidas de Deus, que as abrigasse das inclemencias do tempo. A philosophia actual, em apertos de muita chuva, antes de ir ás predicas do Padre Angelo, recorreria naturalmente e mais depressa ás capas de gutta-perche e ás botas inpermiaveis.

Não eram assim, ha cem annos, os cidadãos da terra laboriosa onde a mansenilha, a arvore da philosophia só ganhou raizes depois de muito adobada de sangue. O padre Angelo de Siqueira, como começasse a prégar no ultimo quarto minguante da lua tempestuosa de dezembro, conseguiu o duplo prodigio de obter, no mez seguinte, uma lua inchuta e serena. Em virtude do quê, alguns sugeitos de maior porte lhe offereceram terreno em que elle edificasse uma capella á Senhora da Lapa, no logar de Santo Ouvidio, á raiz d'um monte, entre as duas estradas que vinham de Braga e Guimarães.

Começou a obra em 7 de janeiro de 1755, e já a 20 uma egreja com oitenta palmos de comprimento e quarenta de largura estava coberta. Treze dias! Que admiral O noticiador do maravilhoso esforço escreve: «E' inexplicavel o grande fervor com que todo o povo d'esta cidade concorreu para este sancto edificio, assim para a despeza como para o trabalho. N'elle se empregavam muitos fidalgos principaes que vivem no Porto e muitas fidalgas, varias mulheres de ministros togados, clerigos, religiosos, homens e mulheres particulares, e plebeas, estudantes, meninos e meninas; uns partindo as pedras, outros acarretando os materiaes e conduzindo as telhas. O mesmo coronel governador das armas marchou com os regimentos armados para o mesmo logar, para todos trabalharem n'esta devotissima obra, sendo elle o primeiro *que lhes* deu exemplo, provocando este piedoso espectaculo *lagrimas* de cordial gosto a todos os circumstantes.»

Quanto pôde a fé atervorada pela unção apostolica *do padre Angelo*! As fidalgas carreando entulho com os

seus guarda-infantes amarrotados pela serguilha das mulheres da arraia-miuda! Meninos e meninas com estudantes e frades e soldados e mulheres de ministros togados a pucharem ás cordas dos guindastes, a tirarem pelas alçapremas! Edificante mistura e commovente azáfama! Hoje aposto eu dobrado contra singelo que o padre Angelo, se quizesse fazer egreja e prégasse tres horas na Praça-Nova para esse fim, difficilmente arranjaria pedreiro a menos de 400 reis por dia!..

Como tudo se muda e degenera! Por isso as coisas vão como vão!..

Os peccadores d'aquelle tempo... Pois havia quem peccasse? Parece que sim. Diz o informador que pegado á egreja se construiu um confessionario publico, onde os homens hiam de noite fazer as suas confissões geraes, sem serem conhecidos, para que o pejo dos peccados os não perturbasse. Fez-se alli tambem uma roda para mediante ella se restituir dinheiro, peças d'ouro e prata, e até furtos sem serem conhecidos os restituidores.

Pelos modos tambem havia ladrões n'aquelle tempo. É pena que a geração actual possa atirar com isto á cara de seus avós. Haveria ladrões, não duvido; mas faziam-se egrejas em treze dias. E agora?.. Não quero questões.

E no tal confessionario armaram-se camas e cosinhava-se ceia para os penitentes que la queriam fazer bom exame de consciencia, desafogados dos cuidados domesticos.

Se hoje a piedade abrisse casas d'estas, entrariam de roldão os hospedes para cear; os quaes para não fazerem exame de consciencia ja entrariam sem ella para lá. Os exames d'agora são todos de estomago. Toma-se ferro e pepsina como então se tomavam hostias.

O reviramento é completo!

E depois ornamentaram a egreja faustuosamente, e *logo, ao vigesimo* dia, se disse missa com orgão e grande *consolação* dos fieis. A imagem da Senhora da Lapa

sahiu do convento de Santa Clara, a 10 de março, em magestosa procissão, á frente de trez andores com S. João Marcos, S. Francisco e S.ta Clara. A Senhora ficou-se chamando da *Lapa das Confissões*. Illuminaram-se as janellas á noite, e folliaram até á madrugada indistinctamente todas as classes do Porto.

E' consolador pensarmos que não podemos ser indifferentes ás pias almas dos nossos avós de 1755. Lá estão onde peçam por nós, que bem mister se nos faz.

O magnifico templo que o leitor vê não é o esboço de egreja que ha cento e treze annos fizeram em vinte dias os meninos e meninas com os estudantes e soldados, e mais os frades e fidalgas. Não, senhores. Agostinho Rebello da Costa, trinta e tres annos depois, escrevia que não estava ainda concluida a egreja. No tempo de Rebello ainda lá demoravam confessores permanentes que faziam d'aquella casa um alfôbre de anjos; mas não diz elle se no seu tempo ainda era moda restituir os roubos. Desconfio que esse costume já ia em grande decadencia.

Ora eu, para que me não digam que dou o exemplo de ter passado de todo a usança de restituir o furtado, declaro que respiguei estas noticias em um folhetinho publicado em 1755, com este titulo: *Copia de uma carta escripta por um cidadão do Porto a um amigo morador em Lisboa, e Relação da singular noticia que n'elle se contem.*

Que singular noticia!

NOTICIAS DO PORTO ANTIGO

I

No anno de 1611 foi mandada construir a alamêda da Porta do Olival, á custa do imposto do vinho, e de fronte do Terreiro da Relação se mandou abrir um postigo. A alamêda era guardada por quatro homens gratificados cada um com oito mil reis annuaes, tirados do mesmo imposto do vinho.

§

As freiras de Santa Clara, até o anno de 1500, recebiam portagem das mercadorias que passavam pelo rio Douro. N'aquelle anno foi-lhe cassado o direito, e no de 1104 tornaram a restaural-o, pelo que dizia respeito ás mercadorias de Entre-ambos-os-rios, por ser couto do mosteiro.

§

Os cidadãos do Porto eram privilegiados para poderem andar armados por todo o reino. As armas, vindas para o Porto, não pagavam decima nem siza.

§

Em 1570 mandou D. Sebastião repartir armas do seu armazem pelos moradores do Porto que as não tivessem, sob condição de as pagarem. Em 1571 veio ordem para que todos se exercitassem no jogo das armas, aos domingos e em dias sanctificados.

§

Em 1510 correu uma demanda entre a cidade e Fernão Brandão sobre a portagem de Avintes. Desistiu Brandão, dando-lhe a cidade um terreno para casas e quintal junto á rua de S. Miguel e postigo pegado ao muro.

§

D. Manoel concedeu em 1497, aos cidadãos do Porto que podessem trazer borseguins, tendo couraças, capacetes, baleiras e cuxotes.

§

O julgado de Bouças foi dado ao Porto por D. João I em 7 de julho de 1386, e tirado a Fernando Affonso de Abborim a quem o tinha dado D. Fernando. Depois, o mesmo D. João I o deu ao condestavel D. Nuno Alvares Pereira. A cidade oppoz-se e venceu.

§

O bispo D. João de Souza não queria consentir que os vereadores da Camara se assentassem em cadeiras de *espaldar na Sé*. Recorreu o senado ao rei e venceu.

§

No seculo XVI as estalagens do Porto estavam quase todas arruadas em nossa Senhora da Batalha, e pertenciam a um Gaspar Coutinho, que as herdára de avós, e transmittiu aos descendentes.

§

No anno de 1536 deu el-rei o cargo de prover sobre as náos da cidade a João Roiz de Sá e mandou á cidade que lhe obedecesse. O Porto não obedeceu, allegando que os seus privilegios eram offendidos. O rei reconsiderou e mandou-lh'os guardar.

§

A casa da camara do Porto foi feita de madeira em 1406; custou 220$ dobras de peça de panno.

§

Concedeu D. Manoel aos cidadãos do Porto que andassem nos pelouros da governança, e cavalgassem mulas de sella e freio. Os cidadãos do Porto não podiam ser mettidos a tormento, salvo no caso em que o podem ser os fidalgos. Se fossem prezos, recebiam homenagem como fidalgos. Os seus caseiros não podiam ser constrangidos a ir á guerra.

§

Nas cortes de D. Affonso V decidiu-se que os do Porto *podessem* vender as suas mercadorias na Terra da *Feira, e os d'aqui* no Porto. Foi necessaria esta lei porque *João Alves* Pereira, inimigo dos portuenses, prohibiu os da Terra da Feira de vir vender ao Porto.

§

El-Rei D. João I dispensou com os clerigos casados para que podessem ser metidos nos pelouros de juizes e vereadores d'esta cidade. (1)

§

Pertencia á camara dar licença para a reprezentação das comedias, e não ao governador.

§

Por carta de D. João I, não é permittido aos fidalgos e poderosos d'esta cidade escolher na causa dos pobres o juiso do corregedor da commarca; podem, porém, os pobres escolher o dito juizo. (E pregoam-nos hoje egualdades e democracias!..)

§

Em cortes de D. João I, se mandou levar em conta as despezas que a cidade fez com os procuradores ás côr-

(1) *Clerigos Casados* não quer dizer que em tempo de D. João I cazassem os padres. Casavam os ordinandos que podem ainda hoje casar, antes de ordens sacras; porque então a palavra *clerigo* abrangia os diversos gráos conducentes ao sacerdocio. *Clerigos solteiros* eram os de ordens menores, ainda no caso de poderem matrimoniar-se.

Sem embargo de estarem casados, os clerigos eram ainda admittidos ao serviço da egreja com as suas vestimentas clericaes; perdiam, com tudo, muitissimos privilegios que lhes dava o estado de solteiros. No tempo de Affonso IV os clerigos de menores casavam clandestinamente; depois se queriam tomar ordens sacras, *negavam o casamento* contrahido sem testemunhas. Quanto mais *retrocedemos* peor encontramos o genero humano. Vej. o VOCABULARIO *de Viterbo* desde pag 281 a 288 1. edição.

tes e com a demanda do bispo sobre o interdicto posto á cidade, para o que ella tinha tomado dinheiro das obras da Rua Formosa. (1)

§

Em 1604 deu a cidade 104$ reis para se criarem os injeitados sob a vigilancia do provedor. Só em 1590 se tinham dado 100 cruzados dos crescimentos das cizas, e no de 1592 100$ reis. A Misericordia dava 10$ reis para o mesmo fim annualmente. Era eleito em camara um cidadão que chamavam *pai dos meninos* para tractar da criação dos ingeitados. Depois, em 1535, nomeou-se um mecanico para servir o officio, pago pelo senado.

§

O conselho e juiz tomavam informação das estalagens, e se as não achavam bem providas, condemnavam os donos, cassando-lhes os privilegios. Foi isto resolvido em cortes de D. Manoel, anno de 1498.

§

Se algum estrangeiro levava d'esta cidade mais fazenda do que trasia, pagava a dizima. Nenhum estrangeiro podia revender no Porto as mercadorias compradas,

(1) O interdito começou pelas excomunhões do Bispo D. Pedro Affonso contra Affonso IV, e os homens do concelho do Porto; continuou a lucta da jurisdição no tempo de D. Affonso Pires, de D. Egidio, de D. João e acabou em D. Gil ao cabo de sessenta annos. A miuda historia d'estas ruidosas contendas vem no *Cathalogo dos bispos do Porto* de D. Rodrigo da Cunha. É curiosa e instructiva. A *Rua Formoza*, nomeada em cima, foi mandada abrir por *D. João I* e hoje se diz de *S. Nicolau*. A sua rua Formosa lhe chamava o *Mestre* d'Avs.

nem era permittido a portuense ter sociedade commercial com estrangeiro.

§

D. João 1.º concedeu feira franca nesta cidade no 1.º de cada mez com os privilegios e franquia da feira de Trancozo. Eram obrigados os moradores de Termo e Coutos a traserem á cidade os mantimentos. No anno de 1582 alcançou a cidade poder ter feira todas as semanas.

Estas noticias e outras que ao diante se dirão são colhidas do Mostrador do Archivo da Camara Municipal. Os documentos, que intendem com as indicações feitas, podem ser examinados nos livros respectivos.

Quem houver de escrever a historia do Porto mal poderá dispensar-se de lhe estudar a origem e adiantamento nos seus velhos padroens escriptos e apenas buscados d'algum paciente investigador de velharias. Para tal empreza seria bem escolhido Arnaldo Gama que possue alguns milhares de copias de diversos documentos relativos ao Porto, extrahidos do archivo municipal. Obra de tanto fôlego não pode emprehendêl-a quem, como o douto escriptor, tem seu tempo captivo, e pautado ás necessidades de cada dia. Um frivolo romance tem centenares de leitores espontaneos; a HISTORIA DO PORTO, sem subscriptores solicitados, seria ao mesmo tempo «a historia da ruina d'um litterato».

II

El-Rei D. Fernando prohibiu aos fidalgos residencia ou pousada no Porto. Ha uma sentença em cortes *privilegiando a cidade*. Em tempos de D. Manoel obtiveram *os fidalgos* licença de residirem no Porto, com

declaração de não viverem na cidade, se a damnificassem, e assim permittiu que Pedro da Cunha vivesse nas suas casas de Monchique. Depois revogou a sentença e confirmou o anterior privilegio, acrescentando que nem os fidalgos enviados com algum cargo, podessem demorar-se no Porto, comprida a missão.

E acordaram os membros do senado que se alguem vendesse ou alugasse casa a fidalgos perdesse o preço d'ellas e todos os seus bens para a cidade e fosse posto fóra, e as pessoas de fora perdessem o preço das suas terras.

D. João 1.º mandou que o juiz da cidade fizesse correição contra os fidalgos uma vez por mez. Aos fidalgos do ntes era-lhes permittido vir curar-se á cidade, trasendo provisão real.

Concedeu o Porto a Fernão Coutinho que vivesse nas suas casas de Monchique quarenta e cinco dias cada anno, repartidos em trez temporadas, cada uma de quinze dias. Vindo Rodrigues Pereira ao Porto, e demorando-se mais de tres dias, se ajuntou o povo e lhe poz fogo ás casas e houve mortes. Queixou-se Rodrigues Pereira ao juiz e vereadores. Os criminosos foram absolvidos por matarem e incendiarem em deffeza de seus privilegios. (1)

§

A agua das tres fontes de Paranhos se mandou trazer para esta cidade por alvará passado em 1597. Para a despeza offereceu o povo mil crusados.

§

D. Diniz prohibiu aos moradores do Porto que pas-

(1) Tratou brilhantemente este assumpto o sr. Arnaldo Gama n'*um dos seus excellentes* romances. Omitto outras especies sobejante *desairosas e vilipendiosas* para a fidalguia.

sassem pelos caminhos de Gaya, por que o faziam defraudando a dizima. D. Affonso 4.º levantou a prohibição, exceptuando os passageiros carregados. D. João 1.º libertou completamente a passagem, mandando construir na Rua Direita de Gaya uma casa onde se pagassem os direitos das cargas. D. Affonso V deu Gaya ao Porto. D. João 1.º confirmou o alvará, não obstante a ter dado a outro. Gaya tem privilegio de não convisinharem d'ella fidalgos. A quinta de Val d'Amores tinha sido dada a Alvaro Gonçalves. Requereu a cidade contra as violencias do fidalgo, e D. João 1.º tirou-lhe a quinta. (1)

Alvaro Gonçalves, sr. de Gaya, levava duas canadas de vinho em cada pipa de Cima-Douro. Resistiram-lhe com o foral d'Affonso 3.º, e não lhe pagaram. Os do Porto e Gaya, depois de muita desavença, concertaram-se em repartir as mercadorias que viessem do mar e descessem do Douro.

§

Não era admittido á governança quem usasse de regatia ou vendesse vinho que não fosse de lavra sua.

§

No anno de 1546 se ordenou que na cidade houvesse um mestre de grammatica pago da imposição do sal. O ordenado eram 10$ reis annuaes. O primeiro mestre chamou-se Marcial de Gouvêa.

§

El-rei D. Manuel mandou fáser um hospital n'esta cidade e deu a provedoria a Vasco Carneiro.

(1) Este Alvaro Gonçalves era o chamado *Magriço*, um dos doze de Inglaterra, heroicamente cantados por L. de Camoens. *Parece que* o valentão não tratava mais humanamente os visinhos *do que os inglezes*.

§

Quem deu aos portuenses o privilegio de infanções e ricos-homens foi D. Affonso 3.º em 1299-(1261 da era christan.)

§

Teve a cidade demanda com os judeus sobre dusentos maravedis de moeda antiga que lhe deviam da casa e chão comprados pelos israelitas. Foram condemnados. A cidade aforou annualmente aos judeus o campo do Olival por dusentos maravedis de vinte e sete soldos cada maravedi.

Era prohibido a judeus e mouros serem medicos no Porto.

§

Faltando-se aos vereadores com a cerimonia de os incensarem na Sé, onde estavam com as suas insignias na vespera de Corpus Christi, ordenou el-rei ao bispo que não repetisse semelhante descuido.

§

O caminho da Lada ao redor do muro foi mandado fazer por D. Fernando.

§

Por se perderem muitos navios na barra do Douro, depois que cahiu um pinheiro que lhe servia de marca, se mandou fazer a de pedra em 1530. Em 1534 se tirou devassa de quem descascou o pinheiro e o fez secar.

§

No anno de 1575 se concedeu á cidade que podesse dar ordenado de vinte crusados cada anno ao phisico Lopo Dias.

§

Concedeu el-rei e fez mercê á cidade de uma casa

sobre um arco na Rua Formosa para os mercadores n'ella se ajuntarem e tratarem dos seus negocios. Os mercadores viviam na rua de S Miguel, e se mudaram para a Ribeira. Querendo alguns voltar para a mesma rua, supplicaram ao rei, que os mandou voltar todos.

§

As primeiras moedas de *10 reis* lavraram-se no Porto em 1415

§

No anno de 1529 cahiram 360 braças do muro entre a Porta do Olival e a Porta da Rua de Carros, que se mandou reedificar, e foi avaliada a braça em 800 reis.

§

Concedeu D João 1.º ás mulheres do Porto o privilegio de não poderem ser prezas por culpas dos maridos.

§

Porque muitos viviam de pedir podendo trabalhar, ordenou D. João I que ninguem podesse mendigar sem licença da camara. E aos infractores impunham-lhes o castigo de servirem um anno sem soldada.

§.

Pediu esta cidade perdão a Affonso V para Egas Gonçalves e outros que mataram Martim Gonçalves. Fôra o caso que, sendo Egas vereador, tirou devaça dos malfeitores e culpou Martim Gonçalves. Este sahiu de noite ao outro e acutilou-o desde a cabeça aos pés.

O infante D. Henrique obteve o perdão de Martim, o qual se apresentou no Porto passeando arrogantemente. Egas e os seus amigos investiram com elle e mataram-no. Movido por taes rasoens, Affonso V perdoou aos assassinos depois de estarem um anno desterrados em Bragança.

§

Por provizão de D. João III, quem pescasse no Lago da Foz, á bocca da barra, tinha um anno de degredo e perdimento de barcos e redes.

§

O cidadão que não queria levar nas procissões as varas ou tochas que a camara lhe ordenava, era riscado de cidadão e não podia haver algum cargo.

Na procissão do Corpo de Deus costumavam ir invenções de moças, e na vespera iam á egreja da Sé fazer danças, e um dia, iam á egreja de Santo Ildefonso, outro dia a S. Pedro de Miragaya. E por que as indecencias abastardaram a devota usança, e das invenções das moças resultava escandalo, ordenou-se a suspensão dos inventos, e encarregou-se o bispo de os reformar. Na Rua Nova fazia-se um aucto quando passava a procissão. O bispo, como achasse escandaloso o auto, mandou dizer no tablado uma qualquer coisa de pouca demora. Os mercadores de sobrado e os de loja foram duas vezes condemnados por teimarem em fazer certa invenção ou tramoia ao divino.

§

El-rei D. João 1.º permittiu aos moradores d'esta cidade que podessem trazer n'ella porcos; mas D. Manoel, em 1513, prohibju-os e condemnou a 500 reis de multa por cabeça o dono dos porcos encontrados na rua.

§

D. João 1.º ordenou que os seus criados, vindo ao Porto, não pousassem na rua das Eiras, nem dos Mercadores, nem em casa de homens honrados, nem de mulheres viuvas, nem de casadas com maridos ausentes.

§

Foi sentenciado o dom abbade da Victoria porque tinha pesqueiras na quinta do Bicalho.

§

No anno de 1566 mandaram os vereadores dar ao procurador da cidade em cortes 5$ reis.

§

Ordenou Filippe 2.º á camara do Porto, em 1581, que não assistissem á eleição dos procuradores os que tivessem seguido o partido de D. Antonio, Prior do Crato.

§

O sino do relogio estava antigamente na Porta do Olival, e el-rei D. João 1.º o mandou pôr na Torre da Sé para relogio, e ficou a cidade obrigada a pagar um terço das despezas, o bispo outro terço, e o restante o cabido. Como bispo e cabido não quizessem pagar, alguns annos não tangeu o relogio. Mandou por isso o rei que se pagassem as despezas da disima que o bispo e o cabido tinham na alfandega. Deu-se esta ordem em 10 de setembro de 1417.

§

O mosteiro de S. Domingos deu terra para se fazerem casas nas Cangostas com porta para a rua, de que a cidade pedia fôro, por ficarem as portas na rua. Decidiu-se que a camara não levasse fôro nem impedisse as edificações.

§

Uma sr.ª Maria Annes, contratada com a cidade a dar-lhe o sabão necessario, foi notificada para em quatro dias fornecer o sabão preciso ou rescindir o contracto.

§

As primeiras marinhas de Matosinhos concedeu el-rei que as fizesse o alcaide-mor João Rodrigues de Sá.

§

O sino de correr mudou-se da porta do Olival para a torre da Sé em 1583.

§

Como os tanoeiros, fogueando na rua da Ourivezaria e Banhos, prejudicassem os visinhos e fossem por isso multados, conseguiram que a cidade lhes desse, em 1515, o terreno do Postigo de João Paes que vae para o Muro contra a rua da Ourivezaria, e ficaram foreiros á cidade. Os tanoeiros do Porto foram dispensados em cortes de 1439 de irem a Lisboa trabalhar na louça de Ceuta, allegando que trabalhavam no Porto na mesma lotiça.

§

Em 1608 foi concedida á cidade a casa em que se batia a moeda para n'ella se vender o pão.

§

Na era de 1397 mandou el-rei fazer uma torre no Bicalho e outra da parte de Gaya para lançar uma cadeia de lado a lado que impedisse a passagem a navios inimigos. Os de Gaya escusaram-se de fazer a torre de sua margem, dizendo que a cadeia não servia de nada, para o que fizessem a experiencia antes de fazer a torre. Não se resolveu nada a tal respeito.

§

A camara dava annualmente 4$ reis a dois trombetas que ensinavam a sua arte.

§

Existia um cidadão mantido pela camara com obrigação de agarrar os vadios e pôl-os a servir.

D. João 3.º, sabendo que o tal cidadão comia o mantimento sem trabalhar, mandou syndicar da vadiagem d'este terror dos vadios.

§

No anno de 1714, a 11 d'agosto, se tomou assento na Relação do Porto para se mudar a forca do sitio chamado *Mija-velhas*, e arvorar-se no caes da Ribeira. Em 14 de junho de 1725 se tomou assento ácerca das ruas por onde haviam de transitar os padecentes; redusiram-se as ruas mais breves e direitas á Ribeira.

Em 14 de junho de 1789 um galego matou sua ama, que era de Braga. Foi logo prezo, e no dia 31 do mesmo mez (!) foi inforcado no logar do delicto. Armou-se a forca na noite de 30 á boca da rua nova da Neta da parte do Bom-Jardim, e n'ellá ficou pregada a cabeça e tambem as mãos do reo. As ruas por onde foi o padecente foram as costumadas até á rua das Flores, Porta de Carros, Bom-Jardim.

MAFRA

—

Quem lê desprevenidamente as pomposas relações do modo como foi executada a traça magnificente do convento de Mafra, crê e pasma na convergencia de forças, de vontades e devoção do paiz a coadjuvarem o pensamento de D. João V.

Primeiro que tudo, saibámos como se desenhou na fantasia do filho de Pedro II aquella pedreira.

Um dia encontraram-se no paço o bispo D. Nuno da Cunha e o franciscano fr. Antonio de S. José.

O bispo capellão-mor disse ao frade:

— V. Reverencia encommende a Deus S. Magestade para que lhe dê successão. El-rei nosso senhor anda triste, porque a rainha nossa senhora lhe não dá filhos.

O servo de Deus respondeu:

— El-rei terá filhos, se quizer.

O fradinho sahiu. E o bispo inquisidor, reflectindo na resposta mysteriosa de fr. Antonio, perguntou ao marquez de Gouvea:

respondendo ao convite de irem com a corte assistir á sagração da basilica em 22 de outubro de 1730. Esteve a carta archivada em Tibaens até que o cartorio se desfez e espalhou. La guardavam os frades esta pagina do «jornal opposicionista» d'aquelle tempo. Frades eram então os politicos, os obreiros clandestinos das objurgatorias á laia d'esta. Justos ou injustos, imitantes dos modernos, aquelles publicistas ineditos lavraram os seus protestos diante da posteridade. Por isso ficaram, e formam hoje a historia. Se os atirassem aos prelos e os divulgassem ás paixões do dia, chegariam até nós sem força nem preponderancia na balança do bom e mau do seculo passado. Mas o peor para o frade, certo, não seria o descredito do seu artigo de opposição, caso algum editor lh'o estampasse. E' bem de crer que lh'o trasladassem para as costas a ferro em braza, se á noticia do corregedor do bairro chegasse a seguinte carta:

«Meu amigo e sr. V. R. me convida para esta galhofa de Mafra, e eu tenho por galhofa rogar-me vm.ce para esta funcção; por que, podendo caber nas clauzulas da rasão o apetite de ver novidades, não se compadece com a profissão de catholicos poder achar gosto no que tem sido assumpto de tantos pezares, nem ter olhos para ver o que tem sido cegueira de todo este reino, nem menos que haja rizo onde se vê tanto chorar. Se V. R. está de animo para ver miserias, lastimas e estragos, pode fazer a sua jornada, que eu, segundo a lei que professo, me não posso capacitar que seja licito o ver nem applaudir as obras de Mafra; e, por que a proposição não pareça a vm.ce absoluta, recorra aos meios que se tomaram para a edificação d'este edificio, e os achará totalmente contrários á disposição da lei natural e divina; de cuja consideração sahe legitima a minha consequencia.

«Em primeiro logar, foi errado o meio de constranger os homens n'esta apetitosa obra, por ser voluntaria e não util e necessaria ao reino, por que o principe, ain-

da que soberano, não tem dominio na liberdade dos seus vassalos aos constranger involuntarios nas coisas que privativamente pertencem ao gosto do mesmo principe, e quando obra absoluta, fica transgressora do direito natural como qualquer outro particular. Testemunhas da coacção e da violencia não somente somos nós que com nossos olhos vimos a tantos homens arrastados pelas estradas e ruas com cordas e cadeias conduzidos por beliguins como delinquentes justificados, como tambem são as mesmas pedras a quem feriam os gemidos famintos em que desafogavam aquelles corações afflictos, ou já por que se consideravam reduzidos a estado de escravidão immerecida, ou por que na tyrannia dos conductores experimentavam inhumanidades.

«Foi errado tambem o meio de se fabricar o magnifico edificio á custa das fazendas alheias, porque o principe não é senhor das fazendas dos seus vassalos para as converter e distribuir a seu alvidrio; e é absolutamente contra a lei divina tomar o alheio contra a vontade de seu dono. E note bem, meu amigo, se é que pode caber na comprehensão o que pode ser abysmo, as perdas e damnos em que se tem arruinado este reino com as obras de Mafra, passe a descorrer particularmente por ellas, e achará que nem uma só pessoa d'este reino poderá dizer com verdade que se acha eximida d'ellas; e, como pelos effeitos chegamos ao conhecimento das causas, recorra vm.ce ás lagrimas que se tem chorado e se vão chorando para d'ellas inferir as perdas e damnos que são as lagrimas com se explicam os vassalos opprimidos. Choram os homens as perdas dos seus bens convertidos contra vontade sua em vaidades; choram a perda da saude em um continuo giro de trabalho, expostos ao rigor do frio sem cama em um deserto, no intenso das calmas, sem sombra nem abrigo; choram a miseria da fome sem pagamento; choram a perda das vidas e das almas na falta dos

sacramentos em artigo de morte, com evidente perigo de salvação. Grande miseria!

«Choram as mulheres a falta de seus maridos, por lhes faltar o soccorro dos jornaes com que as amparavam. Choram os filhos por que não tem pais que lhe administrem um bocadinho de pão. Choram os ecclesiasticos as immunidades da egreja, por que lhes faltam ao respeito, tomando-lhes as bestas, bois e carros. Choram as communidades dos religiosos, por que fóra d'horas se lhes rompem as suas clauzuras, e n'ellas entram os beleguins, esbirros e lacaios que com el-rei na barriga os não exceptuam das vulgares insolencias que costumam praticar. Choram os grandes da corte o seu abatimento; que lhes não guardam aquelles foros que grangearam á custa das proesas que seus antepassados obraram expondo as vidas e fazendas para em todas as quatro partes do mundo estabelecerem dominio aos reis d'esta monarchia, e por lhe sustentarem na cabeça a coroa que logra; achando-se reduzidos ao foro de plebeus, sem aquella distincção com que foram condecorados ainda pelas mesmas leis. Chora a corte o seu universal estrago por que se arruinam os seus edificios sem remedio por falta de artifices e materiaes para se accudir aos seus reparos. Na mesma corte choram os templos porque se acham as santas imagens sem veneração e sem limpeza. Choram as povoações do reino o seu estrago. Choram as aldeias e os campos a falta de cultura por que não ha agricultores que os fabriquem. Choram os montes porque lhes falta a sociedade dos pastores e dos gados. Choram os animaes sobpostos a excessivo trabalho sem alimento. Tudo quanto ha no reino chora, por que tudo é escravidão sem esperança de resgate, pois se fazem irreparaveis as perdas e damnos que se experimentaram e vão experimentando.

«No excesso da sua dor disia David que lhe serviam de pão as lagrimas de dia e de noute; e com differente motivo estamos vendo que servem de pão as lagrimas,

noite e dia, aos moradores de Portugal. No ceo ainda se ouvem e eternamente ouvirão os brados do sangue de Abel injustamente derramado ás mãos da tyrannia de seu irmão Caim. E porque não se ouvirão no ceo os brados de sangue de tantos Abeis derramado á instancia de maior tyrannia e nunca vista crueldade?

«Se são estes os meios, meu amigo, diga-me V. R. fallando como homem e como catholico, como pode ser o seu fim do agrado de Deus? Por mais que se me diga que esta obra se encaminha ao serviço de Deus e seu louvor, por força de fé estou obrigado a crer que não podem ser do agrado de Deus. As obras de que Deus se agrada são as de misericordia e justiça exercitadas como virtude. Obras feitas contra a virtude da justiça e misericordia são obras do diabo, que não de Deus. Furtar para dar esmolas é proposição condemnada. Fazer templos dedicados a Deus com prejuiso de terceiro á custa do sangue dos pobres; não se ajusta com a lei que professamos. E, se não pode ser do agrado de Deus, que quer o meu amigo que vamos ver a Mafra? Que podemos ver que não seja incentivo para magoa? Que faz que sejam marmores delicadamente lavrados, se a consideração e piedade de catholico me convida a discorrer que todo este reino tem sido cordeiro de cujas veias correu o sangue para amollecer as durezas do marmore? Que importa a inexplicavel perfeição d'aquelle edificio, se a razão me obriga a pensar que os seus materiaes foram amassados com lagrimas e suor do rosto dos pobres? Que monta a magnificencia do templo, se não ha pedra em cuja frente não estejam gravadas com lettras de sangue as efigies da maior violencia e tyrannia? Meu amigo, que somos nós, catholicos ou barbaros? Se catholicos, não devemos com a nossa curiosidade approvar effeitos da soberba e deshumanidade.

«De que serve a composição dos sinos para a solfa dos minuetes, se a lettra que entoam são os gemidos e lamentos com que desafoga o coração de um reino afflicto?

No templo de Deus, a melhor solfa para entoar seus louvores é aquella que se compõe do tempo perfeito que é o da graça, e a que tem por propriedades as boas consciencias, por vozes as orações, por figuras as virtudes, por pausas a observancia dos preceitos, por pontos os da perfeição nos costumes, e por mestre da capella o amor de Deus. Nas mesquitas dos hereges é que somente podem fazer boa consonancia os minuetes, bons incentivos para vicios. Trocamos os templos em mesquitas; pois vemos que para Mafra, que havia de ser templo de Deus, se compose ram os minuetes das mesquitas de Inglaterra. Seja Deus sempre louvado, pois permitte que os capuxinhos da Arrabida passassem do estado de humildes ao da grandesa, da estreitesa dos cubiculos á amplitude d'um palacio, da pobresa das esmolas pedidas, á ração palaciana com tanta fartura administrada, da modestia de frades a bailarinos de minuetes, que vale o mesmo que de virtuosos franciscanos a uns relaxadores Lutheros. E outras tantas mil vezes seja Deus louvado pois permittiu que resurgisse a soberba de Babel, e que esta torre se continue sem nos confundir as linguas para falarmos na nossa confusão!

«Finalmente, meu amigo, para ver Mafra não é necessario ir a Mafra; por que ella por nossos peccados está em toda a parte do reino; pois não haverá n'elle pessoa que não tenha tomado entre dentes a Mafra, e a não traga atravessada na garganta e coração... No nome de *Mafra* temos descoberto o inigma. Vamos tirando a mascara. Repare bem que se compoe Mafra de cinco lettras que todas denotam a nossa perdição. Denota o *M* que seremos *mortos*; o *A—assados; o F—fundidos; o R—roubados; e o ultimo A—arrastados.* E, se assolados, roubados, fundidos, arrastados e mortos são os termos a que nos achamos redusidos, por pratica e experiencia de justiça, estamos obrigados a diser mal de Mafra e desterral-a;

pois desde o diluvio universal esteve reservada no calcanhar do mundo para ser o diluvio universal d'este reino.

. . . . . .

«Não posso, meu amigo, alcançar o odio que tem o rei aos seus vassalos, nem em que degenerassem para ser desherdados d'aquelle agasalho que mereceram aos reis seus predecessores; porque na constancia do soffrimento e lealdade dos affectos não os ha mais dedicados. O certo é que este abatimento é disposição para nos fazer apostatar da lei, para o que é ja principio esta affectada quebra com a sede apostolica e serão os fins a mesquita de Mafra, onde por peccados nossos veremos as cerimonias da lei escripta. Deus nos dê da sua graça e tenha de sua mão para que não desesperemos da salvação, e a V. R. dê luz para se retirar de ver Mafra á qual eu não chamarei templo de Deus, mas sim espelunca de ladrões. E por não approvar o que não pode ser do agrado de Deus, não quero ir a Mafra etc.»

E não continha mais a insolente carta do dom abbade benedictino. Reluz n'ella o que quer que seja de verdade e justiça. Escriptores coevos em termos moderados e timidos delataram o despotismo com que as auctoridades provinciaes compelliam os agricultores e officiaes a irem trabalhar em Mafra. Um escriptor nosso contemporaneo presume que D. João V ignorava as violencias praticadas, e aceitava como espontaneidade amorosa de seus vassalos a prodigiosa concorrencia de braços. (*) Como quer que fosse, a pressa que tinha o rei de reproduzir-se, e o valimento de fr. Antonio com as forças fecundativas que descem do ceo, geraram grandes angustias, enormes desperdicios e um acervo de pedaços de marmore que tanto montam alli como nas pedreiras d'onde os quebra-

(*) *Panorama*, 4.º vol, da 1.ª serie, pag. 66.

ram. Dos zimborios explendidos do templo para cima está o ceo, onde, primeiro que as orações dos frades, chegaram as lamentações dos oprimidos pelos verdugos do braço real. Aquillo não convida almas devotas nem poeticas. O que resumbra da opulencia carrancuda e dura de tanta pedra vestida de laçarias e folhagens é muitissima hypocrisia e muitissimo ouro que ja vinha orvalhado das lagrimas d'outros opprimidos d'alem-mar.

A MEZA MYSTERIOSA

—

O titulo é infatuado e pretencioso em a simples noticia d'uma pedra, cuja serventia me gabo eu de ser o primeiro que a declara em lettra redonda.

O leitor já foi ao *Largo das Carvalheiras*, em Braga, e viu entre os monumentos romanos, contiguos á capella de S. Sebastião, uma meza de pedra com inscripção no rebordo, que diz: BRACARA AUGUSTA (FIDELIS ET ANTIQUA). Se não se convenceu logo de que n'aquella meza já comeram pretores romanos ou reis mouros, informou-se com o Contador d'Argote e ficou sem saber a serventia da meza.

De feito, o famoso antiquario, como pessoa que recebia as noticias no gabinete e não via os monumentos, assignou de romana a pedra, assentando a sua decisão na hypothese de que em 1625 os caracteres que até áquella data estiveram na superficie da meza foram mudados para o bordo onde hoje estão; sendo, alem disso, coisa clara ao intendimento de Argote que a inscripção primi-

tiva era somente BRACARA AUGUSTA, visto que as palavras FIDELIS ET ANTIQUA (fiel e antiga) não condiziam com as inscripções usadas no tempo dos romanos.

O archeologo das *Antiguidades de Braga* era o homem de melhor fé que ainda intendeu em decifrar inscripções lapidares. Enganaram-no ignorantes ou sabios insufficientes, que tanto monta. O bonacheirão de D. Jeronymo acceitava tudo que lhe incampavam das provincias. Ao intento, escreve mui sobre o seguro um anonymo na *Revista Litteraria*, optimo periodico de que deve gloriar-se o Porto, estas sensatas queixas:... «A respeito de inscripções lapidares antigas, suas obras (as do contador d'Argote) não se podem... consultar com confiança alguma critica ou de verdade. Injudiciosissima foi com effeito a resolução que tomou de escrever sobre as antiguidades de uma provincia sobre a fé de outros, e estes geralmente homens de minimos conhecimentos em Archeologia... Nunca se deveram ter formado grossos volumes dos indigestos materiaes, que de todos os lados lhe eram remettidos...»

A noticia das lettras picadas no plano da meza e abertas á volta induziram o credulo theatino a dar como obra de romanos o calhau, e inferir que no campo de S. Sebastião estivera a chancellaria dos dominadores do mundo!

O crytico já citado, collaborador da *Revista Litteraria*, sem averiguar nem conjecturar qual haja sido o uso da mysteriosa meza, repara na inscripção, e escreve: «O final entre parenthesis d'esta inscripção e talvez toda ella é de origem apocrypha.» (*) Com toda a certeza. Não ha alli cousa que intenda com romanos: o que a meza recorda é uma costumeira portuguesissima de que não ha memoria impressa, nem se quer tradicção oral que ligue aquella pedra ao facto.

(*) N.° 13, do 2.° anno, (1839) pag. 202.

Quem idoneamente sabia a utilidade da meza era um arcediago da Sé bracharense, sugeito que morreu ha mais de trez seculos, e deixou um manuscripto que, ha dusentos annos, pouco mais ou menos, paráva em posse de Estacio de Novaes, cidadão de Braga.

Este manuscripto esteve depois ná cella do frade benedictino de Tibaens, fr. Manoel da Ascenção, que morreu por 1665 em Coimbra, onde leu theologia (*)

O frade trasladou o manuscripto, e eu sou o dono do traslado, em quanto o governo me não ordenar que lhe entregue o trabalho do monge, para elle o fechar n'um gabinete onde a carcoma e os ratos o desfaçam.

Ora conta difusamente o codice que em certos dias do anno costumavam os bracharenses fazer montaria nas visinhanças da mesma cidade. Esta cerimonia, imitada dos tempos gentilicos, passou a ser culto a S. João Baptista, depois que a fé christan espancou as trevas pagans. Vejam que espancamento! O progresso redundou em apear do nicho um bruto olympico e substitui-lo pelo precursor do divino Mestre!...

Na vespera, pois, da festa faziam os bracharenses cavalhadas alem do rio Deste, e, depois da folga, monteavam á imitação dos seus maiores.

Com o dobar dos annos, extinguiu-se a caça grossa, e esmoitaram-se os grandes matagaes onde as feras se imbrenhavam. Nem por isso os cavalleiros de Braga se abstiveram da sua antiquissima usança. Inventaram o como haviam de continuar, e resolveram lançar porcos no local que hoje denominam *coutada dos arcebispos* (este hoje refere-se a um *hoje* de ha tresentos annos) para assim cumprirem a sua devoção.

(*) Frei Manoel da Ascenção escreveu e publicou o *Ceremonial dos monges negros* impresso em 1647, e verteu para linguagem o *Compendio dos exercicios espirituaes*, publicado em 1654, e reimpresso em 1692 e 1715.

IZABEL CLESSE

I

A sr.ª Isabel Xavier Clesse, moradora, por 1771, na calçada da Estrella em Lisboa, era casada com o sr. Thomaz Luiz Goilão, piloto dos mares indianos, laboriosissimo sugeito, bom cidadão, marido dos melhores, e bem servido dos bens da fortuna. Tantos predicados, assim mesmo não lhe bastavam a vassalar de todo o coração da esposa, por maneira que álem-mar o não salteassem rebates de ciume. Ciumes, todavia, nem sempre indicam infidelidade. Bem podia acontecer amal-o ella muito e elle zelal-a muitissimo. Este contrasenso do coração humano é vulgar. D'esta vez, porém, as suspeitas do sr. Goilão, dado que não assentes se quer em sombra de prova, procediam d'uma intuspecção mysteriosa que em termo cazeiro chamamos «palpite.»

Ora, a sr.ª Isabel era pessoa notada em toda Lisboa por sua estremada belleza, apimentada com certa casquilhice que as visinhas honestas confundiam com propensões ao escandalo. A calçada da Estrella, bem que

declivosa, era, á conta da gentil consorte do piloto, passeada pelos mais guapos cavalleiros da côrte, rivaes que se odiavam, sem que alguem podesse rir das frustradas tentativas dos outros. A logrativa dama respondia ao cortejo de um e de todos com urbanas mezuras e sorrisos de complacente delicadeza; logo, porem, que os mais audaciosos lhe atiravam á janella cartinha, ramo de murta ou flor, Isabel carregava de tal gravidade o rosto que Lucrecia, se a vira, não daria tanta importancia á sua inviolabilidade.

Apezar d'isto e da lealdade com que a esposa lhe referia a derrota dos tentadores, o snr. Thomaz Luiz não aquietava os incommodos «palpites» que o tresnoitavâm por esses mares de Christo além.

Era o seu anjo custodio que lhe segredava mui vagamente os trabalhos que o demonio lhe andava apparelhando disfarçado na pessoa do snr. Januario Rebello, porta-bandeira do regimento do conde do Prado.

Este Januario tinha graças satanicas e fataes. Se não fosse tão gentil sobejar-lhe-iam dons seductores nos predicados da audacia temperada por um suave condão de prender e commiserar as almas esquivas, sobredourado isto com uma certa pertinacia e paciencia que não perdia lanço de aproveitar os resultados d'um attrevimento ao mesmo tempo humilde.

Fosse la como fosse, o porta-bandeira levou a melhor dos cortezãos opulentos, deu cartas e recebeu cartas, deu flores e recebeu flores, soffreu muitas desfeitas e indemnisou-se com muitos affectos.

Começou o escandalo.

O piloto, ao voltar da India, notou mais cariciativa e extremosa a mulher. Principiou elle então a ter remorsos das suas affrontosas suspeitas, e a prometter á sua rasão convalescida da febre dos zelos nunca mais escutar as insinuações da saudade e do amor.

Mas, ao mesmo tempo, as visinhas, quando elle pas-

sava, cochichavam e riam, e os seus amigos, rodeando por longe do assumpto, lastimavam os maridos que viviam na ignorancia do seu opprobrio. Fez-lhe isto mossa e intalação grande. Contou á mulher, sorrindo sem vontade, a chacota das visinhas e os ditos dos amigos. Isabel Clesse esbravejava contra os diffamadores, pedindo a gritos ao esposo que se informasse de seu viver. Isto applacara-o somente em quanto os costumados moralisadores lhe não disseram mais pelo claro: «Amigo Goilão, tua mulher é rapariga e linda; tu ja orças pelos quarenta, e estás rico. Deixa-te de viagens. Trata de guardar agora a mulher e o dinheiro.»

O homem pedia explicações, fundando-se no direito com que a sua dignidade as pedia aos amigos. Tergiversavam elles, argumentando com varios casos de maridos enganados, e concluiam sempre com o tal: *Amigo Goilão, tua mulher é rapariga e linda, etc., etc.*

Renasceram mais acerbadas as suspeita antigas. Tinha ja ataques de furia o piloto, se Isabel lhe contrapunha ás desconfianças um demasiado e imprudente zelo do seu pundonor, alcunhando de devassas as visinhas e de infames calumniadores os amigos do marido.

Entraram a viver mal. Pensava elle em descobrir o segredo, e ella em escapulir-se á colera do marinheiro, quando o segredo fosse descoberto.

Visitou-a, neste apêrto, um infernal pensamento: desfazer-se do marido, apartal-o de si, mediante uma pedra de sepultura. Este alvitre, quer lh'o aconselhasse Januario, quer o demonio, que tudo era um, pesou-lhe tanto na alma perdida que de concebel-o a executal-o não teve se quer tempo de escolher um modo decente de o matar.

Pois matou-o indecentemente? perguntam as pessoas limpas e espavoridas.

Tentou matal-o por suja maneira, senhores meus,

matal-o com uma mezinha ministrada por meio d'uma seringa.

E' onde pode chegar a imaginação depravada! A proposito d'isto exclamava Nicolau Tolentino, contemporaneo do caso:

Que novo invento é este de impiedade!

II

Ora hão de ser de tão delicado espirito os meus leitores que m'o não cream!... Eu vou já invocar o testemunho da historia, e nada menos que o de fr. Claudio da Conceição, collector de valiosas noticias que enfeixou com o titulo de *Gabinete historico*. Abra o vol. XVII a pag. 30 e leia:

«Por sentença de 28 de março (de 1772) foi con-«demnada á pena ultima morrendo enforcada na Praça «da Alegria, no dia 31 do mesmo mez, Isabel Xavier «Clesse, casada em face da egreja com Thomaz Luiz «Goilão, moradores na calçada da Estrella, pelos crimes «que diz a sentença, e são estes: Que abusára da fideli-«dade conjugal não só no tempo em que seu marido se «achava na viagem da India, mas ainda depois de se re-«colher a esta corte..... (*) com um porta-bandeira do «regimento de que era coronel o conde de Prado, cha-«mado Januario Rebello. Que.... intentára tirar a vida «a seu marido na noite de 3 de maio do anno anteceden-«te, em que elle deitando-se na cama com toda a paz e «socego sem se queixar ou conhecer molestia alguma em «seu corpo, a sentiu ao pé de si chamando por elle com

(*) As reticencias substituem as phrases indelicadas. O frade não as omittiu. Os historiadores, pelo commum, em Portugal entendiam que as senhoras não liam historias.

«desacordo para que visse o seu estado e o que lançava «da sua mesma bôca..... persuadindo-o que tinha sido «um vôlvo, e que logo mandasse chamar o cirurgião para «o curar; o qual com effeito chegando, ouvindo todo o «suecesso e duvidando applicar-lhe remedio, ás instancias «da mesma ré, lhe receitára uma innocente mesinha d'a-«gua de malvas, assucar branco e oleo de amendoas do-«ces em fogo, que sendo feita e preparada por ella, e «lançando-lhe uma pequena porção repentinamente lhe «causara um tal estrago com a venenosa qualidade, que «lhe tinha misturado, que chegou aos ultimos instantes «da vida; e que, preparando-lhe outro sim umas unturas «ainda antes de se conhecer o expendido intento, o fizera «com tal arte que das mesmas lhe resultaram varias no-«doas e chagas, como tambem que sendo-lhe applicados «uns leites n'elles lhes lançara veneno de que lhe foram «achados dois papeis; e que finalmente lhe fugira de sua «easa e levára comsigo varias peças d'ouro e prata do seu «uso, e varios trastes e roupas retirando-se para um Re-«colhimento. Mostrou-se que a mezinha fôra d'agua forte, «mandada buscar pelo seu creado João Antonio a uma «botica por duas vezes, a primeira porção 60 reis, dizen-«do que era para curar uns callos, e mandou por uma vi-«sinha buscar á botica de S. Bento séneca para matar «ratos, que foi o que se lhe achou em dois papeis.»

Parece que o marido, logo que refrigerou os intestinos cancerados pela agua-forte, e ganhou pelle nova nas escoriações das unturas, saltou da cama; e, como não achasse a mulher nem a baixela d'ouro e prata, gritou. Accudiu-lhe a justiça.

Quem sabe se Isabel, remordida na consciencia, entrou no Recolhimento, disposta a penitenciar-se? A justiça não descontou no crime o intento piedoso nem achou que as taças de ouro e o faqueiro de prata fossem instrumentos de penitencia.

Goilão arrijou. A providencia sahiu-se magnifica-

mente d'esta cura. A agua forte e a séneca cederam aos contra-venenos da divina farmacia. A gente folga de ver que a innocencia tambem é premiada fora dos romances. Raras vezes, na vida commum, se dará, sem influencia do alto, que as visceras d'um sugeito zombem d'um clister de acido nitroso. O Boileau portuguez abunda na minha admiração quando exclama n'este caso:

> Se a mulher por seu gosto fosse frade
> De S. João de Deus, parca enfermeira,
> Com esta vocação de cristeleira
> Mataria os irmãos por caridade.

E todavia, o snr. Goilão resistiu, e saboreou-se na vingança de ver escabujar a mulher na forca!

Quer-me parecer que a padecente Isabel movera, ao avisinhar-se do patibulo, não so a piedade, senão a ternura dos poetas. Tirante um ou dois que foliaram na desgraça á imitação de Nicolau Tolentino, as musas graves choraram a desditosa, e da mezinha que roeu a barriga de Goilão não disseram nada. A meu parecer, aquelle homem devia de parecer ridiculo aos poetas, sem impedimento da justiça com que pediu e obteve o cordel para o formoso pescoço da consorte.

III

Não sei o nome dos poetas que deploraram o tragico fim de Izabel. As poesias manuscriptas sei eu que foram enviadas desde o mosteiro de S. Bento de Lisboa ao de Tibaens, no Minho. Quem me diz a mim que os benedictinos, visinhos da peregrina Isabel, a tinham contemplado com perdoavel extase e a cantaram depois com intranhada commiseração? E tambem pode ser que o meu manuscripto seja copia d'alguns papeis impressos occasionalmente. Já me não hei de affligir, portanto, se algum archivista de curiosa folhetaria me arguir de editor de ineditos impressos ha setenta e nove

annos. Como quer que seja, eu nunca os vi nem os meus amigos bibliophilos. Estou em crer que, tirante os frades, ninguem ouviu este prestito das tagides lagrimosas depoz a formosa padecente.

Segue uma

ODE

Jaz na dura prisão encarcerada
Beliza sem ventura, aquelle assombro
De mais rara belleza, a quem mil almas
Rendêu seu bello rosto!

Geme infeliz exposta ás crueis iras
Do vil consorte, expelido abôrto
Das furias infernaes, fera indomavel,
Marabuto bizonho!

Prostrado aos duros pés da crueldade,
Em lagrimas banhado o bello rosto,
Beliza sem ventura supplicava
A compaixão do esposo.

Qual indomito tigre na fereza
Seus ternissimos ais repelle e affronta.
Em vão, em vão se cança excitar n'elle
Na desgraça conforto.

Em vão, em vão se cançam seus suspiros
A' compaixão mover um bruto tronco
E nas cruentas mãos da parca dura
Commover-lhe as intranhas.

As divindades da celeste esphera,
Com vozes lastimosas, gritos d'alma,
Para soffrer com animo, implorava,
O golpe rigoroso.

O preparado laço vê pendente
Nas criminosas mãos do sanguinario
Barbaro verdugo; nada teme
O seu valor heroico.

Nada teme! Que os tenros, lindos braços,
Ternissimas prisões do esposo infame,
Em asperas cadeias algemados
Não lhe causam assombro.

Ao poderoso Deus prostrada em terra
Seu auxilio implorava, e com piedosos
Ternos suspiros mil perdões pedia
Ao consternado povo.

Vai, Beliza infeliz, vai, vai, e entrega
Com varonil espirito animoso
A's crueis mãos da implacavel morte
O mimoso pescoço.

Nota. Pode affoitamente decidir-se que tal ode não ousaria ver a luz da estampa. Desculpa-se a obcecação das paixões em quanto a moral publica não é ultrajada. O poeta insulta descabelladamente o sr. Goilão, chamando-lhe: «vil, aborto das furias infernaes, fera, Marabuto, tigre, tronco bruto, infame.» Isto é de mais, e não ha liberdade horaciana que desculpe tamanha saraivada de injurias sobre um marido que esteve no gume de se perder. E, se elle morre da mezinha, lá se perdia tambem o lanço de exemplo e escarmento a mulheres que não escolhem o logar por onde filtrem a morte ao intimo dos maridos. Reprovo e condemno a compaixão que se demasia em objurgatorias de tal porte. Este é o meu parecer.

O seguinte poeta é mais cordato. Chora sem offender ninguem. Exercita a bem intendida liberdade da lagrima. Intitula-se a nenia

Affronta vindicada, castigo merecido, sentimentos da natureza, na morte de Isabel Clesse em 30 de março de 1772.

OITAVAS

Infeliz Isabel, sai! que receias?
Receias que te vejam, por ventura,
Revestida de culpas torpes, feias
Que te vão conduzindo á sepultura?
Transmutadas as galas em cadeias,
Sem alinho, sem garbo a formosura,
Desgraçada no mundo te ponderas...
Porem, se has de morrer.... que mais esperas?

Ah! que funesta vista! que horroroso
Methamorphose! que pungente aspecto!
Que tremendo apparato lastimoso
Observa o coração com terno affecto!
Ai! todo o racional é pezaroso,
Todo peito estremece e bate inquieto...
Sem vozes, com soluço e amargo pranto
O mundo te contempla, ó morto incanto!

O' misera Isabel! Quem te dissera
Que na flor dos teus annos haveria
Quem tirasse da verde primavera
A graça que alegrava o mesmo dia!
Quem pensára que a luz que reverbera,
Tão breve, tão sem tempo acabaria!
Que as flores tu verias fenecidas,
E as estrellas do rosto escurecidas!

E's aquella que tinhas de formosa
Os meritos felizes? E' verdade!..
Aquella que, qual Venus fabulosa,
Querias te chamassem divindade?
Aquella que, no mundo mais ditosa,
Disfructavas a louca liberdade?
Eis que tudo se acaba em tanta lida!
Ai! que perdes a luz, vaise-te a vida!

Esses louros cabellos que de raios
Poderiam servir ao sol brilhante
Descompostos os vejo com ensaios
De servirem de crepe ao teu semblante!
Essa cor purpurina com desmaios
Bem mostra que a bellesa é inconstante,
Pois aqui de manhã com luzes arde,
Em cinzas se resolve pela tarde.

Esses olhos com prantos perturbados
D'onde frechava setas o amor louco,
Para a terra os inclinas quebrantados,
Quando d'ella te apartas pouco a pouco.
Em lagrimas os vejo marejados...
Ai! misera! por ti os ceus invoco!
Acudi-lhe, meu Deus, que ella é tão bella!
Não tendes anjos mais formosos que ella! (°)

(°) E' incrivel que os dois ultimos versos d'esta oitava sejam *do mesmo poeta*.

Essas faces, que á purpura da rosa
Emulações faziam, murchas vejo,
A cor que n'ellas vi já tão formosa
Até de se mostrar hoje tem pejo.
Acabou-se essa graça primorosa;
Nem de ser o que foi já tem desejo.
Vai, não chores... sobe á forca e morre!
Chora o mundo por ti... não te soccorre!

Este poeta, sè tinha coração sensivel, tambem respeitava o livro V das Ordenações. Assim é que eu folgo de ver a justiça equilibrada com a tèrnura; aliás, a poesia volve-se ruina da sociedade.

Outro poeta de ingenho methaphorico fez o seguinte soneto:

A' infausta morte de Isabel Clesse
que morreu inforcada por querer
matar a seu marido.

Infausta galeota inpavezada
Nos procelosos mares da vaidade,
Como não preveniste a tempestade
Para evitares ser sossobrada?

Se buscavas a terra desejada
Para que com fatal temeridade
Desprezas do *Piloto* (1) a sociedade
Para dares á costa destroçada?

Arvoraste *Bandeira* (2) sem cautela
Soccorros esperando; mas foi erro,
Pois sem leme te vês, desfeita a vela.

N'essas rochas terás um triste interro,
Quando vês que no mal que te atropela
As cordas só lhe ficam, e falta o ferro.

O mais sentimental dos poetas é um que figura a

(1) O marido.
(2) O amante.

condemnada a despedir-se do marido. A idea corre parelhas com o estylo:

Adeus, querido esposo! adeus, consorte,
Vou a cumprir meu fado e teu desejo.
Vou coberta de horror, cheia de pejo;
Caminho com o algoz já para a morte.

Nem eu nem tu julgamos esta sorte!
Se eu pensei de me ver como me vejo!
Mas foi destino, e tal que eu só desejo
O valor de o soffrer com alma forte.

Perdôa minhas iras indecentes (1)
Que eu perdoo-te os odios depravados;
Em nada nos mostremos differentes.

Pois sabe que ambos fomos ajudados; (2)
Eu, na morte, por vida de innocentes
Tu, na vida, por morte de culpados.

Outro poema de que não posso trasladar os quartetos por nimiamente soltos. O poeta manda parar um passageiro quando a padecente vai caminho da forca. Conta-lhe o crime d'ella e prosegue:

Vê aquella que em mimos da ventura
Sempre foi de formosa celebrada!
Que abysmos abre o mundo á formosura!

Nos braços d'um verdugo desmaiada,
Vai... aonde? resvalar á sepultura...
Já não tens mais que ver... Segue a jornada.

Outro soneto de inferior merecimento conta os ultimos instantes de Izabel.

(1) *Indecentes* é um adjectivo muito apropriado.

(2) Verdadeiramente *ajudado* foi só elle.

Do delicto que fez já penitente
Para a morte Isabel seus passos guia.
Tão valente na morte, parecia
Que os combates da angustia já não sente.

Seu rosto inda gentil ao ceo clemente
Levanta, e sem chorar perdão pedia;
Dos brados com que a voz ao ceu subia
Esse azul pavilhão seus eccos sente.

Já soluça, suspira, geme e chora;
Mas em quanto o verdugo o laço tece
Para o esposo perdão ao ceu implora.

Eis seus olhos se fecham... immudece;
Sua alma sobe a ver o Deus que adora,
Seu corpo a sepultar-se á terra desce.

Um poeta christão imaginou assim a suppliciada a despedir-se do mundo:

Adeus, povo! adeus, mundo! adeus, memoria
D'um caduco prazer! adeus, cuidados
D'esses gostos horriveis já passados,
D'esta vida mortal e transitoria!

Hoje alcanço de vós maior victoria
Por juisos de Deus bem ordenados;
Apagando na affronta os meus peccados
Terriveis obstaculos d'uma gloria.

Contente a morrer vou sem que turvada
Essa pena me deixe amarga e dura,
Pois é-me a forca para o ceo escada.

E, se perdão da culpa me assegura,
Considere-me o mundo desgraçada,
Que eu, na mesma desgraça, acho a ventura.

Por ultimo, está aqui outro poeta que nos conta coisas acontecidas depois do supplicio de Isabel Clesse,

sendo a mais notavel ter-se vestido o ceo de lucto, como melhor consta do soneto:

Da Parca o golpe, e de Astreia a espada
Contra ti, pobre dama, se conspiram!
Teus olhos que com astros competiram
Deslumbra-os sorte negra e desastrada.

Foi, emfim, a sua morte a mais chorada,
De quantas até aqui idades viram;
Os mesmos ceos de lucto se vestiram;
E de prantos a terra foi banhada.

Chora Venus, lamenta-se Cupido
De assim ver ultrajada a formosura
Com tão funebre horror, fim deslusido.

Cesse, porém, dos prantos a ternura;
Por que tendo Isabel aos céos subido
Troca em sorte feliz a desventura.

N'esta falange de bardos ha uns máos e outros tolos. Dos segundos o commando da esquadra pertence juridicamente ao que viu toldar-se o ceo e lamentar-se Cupido.

CONCLUSÃO

O leitor tem de me agradecer os incansaveis esforços que malbaratei a pesquizar o destino que tiveram Januario Rebello e Thomaz Luiz Goilão.

Uma nota marginal da collecção dos poemas diz: *O porta-bandeira desterrou-se em Hespanha e morreu lá de paixão, quando soube que Isabel fôra inforcada.*

Se a san moral consente que se proponha voto de louvor a criminosos de tal raça, affoito-me a pedir que, pelo menos, se lhe perdôe á memoria, em attenção das agonias que o estrangularam fulminantemente. Os homens perdidos para a vergonha e para a dor purificante *não costumam* assim morrer.

Pelo que toca ao sr. Thomaz Luiz Goilão, isso é que me deu canceira, cuja narrativa em miudos tornaria o leitor meu parceiro no infortunio.

Perdidas muitas noutes em investigações áquem e álem-mar, achei o piloto em Goa casado em segundas nupcias com uma indiana de idade muito florente, e sangue aquecido desde a infancia ao sol de lá. A goêza aceitara as propostas de casamento sabendo tão somente do noivo que elle se transferira com grandes cabedaes de Portugal a Goa. O caso da dama inforcada ou era ainda ignorado, ou sabedores o não divulgaram a pedido d'elle. O publico e notorio era que a segunda consorte do sr. Goilão procedia de tal feitio que bem se deixa ver que não conhecia os figados do marido. Porém, como quer que um alferes presidiario, ido de Portugal, reconhecesse o piloto ao mesmo tempo que lhe tramava novos dissabores da natureza dos antigos, poz de sobre-aviso a senhora Goilão, pedindo-lhe incarecidamente não consentisse em casa seringa, nem mandasse á botica formularios de mésinhas, sob pena de espertar suspeitas e sustos no marido. Dadas explicações, a esposa horrorisada quiz fugir ao marido que se lhe figurava, sobre carrasco, ridiculo e nojento.

Thomaz Luiz, desconfiado da honestidade da esposa e do intento de separar-se, deu-lhe uma de mão de pau e afusilou dos olhos coriscos de furia tal que a mulher concebeu e gisou traças de inviuvar antes que elle a fulminasse. Andava ella amartellada n'estas cogitações, quando o marido, incendido de amor e odio, se ressicou todo internamente e adoeceu de febres terçans, com intercadencia de delirios. N'uma d'estas crises, um cirurgião receitou-lhe uma mezinha, e prestou-se a ministrar-lh'a por caridade, indo elle pessoalmente buscar a cristeleira. Quando voltou, o delirante já tinha recobrado rasão e intendimento que farte para perceber que o cirurgião entrara empunhando o fatal instrumento. O horror que o

traspassou foi tal e tamanho que saltou do leito em gritos e correu sobre a mulher com os punhos fechados. A sr.ª Goilão desatou a fugir, e o phisico rebateu-lhe as arremettidas pondo-lhe ao peito o bico da seringa.

N'este lance, Thomaz Luiz cahiu de cocoras, perdido o alento; e logo, abrasado de febre, prorompeu em clamores; e, apertando o ventre, dizia que tinha agua forte no bucho, e ameaçava a mulher com a forca.

Não sei explicar o fenomeno. Narro com a simplicidade de historiador, deixando aos sabios a dilucidação das cousas que o districto da minha apoucada sciencia não abrange. O certo é que Thomaz Luiz Goilão durou seis dias a berrar que tinha o inferno na barriga, e expirou sacudindo vertiginosamente umas seringas imaginarias que lhe esvoaçavam sobre a cabeça.

Mas que trabalho tive para saber isto!

Ninguem m'o agradece.

NOTICIA

—

Dos primeiros galopins eleitoraes em Portugal

Os primeiros galopins eleitoraes em Portugal foram frades.

No exercicio de eleger geraes, provinciaes, priores, abbades, diffinidores e mais membros da governança monacal nasceu o galopim tonsurado.

As pugnas mais renhidas e escandalosas passaram entre os filhos do patriarcha S. Bento. Aquelle silencioso e solitario mosteiro de Tibaens, em cujos sonoros claustros o leitor ja ouviu talvez o reboar de seus passos toando nas abobedas profundas, alli, de tres em tres annos, nos seculos XVII e XVIII, rara eleição correu pacifica, na vasta caza capitular. Ora degladiavam-se internamente os frades em dous bandos, ora congregavam-se compactos a rebater as influencias externas da corporação. Em Tibaens se elegiam o geral, os dons abbades e todas as prelasias de cada mosteiro. N'aquelle seminario de ociosos sevados, como vara de cerdos do empyreo, nasceram, medraram e procrearam os galopins eleitoraes.

Em alguns annos, o dia 2 de maio, na casa capitular de Tibaens, era uma bengalé de demonios, um pandemonium muito mais sacrilego do que ahi, em nossos dias, se vê nos templos, quando succede o cidadão eleitor ser esmurraçado, isto é, violentado no seu espirito liberal e no seu nariz, ao mesmo passo, ou com o mesmo murro.

Os galopins monasticos de Tibaens davam mais que entender e vigiar aos secretarios de estado, logo que o mosteiro se afortelezava trancando as portarias.

Um d'estes casos, não raros, passou no meado do seculo XVIII.

D. João V mandou desde Lisboa quatro monges veneraveis, com outros vogaes, assistir no capitulo geral em Tibaens, para impedir disturbios iminentes.

Os mensageiros chegaram á portaria do convento no dia 2 de maio e viram-na fechada. Annunciou-se fr. Pedro da Ascenção ex-geral da ordem. Desceu ao locotorio o procurador, e intimou os recemc-hegados que se retirassem, de ordem do bispo do Porto, presidente do capitulo. Redarguiram os frades abonando-se de mandatarios regios. Não lhes valeu.

Os vogaes repulsos representaram ao rei n'estes termos:

«..... Impediram o ingresso dos supplicantes, não só com o frivolo pretexto de inhabeis para votar no capitulo por excommungados, mas com notoria violencia de armas; por que a este fim se achavam intrusos no mosteiro muitos monges revoltosos da mesma religião, varios frades de outras; clerigos e pessoas seculares, como eram um irmão e dois sobrinhos do bispo-presidente, um irmão do mesmo geral (fr. Antão de Faria) que ao todo passavam de dozenta pessoas as que se achavam dentro do mosteiro com armas; e só na vista de fora parecia o dito mosteiro mais praça sitiada e posta em defensa que casa da religião; e da parte de fora no terreiro estavam esparzidas como de escolta mais de cincoenta seculares,

e sem embargo de toda essa perspectiva militar e horrorosa, se valeram os supplicantes, com toda a religiosa modestia, das soberanas ordens de V. M. e d'outras do R. Nuncio apostolico, cujos transumptos fizeram ler em publico aos renuentes, porém acharam tão descomedidas respostas, que se não repetem por execrandas. N'ellas foi ultrajada V. M. . . . . .

«Vendo os supplicantes a publicidade escandalosa de desobediencias tão atrevidas e que as pessoas de fora se iam sublevando contra os supplicantes, se resolveram retirar, disistindo da pertenção de ingresso no mosteiro, e protestando as nullidades do capitulo..... e partiram para esta corte a procurar na recta intenção de V. M. o castigo devido a tanta insolencia....» etc.

Assim que os monges prudentemente se retiraram, procedeu á eleição o bispo do Porto D. Thomaz d'Almeida. Fr. Antão de Faria foi reeleito geral da ordem, e os seus parciaes continuaram nos governos dos diversos conventos.

Que interesse advinha ao prelado portuense na reeleição do geral? Que repugnancia fazia ao rei e aos mosteiros do sul que se reelegessem os fiscaes do governo economico e politico da religião benedictina?

Explica-o idoneamente a representação dos mensageiros regios: «Antão de Faria e o bispo queriam perpetuar-se no governo e administração dos bens da ordem, dos quaes se tinham constituido tão absolutos uzufructuarios que todos os seus rendimentos consummiam em excesso tal que, passando de setenta mil cruzados o que rendem os bens applicados ao commum da ordem em cada triennio, no passado senão viu que gastassem um tostão em utilidade da ordem.»

Como quer que fosse, a facciosa eleição, apezar de nulla segundo as constituições, vingou. O bispo do Porto, D. Thomaz d'Almeida era galopim de grande tomo.

(*) D. João V devorou o insulto, ou o seu secretario lhe não mostrou a representação.

II

Infade-se o leitor, que tem de quê. Estas especies historicas são más de esmoer em estomagos deliciosos; mas affaça-se a esgaravatar n'este lixo onde aqui e alli se topam os biscatos de pinchebeque com que se enfeitava a hypocrisia do seculo passado. A historia de então é isto, e pouco mais.

Digamos d'outros galopins illustres, sem desfazer em ninguem.

Os frades bentos do Minho capricharam sempre em eleger geraes, prelazias e o restante governo da Congregação entre monges filhos d'aquella provincia. Pelo commum, os dons abbades eram quase todos oriundos de Arrifana de Sousa, chamada depois Penafiel, ou alterna-

(*) D'este usufructuario dos bens dos frades diz Agostinho Rebello da Costa: «Este eminentissimo prelado, que depois de muitas e respeitaveis dignidades que occupou, foi ultimamente elevado a primeiro patriarcha de Lisboa e cardial, é a brilhante coroa e remate de todos os bispos desta cidade que foram extrahidos do estado sacerdotal. Assim como elles todos foram descendentes das principaes familias do reino e os mais exactos em cumprir com as funcções das suas prelazias, assim D. Thomaz d'Almeida exalçou estas excelsas qualidades com as edificantes acções que obrou em vida. *Descripção topographica e historica da cidade do Porto. Cap. III.*

Destoa de *qualidade edificante*, que o biographo lhe assigna, o seguinte periodo da representação ao rei: «O bispo do Porto, a quem como presidente, foi recommendada a quietação do capitulo e admissão de todos os vogaes, a tudo desobedeceu, e so se lembrou do interesse particular que lhe resulta de ter comsigo e em sua caza o primeira cabeça de uma parcialidade d'esta ordem para cuja sustentação e regalo concorrem todos os rendimentos applicados ao commum da religião.»

O magnifico cardeal D. Thomaz d'Almeida, feitas as contas, era um ladravaz galopim, que levou dos mosteiros do Minho o preço do chapeu cardinalicio.

damente de Braga. Governo que viesse do sul era desobedecido e mortificado até mais não poder. Ao findar o triennio os galopins reuniam-se em Tibaens, congregavam-se em consistorio e gisavam a traça eleitoral. Se a lei implicava ao traçado, violencia no caso. Frade ou eleitor adverso, mudavam-no de mosteiro, ou prendiam-no no tronco. Se a opposição era rija, a «situação» armava-se no cláustro, e o terreiro da portaria coalhava-se de soldados armados, que afugentavam os interventores, como vimos na reeleição de D. fr. Antão de Faria.

Tenho presente um officio autographo de Pedro da Motta e Silva ao presidente da meza eleitoral de Tibaens, em 4 d'abril de 1734.

E' el-rei queixando-se de que os frades tumultuosos teimem pervicazmente em querer eleger abbades de Arrifana de Sousa com notoria affronta da virtude e lettras d'outros monges nascidos fora da restricta área minhota.

Baldaram-se as admoestações e ameaças do ministro.

No começo do seguinte triennio, o mesmo secretario de estado, officiando ao presidente do concilio geral, lanceta a soberba aposthemada dos benedictinos, enviando ao dom abbade geral uma acre censura de Clemente XII, e, peor que a censura, a restricta eleição de geral da ordem, já feita em Roma, e a concedida faculdade ao eleito de eleger as prelazias subalternas á sua descripção.

Agora é que ellas foram!

Os frades conjuraram tão sanhudos contra o papa e contra o rei que ja no seguinte triennio de 1737 o suffragio eleitoral correu por conta d'elles. Quem lucrou na rebeldia foi o galopim por excellencia, fr. Sebastião de S. Placido, abbade do mosteiro de Coimbra, desde muito inimistado com os frades minhotos, bem que nascido na Povoa de Lanhoso, rasão de o andarem sempre

os galopins do norte a sacudir das prelazias nos seus conventos. (*)

Fez-se eleger dom abbade geral de S. Bento fr. Sebastião. E, no intento de achanar porvindouros impecilhos á seguinte eleição, arguiu de relaxados os frades, e enviou queixas ao nuncio. Os monges do Minho sahiram então com um libello contra o seu geral. O nuncio recebeu a copia do rascunho que pára entre os papeis dos meus manuscriptos, joias que os meus bisnetos hãode restituir aos frades, quando elles voltarem a pôr hombro á cruz da sancta religião de Christo derrubada sobre os ossos de fr. Sebastião de S. Placido.

Contra o qual articulavam os frades:

1.º Que era uzurario; porque comprára um hiate e uma falua com os quaes mandava ao Alem-tejo comprar trigo, que vendia á porta do convento de Lisboa por alto preço. 2.º que mandava comprar ao mesmo Alem-tejo varas de porcos a milhares, que entravam sem pagar direitos, ou se vendiam no certão. 3.º que mandára fabricar pratos pequenos para se perceber menos a minguada refeição conventual, e apoucara a medida do vinho. 4.º que vendia o bom trigo que o mosteiro colhia nas suas herdades do Alcacer do Sal, e comprava do infimo para a communidade; a par e passo que elle geral usava do melhor pão de Lisboa e de especial padeira. 5.º que empenhára

(*) Este fr. Sebastião de S. Placido escreveu, e publicou em Barcelona, em 1738, um curioso livro intitulado «Manifesto e apologia sobre a reforma dos habitos do mosteiro de Santa Clara, em Coimbra». E' livro de 330 paginas para mostrar que as freiras deviam usar habito pardo cor de cinza, e não, a seu bel-praser droguete panno, droguete fileli, estamenha, burel, soria, perpetuana, serafina, duqueza, picote, calamania, saéta, droga, meia droga, *etc.* Notem a variada nomenclatura dos estofos do seculo passado, e cessem de admirar a de hoje em dia. A terminologia do fausto, ou luxo como se diz á moderna, até na clausura se demasiava.

o mosteiro em 26$500 crusados, afora 400$ reis que encontrou em dinheiro do espolio de certo frade. 6.º que, para não comprar lenha, esmoitava os olivedos contiguos ao mosteiro, com prejuiso grave das rendas conventuaes 7.º que subornára e prevertera trez definidores, e se desfizera de dois contrarios á sua reeleição. 8.º que, sem embargo das nullidades eleitoraes, teimava em desprezar os protestos, e se proclamara legalmente geral. 9.º que elegera frades estupidos para governarem os mosteiros. 10.º que tomára a juro de 6 % cem mil cruzados d'um irmão forçando a congregação a pagar 6, tendo quanto quizesse dinheiro a 3. 11.º que fizera encarcerar frades sem culpa formada, e so depois de trez mezes lhes enviava nota da culpa, arguindo-os de tumultuarios em actos de sufragio eleitoral, etc.

O nuncio não respondeu á representação. E o geral vingou ainda ser reeleito no seguinte triennio.

Vejam que nuncio! que religião benedictina! A unção evangelica de tudo isto!

Se á mão sacrilega do snr. Joaquim Antonio d'Aguiar, que lavrou e assignou o decreto da extincção dos frades, chegar este papel, que fistulas d'alma lhe não hade abrir o remorso!

III

Rodearam annos vexatorios para os monges do Minho.

Os geraes e mais prelados do sul venciam sempre as eleições, excluindo da governança os filhos de Arrifana e Braga.

No triennio de 1771, rebentou a repreza do velho odio.

N'aquelle tempo o galopim immerito da ordem era um frade bracharense chamado fr. João de Guadelupe procurador geral da Congregação. (*)

(*) Filho de Manoel Rebello da Costa e D, Maria Vieira da freguezia de S. Victor. Professára em 1737. Pertenceu á familia dos ascendentes D. Jeronimo, que em nossos dias morreu bispo da diocese do Porto.

Com este monge disvelara-se a fama preconisando-o orador primaz da ordem egualmente no pulpito que nas assembleas eleitoraes.

Os descontentes estribavam esperanças de ganhar a eleição dos seus prelados minhotos na eloquencia de fr. João. Accedendo o generoso orador aos rogos, acceitou a commandancia dos galopins logrados por outros mais ladinos nos suffragios anteriores.

Chegado o dia 2 de Maio, e congregado o consistorio, fr. João de Guadelupe levantou-se na sessão dos venerandos patres capitulares, e tirou do peito, impando de sancta colera, umas vozes que reboavam nas abobedas do capitulo e claustros.

«Não sei—exordiou o monge—não sei, padres gravissimos, se a minha lingua terá aquella efficacia, bastante a expor a infelicidade a que está reduzida a nossa republica! Não sei se as minhas vozes, até agora mudas á violencia do sentimento, se farão sensiveis á vossa deliberação. Não sei se as minhas palavras poderão persuadir a generosidade do vosso animo á nossa e vossa liberdade. A mais viva eloquencia é a que se concilia com a attenção. Pouco importa que se purifique a lingua, que retumbem as vozes, e que seja uma sentença cada palavra, se indispostos os animos desattenderem as expressões... E' necessario, senhores, que vos dispaes de vós mesmos e de qualquer particular interesse: só assim me ouvireis desapaixonados.»

Entra o orador historiando a origem da ordem benedictina: a sua importancia no mundo; o seu explendor nas Espanhas; os seus meritos em Portugal; a rigida observancia de sua regra no Minho.

Invectiva acrimoniosamente os mosteiros da extremadura e Beira os quaes se deixaram assaltear de fidalgos ambiciosos que os converteram em padroados, commendas e palacios. Exclamava-o frade, ao proposito: «E foram tão remissos e descuidados os monges que deixaram

levar ás mãos lavadas um patrimonio que houveram de defender a ferro e fogo! Não fizeram assim os nossos patricios e amigos e parentes. Armaram-se de valor e espirito; e, sem que os aterrassem espadas de regulos, nem roncarias de grandes, conservaram e defenderam a maior parte dos seus mosteiros. E ficamos vencedores! Em Portugal só ficou de pé o que era nosso.»

Prosegue malsinando a covardia dos frades da Beira que se deixaram desbalisar, até á extremidade de se tornar aquella espaciosa e rica provincia um safaro deserto, ao passo que a do Minho exuberava de riqueza e braços. Depois, inclinando ao intento, que era propulsar dos conventos do norte as prelasias de forasteiros, bradou:

«Pois senhores, tudo isto que vemos está hoje em poder de estranhos! Aquelles mesmos que, na sua terra, deixaram perder o que era seu, estão na nossa patria governando o que é nosso. Succede-nos o que choraram os Romanos quando os Gracchos se introduziram em Roma. Admittiram ao senado aquelles estrangeiros; e, havendo elles perdido os seus dominios, queriam ja ser senhores do imperio, que tanto sangue tinha custado aos filhos de Romulo. A tempo emendaram este erro os padres conscriptos, expulsando do governo uns homens que, por forasteiros, eram os maiores inimigos da republica».

Recamando de persuasivos argumentos a historia de Roma, ajustados á eleição do geral, a impressiva alocução, em breves linhas explica o orador a sua evangelica raiva: «Não ignoraes, padres doutissimos, que estabelecida a reforma foi seinpre succedendo em patricios nossos, filhos do Minho, esta republica e o seu governo. Os primeiros geraes eram de Braga. Os segundos de Villa do Conde. Os terceiros de Basto, Guimarães e Arrifana. Os quartos outra vez de Braga. Aqui se introduziu um de Lisboa, e notai que com balla e polvora se quiz levantar com o estado. Temerosos porém do perigo da sua republica, desbaratamo'l-o. Os quintos vieram outra vez d'Arrifana; e

os ultimos, até á entrada d'estes forasteiros hoje dominantes, foram todos da nossa provincia. Em quanto, pois, a benedictina se governou pelos seus legitimos herdeiros, floreciam o governo, a religião e nós e os nossos. Os noviciados tinham grammaticos, os choristados cantores, os collegios estudantes, as aulas mestres e as cadeiras barretes. Hoje mudou-se a scena; porque estrangeiros enchem os noviciados, coristados e collegios. As grammaticas com que entram são fidalguias; os cantos que se entoam são de pavão, e as letras que se estudam são as da negligencia».

Prosegue no elogio da educação da mocidade minhota, louvando os paes que aperream os filhos. Depois, desfazendo na criação dos beirões, argumenta desta laia e «São estes uns individuos que a natureza creou por si mesmo, sem mais artificio que o da vaidade. Dança, jogo e caça foram os rudimentos da sua infancia. Liberdade e desobediencia as faixas infantis. O senhoril, a tenacidade e presumpção foram as potencias de suas almas: esta é a educação que na Beira se dá aos filhos cujos pais são pela maior parte uns homens que se presumem nascidos no ceo estrellado, e sempre para este alto inclinam os filhos.»

Agora vai fr. João atacal-os por conta dos apellidos: «Veem elles n'aquelle ceo cancros, leões, lobos, pantheras, pardos, e outros signos desta farrapagem; e tomando d'elles a influencia, seguem a sua denominação. A' vista do quê, nenhum progresso virtuoso se pode esperar de uma juventude, cuja substancia são somente fumaças. Diga-o ja o estrondoso rumor de apellidos com que na religião nos quebram a cabeça! Tão influidos estão estes meninos dos lobos, dos pardos, das pantheras e escorpiões, que contemplam no seu ceo, que nem o noviciado e coristado bastam a lhes quebrar o orgulho! Tão dominados os vemos que ainda embrulhados em mantas e estamenhas querem ser leões, cameleões, silvos, pantheras e

outros animaes d'este calibre! Oh Jupiter divino! e não ha um raio que fulmine estes cyclopes?! E' possivel que no sagrado da benedictina se consintam apellidos que não sejam todos de sanctidade? Ah, meu Deus! As veneraveis invocações da vossa sanctissima mãe e dos vossos sanctos ja não bastam para os filhos de Bento! Por que uns novos forasteiros, que temos agora como irmãos nossos, so se satisfazem com apellidarem-se Lobos, Pardos Gamas, Falcões, Gaviões, Escorpiões e outra sarandagem desta ralé! E como não depennaes todos estes passarôlos e não encarceraes nas leoneiras estes bichos!..»

Assanhada apóstrophe! Todavia, escuse-se a iracundia ao frade, descontando a vaidade genealogica dos filhos do Minho, enxovalhada pelos beirões. «Dizem—explicou o monge—como eu ja por duas vezes ouvi, que nós, os do Minho, todos somos mal nascidos, de pais plebeos e mechanicos; e que esses poucos que ha illustres todos tem fama de judeus!.. Vede, senhores, que consolação esta para vós que me ouvis!... E ainda assim vos não resolveis? Não o posso crer, por que vos contemplo, com acordo, juiso e amor patrio. Porém ainda aqui não pára a corrente das nossas injurias; por que vos quero lembrar aquellas blasfemias que proferiu um dos parciaes d'estes estrangeiros depois que acabou o capitulo. Dizia elle, esgaravatando os dentes e mofando dos que eram nossos; «Ja se acabaram os jacobeos, e ja Braga e Arrifana se acabaram, por que todos estão ja bem salgados:» O' ceos! e não cahis sobre este blasfemo! Forte sardinheiro que tanto sal tem para tudo salgar! Como consentis, ó ceos! que dentro das claustras de S. Bento se ouçam improperios que escandalisam o proprio diabo! Salgar a uns religiosos que tem sido exemplares do mundo! Que é isto? estamos entre catholicos ou na cafraria?...»

Vai o orador crescendo em eloquencia á proporção da raiva até destampar neste hyperbolico estoiro: «O' blasfemo! dá ca essa lingua, que a quero arrancar do intimo

d'essas entranhas para entre as furias ser a pregoeira do Averno!»

Devia de estar arriçado o pêllo do auditorio! Os placidos argumentos moviam medianamente o animo dos trinta e cinco vogaes: mas a troante apostrophe sacudiu-os por tal maneira que, todos em pé, com os braços esculpturalmente estendidos e as cogúlas regaçadas, conclamaram:

— Vivám os filhos do Minho!

O orador intendeu que devia fechar o discurso neste culminante ponto de enthusiasmo. Os monges, ja fóra da forma, e possessos do demonio galopim, sacudiam os fraldosos habitos, pateando rijo no pavimento. Fr. João de Guadelupe estava espantado de si e aquecido dos proprios lumes que lhe irradiavam da latejante calva. Ora o discurso levava ja hora e meia de caminho para a immortalidade, que lhe principia hoje.

«Vamos pois, padres gravissimos!—concluiu fr. João —vamos ao capitolio, e seja com a resolução de buscarmos nossa liberdade, e segurarmos nossa herança; que, para a gosarmos sem contradição, é que de todos se implora aquelle espirito de união que houve sempre nos benedictinos, nossos tios e bons patricios. Este é todo objecto dos meus dezejos, este o remedio que todos esperam, e este o unico recurso de uma republica que depressa acabará, se a minha oração não for attendida.»

Foi. Desfilaram os frades para a casa capitular. Trinta e cinco vogaes eram os dominados pela eloquencia do procurador geral; treze os votantes que dos conventos do sul tinham concorrido a Tibaens. Venceu o S. Bento minhoto por grande maioria. Venceu fr. João com a omnipotencia da sua phrase gôrda. O geral sahiu d'entre os filhos do Minho. Triumphaste, religião do crucificado! Salvou-se a republica benidictina!

Ahi esta muito pela rama o escorso da origem dos galopins eleitoraes em Portugal.

Esta raça degenerou em dotes d'elocução; mas aperfeiçoou-se na audacia com que dispara surriadas de tolices nos palcos onde se farçanteam as ridentissimas scenas da liberdade.

Ah! que saudades eu tenho dos frades, quando os vejo justificados pelos sandeus que lhes herdaram todas as manhas, sem a minima das virtudes!

BORDOADA SACRILEGA

—

Jacome Raton, bem conhecido negociante francez, residente em Lisboa desde 1747, e ahi fallecido em 1821, escreveu, como todos sabem, as suas *Recordações*, que publicou em 1813.

As *Recordações* é um livro util aos estudiosos do seculo passado, sem embargo das muitas inexactidões e falsidades que o desvaliam. Vamos intender na averiguação de uma anecdota, que o negociante francez vestiu galhofeiramente, consoante á costumeira dos seus patricios que não perdem lanço de chancear por nossa conta.

Refere elle (pag. 205 e 206) que o ministro da marinha, Francisco Xavier de Mendonça, irmão do conde de Oeiras, morrêra de paixão, occasionada pelo seguinte desastre: Contra um requerente que não cessava de importunal-o, o ministro impacientado rompeu n'estes brados: «Que queres tu que eu faça? A decisão depende de el-rei. Elle não te despacha.. Vae dar-lhe com um páo.» O requerente não impugnou o alvitre do ministro. Pegou d'uma

cacheira; *e ao recolher-se el-rei D. José da coutada de Villa Viçosa para o palacio*, diz Raton, *lhe atirou uma paulada que rossando pelas costas do monarcha, se foi descarregar na anca do cavallo.* Um dos da comitiva abocou a espingarda para matar o agressor; porém o rei susteve o matassem, que era doudo.

O ministro Xavier de Mendonça, avisado do successo, impressionou-se a pontos de morrer d' ahi a poucos dias, *deixando aqui*, ajunta o historiador em toada de moralista, *um memoravel exemplo para que os ministros de estado sejam claros, graves e não jocosos nas respostas que dão aos requerentes que os procuram.*

Ora o caso podia ser verosimil e até verdadeiro, se o ministro não tivesse morrido dezoito dias antes que o rei levou a sacrilega paulada. Morrer de paixão um ministro seria caso bonito na therapeutica, e mais extraordinario que bonito se elle houvesse morrido de paixão dezoito dias antes de se apaixonar. O mais certo e liquido, porém, é que elle morreu *d'um abcés dans la poitrine*, como diz a *Gazette de France*, de 15 de dezembro de 1769, ou *de uma postema*, como escreve o conde de Oeiras, irmão do defunto, ao governador de Angola, em 19 de dezembro d'aquelle anno.

Quem destrinçou estes miudos foi frei Claudio da Conceição a quem se deve, em desconto do muito que mentiu no *Gabinete historico*, aceitar estes esclarecimentos da verdade historica offendida pelas invencionices de Jacome Ratão. O bom do arrábido, justamente soberbo da luz que dardeja sobre a falsidade do francez, exclama: «Estes trabalhos são os maiores serviços que os historiadores podem fazer á historia.» Chamava o frade historia á coisa, e chamava-se historiador a si! O porte do historiador frisava com a importancia do caso.

Fr. Claudio não folheou memorias coevas para dilucidar aquella grave escureza da historia patria. Duas

testemunhas presenciaes lhe haviam contado o caso; uma era seu tio Antonio Diniz, picador, fallecido em 1828; a outra era o creado particular de el-rei, um José Teixeira Pilão, fallecido en 1821. Estes lhe referiram que el-rei cavalgava um cavallo chamado o *Cordovez*, quando lhe bateram ahi entre onze e meio dia, á saida para a caça, e não de volta para palacio, como dissera Raton. Accrescenta que o sacrilego era um soldado com baixa do regimento de artilheria de Além-Tejo, e se chamava João de Souza. Conclue que o homem *estivera muitos annos na prisão do pateo dos bichos, donde passou para a Torre a acabar seus ultimos dias* (Tom 16, pag. 322 e seg.).

Não duvido da palavra honrada do sr. Pilão, do Diniz e de seu benemerito e reverendo sobrinho Claudio. Em abono d'elles, tenho á vista a carta original e autographa nos comprimentos e assignatura, que o conde de Oeiras enviou ao principe D. Gaspar, irmão do rei e arcebispo de Braga, relatando o succedimento horrendissimo. Reza d'este theor:

«Senhor Dom Gaspar, Arcebispo Primaz. A Sua « Magestade fiz presente a carta com que Vossa Alteza me « honrou em dezoito do corrente. O mesmo Senhor ouvio « com tanta benignidade como estimação as expressões « que Vossa Alteza lhe dirigio, com o assumpto do horro- « roso desacato succedido em Villa Viçosa. E para n'elle « tranquillisar o animo de Vossa Alteza do justo cuidado « em que se acha; e de que a Omnipotencia Divina nos « livrou com especialissima providencia: Manda signifi- « car a Vossa Alteza o que vou referir.

« No dia de Domingo, trez do corrente mez, sahiu « El-rei Nosso Senhor do seu Palacio de Villa Viçosa « para se divertir na caça da Tapada, acompanhado de « toda a Sua Corte. No fim do Terreiro do Paço se acha « uma porta chamada do Nó, que pela sua estreiteza não « admitte que por ella possa sahir mais de uma carrua- « gem ou de um cavalleiro. Apenas Sua Magestade hia

« sahindo a cavallo pela dita porta quando vio detraz do « muro do lado esquerdo um homem na figura de men- « digo, que com um grande varapau, ou cacheira armou « e procurou descarregar sobre a Real Cabeça do mesmo « Senhor um sacrilego golpe, que seria mortal, se a supe- « rioridade e presença de espirito de Sua Magestade em « logar de procurar desviar-se da pancada, quebrando o « cavallo sobre a mão direita, o não fizesse levantar sobre « o lado esquerdo contra o dito malvado assassino, em « tal forma, que o primeiro golpe armado contra a cabeça « apenas pôde offender a mão da rédea com uma leve « contusão, e a segunda pancada que ainda intentou des- « carregar o mesmo assassino já não pôde ter espaço « para offender senão o cavallo. Caindo n'este tempo toda « a comittiva de Sua Magestade sobre o referido mons- « tro, foi tão obstinada a sua ferocidade que maltratou a « algumas das pessoas que estavam mais perto em quan- « to não foi preso; principalmente por que Sua Magestade « com estranha presença de espirito, que só na grandeza « do seu Real animo podia caber no meio do conflicto de « um tão inesperado insulto, ordenou que ninguem ma- « tasse ou ferisse o mesmo malvado assassino, mas so o « prendessem. E dada esta ordem continuou Sua Mages- « tade successivamente o seu caminho para a Tapada « onde se divertio até á noite na forma do costume dos « mais dias. O execreando Reo, sendo com effeito tomado « ás mãos, prezo e attado, foi conduzido para a segura « prizão em que se acha.

« No meu particular beijo muito reverentemente as « Mãos de Vossa Alteza pela honra com que me favorece « na falta de um irmão que Deos chamou ao Ceo; e na « enfermidade de outro que ainda se acha com pouco alivio « na perigosa doença que padece ha perto de seis mezes « (1) Em todas as occasiões que se me presentarem de

(1) Era o prior-mor de Guimaraes Paulo de Carvalho, que morreu quando o chapeo cardinalicio vinha de Roma, caminho de Lisboa.

« servir a Vossa Alteza me empregarei sempre com a mais « fiel, e gostosa obediencia.

«Deos guarde a Vossa Alteza por muitos e muito fe- « lices, e muito dilatados annos. Sitio de Nossa Senhora « da Ajuda em 24 de Dezembro de 1769. De Vossa Al- « teza, mais reverente creado — *Conde de Oeiras.*»

Está pois explicado o caso, provada a discrição do ministro da marinha e abonado o historiador fr. Claudio de esquecida memoria.

O *desacato horroroso*, como o conde de Oeiras diz da paulada, deu pouco de si. Os fidalgos estavam moralmente esmagados desde que as carnes e ossos dos Tavoras e Mascarenhas o tinham sido a pancadas de maço. Jesuitas de todo em todo os tinha varrido o vento que levou as cinzas de Gabriel Malagrida. Senão, o soldado João de Sousa havia de ser torturado até revelar, em arrancos de angustia, victimas para a hecatombe do neto de mestre João.

Quem era este neto de mestre João? Custa-me declaral-o em aggravo de Sebastião José de Carvalho e Mello, que se inculcava descendente por varonia dos primeiros administradores do morgado de *Carvalho*, fundado em 1215.

A verdade é que o primeiro marquez de Pombal era sexto neto por varonia do phisico, cirurgião ou medico, João de Carvalho, cujo pae não se sabe quem fosse. Casou mestre João em Cernancelhe com Filippa de Seixas, e morreu em Anciães. Foi enterrado na egreja da freguezia, em tumulo aberto na parede de um altar lateral sob um arco, onde se lê: *Aqui jaz o mestre João de Carvalho.*

O segundo neto d'este mestre chamou-se Sebastião de Carvalho, e casou na Villa da Feira com D. Luiza de Mello, filha do dr. Gaspar Leitão Coelho, desembargador da suplicação, e de Joanna de Mesquita, neta d'outro Gaspar Leitão, escrivão e distribuidor na Villa da Feira e de sua primeira mulher Cecilia de Mello.

Mas que tem que vêr os avoengos do conde de Oeiras com o desacato horroroso e sacrilego golpe da cacheira do doudo?

Não tem que ver; mas são idéas confederadas. Aquella mal-certeira bordoada surtira grandes avanços em sequencia de enormes barbaridades, se o sexto neto de mestre João não tivesse já empolgadas ou promettidas para seus filhos as coroas de conde da Redinha, do marquez de Pombal, da condessa de Sampaio, da condessa de Rio Maior, dos nobilissimos Vilhenas. Ainda bem que já desbordava a medida da ambição do homem! Não lhe era já mister levantar coroas rebalsadas em sangue.

MANUEL DE FARIA E SOUSA

(ESTUDO HISTORICO)

I

Nasceu Manuel de Faria e Sousa no anno de 1590, aos 18 de março, na parochia de Pombeiro, ou Couto de Felgueiras, dizem outros, e quinta da Caravella ou de Souto. Chamaram-se seu pae Amador Peres de Eiró e sua mãe Luiza de Faria. Alguns biographos, acostados á affirmativa do hespanhol Francisco Moreno Porcel, auctor coetaneo, apaixonado amigo de Faria e primeiro noticiador de sua vida, (1) dizem que eram pessoas nobres os ascendentes d'elle (2)

O que sabemos de sua prosapia é elle quem principalmente o conta. Preza-se e ufana-se de neto de Esta-

(1) *Retrato de Manuel de Faria y Souza. Relacion de su vida y cathalogo de sus escritos*, etc. Lisboa, 1733. A 1.ª edição é de 1650

(2) A noticia inclusa na *Bibliotheca scriptorum Hispaniæ*, de Nicolau Antonio, é posterior e estribada nas informações do Porcel. Quanto á nobreza de Faria concede-lh'a de pae e mãe ; *nobili estirpe tam paterna quam materna prognatus est.*

cio de Faria, poeta do tempo de D. Sebastião. (1) Affirma que o soneto de Camões que principia:

> Agora toma a espada agora a penna,
> Estacio nosso, em ambas celebrado..,

se entende com o pae de sua mãe; o qual, no dizer do neto, foi fidalgo da casa real.

Todavia, Sousa, na sua *Fonte de Aganippe*, em uma ecloga, dirigida ao genealogico Alvaro Ferreira de Vera, desfaz acrimoniosamente nos meritos da fidalguia herdada remoqueando-a com versos sobremaneira desinchabidos e antepondo a honra adquirida á nobreza advinda de avoengos. (2) Em outra passagem chanceia com os fidalgos de Cabeceiras de Basto, e rara vez perde lanço de invectivar contra genealogias, bem que, levado de intenções influidas por vontades estranhas, annota-se o chamado *Nobiliario do conde D. Pedro* (3)

Proposta a averiguação esteril da estirpe dos moradores na quinta do Souto ou Caravella, dizem alguns biographos que Manuel de Faria seguira seus primeiros estudos em Braga; mas D. Fr. João de S. José Queiroz,

(1) Nada se conhesse impresso d'este poeta Veja *Bibliotheca Lusitana* artigo *Estacio de Faria*.

(2) Quem não tiver a *Fonte de Aganippe (parte* 4.ª *ecloga* 12) pode ler os versos a pag. 10 e seguintes do 1.º vol dos *Estrangeiro no Lima* e a pag. 129 do 7.º vol. do *Ensaio biographico* de J. M das Costa e Silva.

(3) Veja o *Prologo e* 1.ª *nota* do *Nobiliario*. E bem fundada a suspeita de que esta edição levou em mira aspar do *Nobiliario* primitivo um judeu ou neophito Ruy Capam, tronco de muita fidalguia da nossa peninsula. Ao marquez de Castello Rodrigo, com quem Manuel de Faria estava em Roma quando annotou o *Nobiliario*, convinha principalmente que as palavras referidas a Ruy Capam, «*baptisado em pé*» fossem cancelladas como effectivamente foram.

bispo do Grão Pará, recolheu em 1728, no mosteiro benedictino de Refojos de Basto, a tradição de ter alli estudado alguns annos com os frades Manuel de Faria, protegido pelo bispo do Porto, D. Gonçalo de Moraes, que n'aquelle mosteiro tinha noviciado. Em quanto alguns historiadores consideram Faria aparentado com D. Gonçalo, o bispo do Pará o accusa afilhado, ou criado do prelado portuense. E' de notar que o collegial benedictino Queiroz entrou em Refojos, decorridos setenta e nove annos áquem da morte de Faria. Os frades velhos, então existentes provavelmente ouviram de frades, talvez companheiros da mocidade de Manuel de Faria, o que transmittiram a Queiroz. O certo é que o prelado paraense accusa de ingrato Manuel de Faria, porque *devendo tanto aos padres bentos, nunca os elogiou.* (1)

Do parentesco de D. Gonçalo de Moraes com Faria é bem fundada não só a duvida senão a certeza de não ser nenhum. Os Moraes da provincia transmontana, cuja linhagem temos presente, eram parentes proximos de Cabraes e Veigas, de Osorios e Camaras, remotos de Sampaios, Mesquitas, Correias e muitos appellidos em que não entram Farias. A contrariedade é futilissima sobre estas miunças genealogicas; não obsta isso, porém, a que desde já vamos compulsando o espirito inconsequente de Faria, uma hora verberando a fidalguia de outrem, outra hora recommendando indirectamente a sua.

Incontestavel, porém, é que Manuel de Faria muito na primeira mocidade, passou ao Porto a viver na casa do bispo D. Gonçalo seu protector. Um dos biographos, o snr. visconde de Juromenha, guiado por D. Francisco Moreno, e Costa e Silva, escreve que Manuel de Faria

(1) Veja *Memorias ineditas* de fr. João de S. José, bispo do Pará, publicadas no *Jornal do Commercio*, e especialmente o n.° 3978 em que Manuel de Faria é desconsiderado por motivos talvez mesquinhos.

entrára na qualidade de secretario do bispo em 1604 (1) Secretario do bispo aos quatorze annos de edade é maravilha!

Corridos alguns annos, menos de oito, Faria revelou engenho de poeta primoroso segundo o tempo, e defeituosissimo aos olhos da sã critica de todas as edades (2). Amores lhe incenderam o estro e o tresmalharam do redil de clerigos que D. Gonçalo antevira creados e feitos sobre sua vigilancia. Amava elle, pelos modos como o conta, tres mulheres, que tambem lhe queriam deveras. Uma era Candida, de olhos azues, e natural de Lisboa. A outra era Pallida, (o engenho de as baptisar pela côr da pelle!) tinha olhos pretos e era do Porto. A terceira, de olhos verdes, e sem pelle que lhe désse nome, era de Vizella. Renhiam as tres meninas sobre a primazia de belleza em olhos, e convidaram Apollo a alvitrar qual das tres levasse o premio da maçã de oiro predestinada á dos olhos mais lindos. Apollo chama Manuel de Faria, pastorilmente dito *Ménalo* e o manda examinar por Homero Virgilio, Horacio, Camões e Petrarcha.

Em virtude do qual exame, considerado o modesto Ménalo no caso de ser juiz entre cantores e mais ainda entre mulheres de olhos gentis, judiciou a favor dos olhos azues. Ora aconteceu que a dos olhos azues era a snr.ª D. Catharina Machado (diz o poeta) com a qual casou em 1614.

Em 1618 foi para Pombeiro com sua familia, e, no anno seguinte, passou a Madrid, como secretario do con-

(1) Veja o vol. 1.º da nova edição dos *Lusiadas*, pag. 338.

(2) Não é mau recordarmos que Manuel de Faria inventou os seguintes adjectivos para as eclogas: *amorosas, maritimas, rusticas, funebres, judiciarias, monasticas, criticas, e fantasticas.* Veja Ferdinand Denis, *Resume de l'histoire littéraire du Portugal*, pag. 368. Paris, 1862.

de de Muge. Ainda n'este anno acompanhou Filippe III a Lisboa, e logo, fallecido o conde, passou a Madrid, desesperançado da boa fortuna que o embaira.

Correram alguns annos de fraudados esforços ao poeta, pae de já numerosos filhos, e pobre como devemos presumir do theor de sua vida e propria confissão nos versos.

É rasoavel suppor que a esposa, posto que filha do contador mór D. Pedro Machado, não lhe levasse algum pequeno dote como benigno e sustancial supplemento aos olhos azues. Crivel é tambem que Faria, beneficiado dos frades e do bispo, tambem não seduzisse a noiva com a fortuna dos bens. As *Memorias* do bispo do Pará entre mostram que os desposorios de Faria com a dama, ajoelhada n'um templo em terça feira santa, seriam arrebatados e poeticos a termos que o contador-mór levaria em desagrado.

Como quer que fosse, Faria e Sousa entre 1623 e 1628 deu á estampa as suas primeiras publicações, por lhe ser, por desventura, preciso viver do lavor da escripta.

Não é facil determinar a razão da sovinaria de Filippe III com um requerente de não vulgar capacidade, de mais a mais protegido de D. Gonçalo de Moraes, um dos velhos prelados portuguezes mais affeiçoados a Hespanha e dilectos de Filippe II. (1)

Em uma encyclopedia franceza moderna, encontramos a explicação da má sorte de Faria em Madrid. Acceitemo-la com a cautela precisa em noticias que a França nos dá das coisas peninsulares. Va como hypothese: *Ses manières franches jusqu'à la rudesse, son caractère bizarre et tenace choquèrent les seigneurs castillans, au point qu'il dut renoncer bientôt à tout espoir d'avancement* (2).

(1) Veja D. Rodrigo da Cunha, *Cathalogo dos bispos do Porto* Cap. XXXXI.

(2) *Diccionaire de la conversation et de la lecture*, vol 9 pag. 284, edição de 1855.

Verdadeiramente, Faria e Sousa, se foi infeliz, não podemos arguil-o de negligente no emprego dos meios com que, áquelle tempo, devia ser-lhe prospera a grangearia de boas mercês. Qual meio mais efficaz e operatorio que escrever um livro em que louvasse Filippe e Christovão de Moura? Um livro em que a legitimidade, a prudencia, a probidade e caridade do usurpador realçassem á custa de muito denegridos os portuguezes rebeldes á canga de Castella? Que melhor do documento que um tal livro para captivar a benevolencia do monarcha e bater moeda que o levantasse barba com barba dos deshonrados que elle encomiasse?!

Poz mãos á obra, e escreveu o livro intitulado: *Epitome de las historias portuguezas*, que viu a luz em 1628.(1)

II

Manuel de Faria e Sousa começou a obra immoral da lisonja posta no traço negro da historia de sua patria. Começou por onde devia historiando a lucta dos pretendentes travada em volta do leito do moribundo cardeal-rei. Chegou ao lanço em que lhe cumpre elogiar o caudilho dos apóstatas da religião da patria, Christovão de Moura.

Escutêmol-o. (2)

(1) Alguns biographos, e d'elles o mais moderno, e menos esclarecido o snr. visconde de Juromenha, persumem que, em 1628, Manuel de Faria quizera retirar-se desgostoso para Lisboa. N'aquelle anno publicava elle o *Epitome das historias* com que fomentou novas esperanças que só, passados alguns annos, o desampararam.

(2) Convertemos em portuguez o texto, e o fazemos da edição de Francisco Foppens, Bruxellas, 1730, fol.

D. Christovão de Moura com maravilhosa placidez mostrava maravilhosa diligencia: é certo que muitos animos se lhe oppunham; muitos porem, que estavam quietos, quasi concordavam com os muitos que se lhe affeiçoaram: conheciam já o direito de seu principe, *e punham olhos em sua força.*

Por emquanto é licito duvidar se o animo do historiador está com os affeiçoados de Moura, que *conheciam já o direito do seu principe.* Quem inclinar á affirmativa tem muitas probabilidades de acertar.

Continuemos.

Não fiquem desattendidas umas graçolas com que Manuel de Faria zombeteia do cardeal que nos seus paroxismo symbolisa as vaccas da nação portugueza. Sirva a passagem de mostrar ao menos a sisudeza do historiador:

...Propunham que o cardeal se casasse... Nomearam-lhe como noivas a filha de Bragança e a rainha-mãe de França, cujo retrato mandou vir e trazia comsigo; e o certo é que, segundo sua disposição e idade, tendo-a pintada, tinha-a como a podia ter; e postoque ja tivesse sido mãe, quanto a elle estava como a sobrinha; e, comtudo, os que o desejavam casado, conhecendo que nem com mulher já casada teriam fructo do casamento, ousaram dizer... que lhe trouxessem mulher, ainda, que ja viesse pejada. (1)

Os politicos petintaes do tempo não discorreriam mais gandaeira e desbragadamente n'uma taverna de Alfama. A jogralidade assim convinha para que Filippe se risse.

Descreve em seguida as incertezas das parcialidades já temerosas, já confusas de sorte que Moura, receioso de que a sua mensagem não surtisse a ponto avocou a si o auxilio do duque de Ossuna.

(1) Pag. 335.

Diz de D. Antonio: tracta-o com severidade; e aos que lhe são fieis nas cortes de Almeirim, chama-lhe *escoria inexoravel*. E assentando um engenhoso dilemma sobre ser ou não ser a legitimidade de Filippe, conclue que os portuguezes, que se venderam, devem restituir o recebido, por que venderam o que já era de quem lh'o comprou. N'este sentido, louva D. Christovão de Moura, por que nunca permittiu que seu pae visse o rei para não receber d'elle mercê (1).

Insulto aos vendidos, indecoro a elle que se estava apregoando em venda, e lisonja ao comprador.

Lastima que os rebeldes se não aquietem nem movidos *pela auctoridade real e veneravel do rei, nem com o exemplo dos principaes do reino... nem com as forças da razão.* (2)

Morre o cardeal.

Começaram na averiguação da precedencia; dos pretensores, mas esta é já do novo principe Filippe que entra a mostrar seu direito com as armas áquelle pedaço infimo de plebe impaciente, pelo que os jurisconsultos lhe mostraram com a penna. (3)

Principia o reinado de Filippe II.

Faria no *Proemio* d'esta *quarta parte* do seu *Epitome*, encarecendo a felicidade de cairmos nas unhas de Castella, adduz esta ignobil imagem a outras: *Assim como ficou parecendo ditoso o peccado de Adão, por que resultou d'elle a vinda de Christo ao mundo, havia de ser venturosa a ruina d'esta coróa com o reparo...*

Isto é vilissimo, sem embargo do parche com que intenta cobrir a ferida aberta no cadaver da patria: *mas o valor com que se competiam duas nações unicas no mundo, traz sempre o pensamento do quanto convinha que permanecesse*

(1) Pag. 337.
(2) Pag. 338.
(3) Ibid.

Carthago para Roma (1).

Que situação angustiosa! Está o homem entalado entre o opprobrio de portuguez e o susto de pretendente em Madrid!

Segue a historia com a invasão do duque d'Alba,

Conta como certas cidades ao avizinhar-se Filippe, *abriram os olhos. e quando o rei o não esperava, lhe enviaram as chaves. Isto acabou a despeitar a canalha que seguia D. Antonio, o qual atropellando toda a razão e ordem se acabou de confundir, e em Santarem o acclamou rei.*

Ao maximo da gente que o segue chama *escravos animados do desejo da liberdade.* Lisboa occupada por D. Antonio, *viu-se opprimida por um rei que não queria.*

Relata a batalha de Alcantara. Apouca a victoria do duque; consente, porém, que se lhe dê tal nome, não para gloria da patria, mas *para gloria das mesmas armas de nosso principe, que acostumadas a conseguir grandes triumphos, fôra desacredital-as, se lhes não concedessemos este.*

Dura ainda o crudelissimo apêrto do historiador entre a ignominia e o susto de descomprazer a Filippe.

Traz D. Antonio, passados sete annos, com a armada de Inglaterra. É infeliz ainda o proscripto, porque o não aceita a *lealdade portugueza, depois de reconhecido o seu principe.*

Porque repulsam todos D. Antonio? Porque *fazia mais a natural virtude e amor com que D. Christovão andava conquistando o reino para elles, assim como a elles os havia conquistado para rei (1).*

(1) Pag. 341.

(2) Pag. 345.

(3) Pag. 346.

Convoca Filippe côrtes a Thomar, *onde já com alegria e applauso o tinham jurado legitimo herdeiro d'aquelles estados.* Entra em Lisboa o *legitimo herdeiro.* Descreve Faria o jubilo da cidade e ajunta: *Por esta quietação e contentamento se viu como tinha ganhado os corações dos portuguezes com seu direito e valor natural, e não com suas armas, como diz o vulgo; porque a alteração de pouca gente, e essa esquecida não podia desluzir a conformidade e fé de quasi todos.*

Seguem novos louvores a D. Christovão de Moura. O maximo assenta n'isto: O duque d'Alva entrega as chaves de Lisboa a Filippe; Fillippe quer dal-as a Moura, e diz-lhe: *Tenedlas vós, por que a vós se devem ellas.* (1)

D'esta honra de D. Christovão, portuguez, repartamos com Manuel de Faria, portuguez. E quem fôr sensivel cubra a face diante da historia. A bizarra offerta de Filippe ao corrupto e corruptor em chefe foi lama eterna que elle atirou á cara de Portugal; e Manuel de Sousa enquadrou-a no seu *Epitome.*

III

Expõe integralmente Faria e Sousa os *privilegios* com que Filippe II respondeu ao preito dos portuguezes. Depois exclama: *Saibamos ajora quem é o conquistado: o rei de quem um reino auferiu taes graças ou o reino de quem um rei não pôde sel-o sem ellas?*

Isto é mais para assombro, volvidos quarenta e oito annos depois dos artigos jurados e logo perjurados do usurpador! De cada promessa pendia o infame labeo da transgressão. Faria e Sousa mal podia e devia já amordaçar-se sem grandissimos trances de vergonha; mas quanta maior ignominia lhe não seria precisa para acclamar com exultante rethorica a conquista, que fizera o

(1) Pag. 346,

esphacellado Portugal, d'um rei para quem o juramento fôra — peior que uma frivolidade — um sacrilego escarneo?!

Mas se ainda: além d'aquillo, está o pessimo, é isto: *Com publica satisfação compoz o rei em Lisboa as coisas passadas e presentes e depois de haver usado algum castigo com alguns culpados usando da clemencia de Julio Cesar com os romanos, perdoou a outros, deixando purificada em poucos a prudencia de todos os enganados, e todos foram tão poucos, que, querendo reservar alguns, numerou, pela primeira vez, quando o rigor estava em seu auge, vinte e cinco sómente: e, á segunda, sómente cinco* (1)

Pasmemos!

O historiador, propriamente castelhano, Herrera, é mais portuguez que Manuel de Faria, asseverando que as pessoas exceptuadas do indulto foram cincoenta e duas.

Como entende Faria que *se purificou em poucos a prudencia de todos os enganados?*

Com a prisão da condessa de Vimioso e das filhas, cujo pae e esposo morrêra nas fileiras do prior do Crato. Com o desterro da esposa e filhos de Diogo Botelho. Com a morte de D. Violante do Couto n'uma enxovia de Castella. Com o arrastarem a mulher do bravo Fonseca da Nobrega de ao pé do cadaver de seu marido, retalhado em Alcantara, para uma masmorra. Com a degolação de D. Diogo de Menezes, e a forca de Henrique Pereira de Lacerda. Com o envenamento de Sfortia Orsini nas cadeias do Porto. Com a decapitação de Pedro de Alpoim. Com o cravejarem n'uma cruz Antonio Guedes de Sousa. Com o cadafalso em que acabou fr. João do Espirito Santo. Com a peçonha de Heitor Pinto. Com a degolação de D. Ruy Dias e forca de Balthasar Rodrigues. Com mais de dois mil religiosos mortos nas trevas, cujos ca-

(1) Pag. 348.

daveres revessados pelas ondas chamaram ás praias o arcebispo de Lisboa a exorcismar as aguas com estupido espirito de piedade (1)

Manuel de Faria chamou a isto: PURIFICAR.

E sobre o louvor da parcimonia na sangria depurativa do sangue ruim das arterias portuguezas, vem consecutivo o elogio á sua magnanimidade: *As muitas mercês que fez Filippe, as muitas acções, com que se mostrou digno d'aquelle imperio, assás lhe dariam no animo de todos o titulo, quando já não fosse seu.*

IV

A baixeza e abjecção não lograram o estipendio com que os Filippes costumavam pagar as consciencias almoedadas. O hábito de Christo e fôro de fidalgo já Manuel de Faria os recebêra antes de 1621. sem impedimento do menoscabo em que elle tinha as distincções nobiliarias.

O notorio é que o servil auctor do *Epitome*, passado tempo, sahiu dissaboreado de Madrid; e, aposentando-se com familia numerosa em Lisboa, diligenciou empregar-se, quer no pingue officio de secretario da camara, quer no de secretario do estado da India mais lucrativo e honroso. Dizem os biographos, harmonicamente com o primeiro, que o marquez de Castello Rodrigo, representante da familia Moura, muitissimo recommendada á posteridade nas paginas do *Epitome*, se atravessara aos reque-

(1) Veja Manuel Rodrigues Leitão, no *Tratado analitico*, pag. 226.—Antonio Velloso de Lyra, *Espelho de Lusitanos*.—Manuel Fernandes de Villa Real.—*Anti-Caramuel*.—João Pinto Ribeiro, *Usurpação*, etc. pag. 10—fr. Francisco de Santo Agostinho.—*Philippica portugueza*, pag. 5, 7, 32.—D. Francisco Manuel de Mello.—*Ecco politico*, pag. 5, v.—Conde de Ericeira, *Portuyal Restaurado*. vol 1.° fol. pag. 37. Rebello da Silva, *Historia de Portugal* 2.° vol. pag. 613 e seguintes.

rimentos de Faria, demovendo-o de solicitar despachos inferiores ao seu merecimento, para se dar por melhormente galardoado acompanhando o marquez na embaixada á côrte pontificia.

Deteve-se Faria e Sousa dois annos incompletos, servindo em Roma com caracter de secretario os interesses do senhor que o levára como objecto de estado e pompa. Ahi ganhou Faria grande renome como poeta, e grandes gabos de Urbano VIII. Em 1634 voltou a Madrid, e logo foi preso por inconfidencia, e tres mezes e meio depois solto, illibado em seus creditos, e amerceado com sessenta ducados mensaes por graça do rei, com promessa de maiores vantagens.

O motivo da prisão collige-se de suspeitas avêssas ao affecto demonstrado no *Epitome*. Não se pode dar outro mais favoravel a Faria; porém, se o foi, bastou o calmante dos ducados para aquietar a febre patriotica do enfermo. (1)

No anno seguinte, dizem que o historiador, atacado novamente da molestia nostalgica, já tinha o pé no estribo para se evadir, quando e conde-duque de Olivares o reteve. Deixou-se ficar, não sabemos por quantos ducados.

Desde este anno de 1635 não constam novas tentativas de repatriar-se o desgostoso escriptor. Esta foi a temporada mais operosa e fecunda da sua intelligencia e opulentissima memoria.

(1) Um escriptor francez quer que Faria tenha sido preso á ordem da inquisição. Não se funda o parecer em base alguma judiciosa. Faria e Sousa renhiu com as inquisições de Madrid e Portugal por causa dos *commentos aos Lusiadas*: mas desviou-se-lhes das garras. (O mesmo auctor quer que Souza tenha recebido um habito de Christo de D. João IV e outro de Filippe III. Invenções de historiadores francezes.) Quanto á causa da prisão, diz Porcel: *suspeitas e causas originadas da sua assistencia em Roma (não convem referil-as.)* Collige-se que esteve incommunicavel durante o tempo da prisão. Veja Porcel, pag. 27 do *Retrato*, ediç. de 1650.

Restaurado o sceptro portuguez, em 1640, Faria e Sousa continuou a residir em Madrid. Com honra e proveito? Logo diremos pela bocca dos que o louvam. Se o desejo de se ver com os portuguezes resgatados era forte, não o foi tanto que o esporeasse, como a D. Francisco Manuel de Mello, como a tantos portuguezes, a pôr peito ao perigo. Deixou-se estar. E, em 1644, fallecida D. Isabel de Bourbon, mulher de Filippe IV, escrevia tres nenias á morte da soberana de Castella, nas quaes a musa lisonjeia mais o rei vivo do que chora a rainha morta. E' notavel coisa! poetando Faria, tão por gosto e costume, em castelhano, sahiu-se com a mais comprida elegia em linguagem, portugueza, como querendo que a lingua lusitana se fizesse ouvir em louvores dos reis de Castella, ao tempo que um só portuguez os encomiava, e este portuguez era Manuel de Faria e Sousa.

A memoria d'este homem, extincto em 1649, seria menos gravada e carregada de opprobrio, se alguns portuguezes com o intuito de lh'a honrarem, a não denegrissem torpemente.

O hespanhol D. Francisco Moreno Porcel tinha escripto que Faria e Sousa, fiel a Filippe IV, vivera pobre e morrera miseravelmente em Madrid, desprezando as alliciações com que o chamavam a Portugal. Deixassem-no dizer isto que era verosimil, provavel e até, para assim dizer, perdoavel. Se havia pundonor, ainda para admirado, era a valentia de acceitar na indigencia, no leito emprestado do marquez de Montebello, sob cujo tecto morreu, as legitimas consequencias do seu renegar dá patria e escarnecer dos imfortunios d'ella, mentindo desbragadamente para lisonjear o usurpador.

Não o quiz assim a desgraça d'aquella ossada que a viuva trouxera a terra portugueza.

Sahiram pessimos amigos contra o biographo salvador da memoria de Faria e disseram que *elle o auctor do Epitome, fôra um fidelissimo confidente do seu rei verdadei-*

ro D. João IV, *e por esse motivo não viera a Portugal, conservando-se d'elle muitas cartas de 1641 a 1649 em que morreu, com as noticias mais seguras, os avisos mais occultos e os conselhos mais prudentes, expondo-se a maiores perigos do que os que serviam na guerra.*

Pelo conseguinte: ESPIÃO. (1)

A palavra é atroz, aindaque a necessidade desse aviltado officio justifique os reis e os bandos que procuram taes servos a quem atiram oiro, oiro que, ao bater no rosto, esculpe um stigma.

Como assim? O auctor do *Epitome*, o inventor da palavra *purificar* para absolver os algozes de 1580 e de 1589, Manuel de Faria e Sousa espião em Castella! avisador e conselheiro secreto de D. João IV! mettido entre os aulicos do prestito funebre de Isabel de Bourbon, com tres poemas, tres incensorios a vaporar aromas, e o ouvido á escuta dos movimentos militares do duque de Medina Sidonia!...

Ora, assim como os Filippes não tinham tido portuguez, senão Manuel de Faria, que difamasse Portugal na historia, aconteceu que D. João IV querendo negociar em Hespanha espião e denunciante, encontrasse sómente o mesmo Manuel de Faria. Era justo. Não havia outro azado para se penitenciar da infamia pela perfidia.

Terá, porventura, o conde da Ericeira falsificado o caracter de Faria, como Faria falsificára a verdade historica?

Tudo nos compulsa a crer que D. Francisco Xavier de Menezes desgraçadamente foi verdadeiro.

(1) Veja o *Discurso Historico* do conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes, sobre os escriptos de M. de F. e Sousa, Lisboa 1733. E o juizo critico do mesmo, em addição ao *Retrato de Manuel de Faria e Sousa* por Moreno; e o snr. visconde de Juromenha, 1.º vol. da ediç. das *Obras de Camões*, pag. 340.

Morre Manuel de Faria, e logo seu filho, Pedro de Faria vem para Portugal. D. João IV recebe-o affavelmente, agracia-o, chama-lhe benemerito no diploma, galardoa-o dos serviços do pae, dando-lhe uma tença de cincoenta mil réis no reguengo de Aguiar. De quaes serviços o galardoavam? Dos do *Epitome?* Não: dos avisos, alvitres, e conselhos, expressões postiças com que graciosa e diplomaticamente se colorava a palavra *espionagem.*

V

Pedro de Faria trouxe comsigo os inéditos de seu pae.

A *Europa portugueza* era um d'esses inéditos. Dizem alguns litteratos que Manuel de Faria consubstanciára na *Europa* o *Epitome.* Irreflectida conjectura! Como ousaria o filho reproduzir as aleivosias, as lisonjas, as falsidades da historia que seu pae offerecera á munificencia de Filippe III? Deixal-as-ia correr a censura? Não seria banido de Portugal Pedro de Faria, se as editasse sem licença? Não o vimos condemnado a degredo para o Brazil, e mandado sair do Limoeiro para providenciar na publicação das obras de seu pae?

Então é certo que a historia escripta em 1628 não é a historia publicada em 1667?

Não é.

Confrontem-a nos lanços essenciaes, nos pontos em que a dualidade artificiosa lança uma linha divisoria entre o portuguez dos Mouras e o conselheiro dos Braganças.

Dispensamo-nos d'essa fadiga, emquanto a preguiça alheia, por se forrar ao trabalho, nos não encommendar o confronto. De passagem, porém, notaremos que a celebre *purificação* do *Epitome*, desappareceu da *Europa*. Os *cinco*, excluidos do perdão na historia de 1628, so-

bem aos *cincoenta e dois*, na de 1667. Cotejem, que ha ahi materia, para lastima, riso e vergonha.

É admissivel que as alterações sejam de estranhos? D. José Barbosa (1) diz: «Na *Europa* apresenta algumas opiniões contra as que emittira no *Epitome*; mas isso procede de que saindo a *Europa* posthuma, bem se sabe que n'ella lhe introduziu a lisonga algumas clausulas de que não era capaz a severidade da sua penna.»

Taes palavras abrem campo a nova questão. Se D. José Barbosa capitula de lisonjas as phrases que desfavorecem Castella, não justifica d'esta arte o patriotismo de Manuel de Faria; o mais que póde é salval-o da mancha de versatil e denunciante dos secretos de Castella. Nós, porém, desinteressados em provar a segunda camada de opprobrio, remettemos D. José Barbosa a D. Francisco Xavier de Menezes. Lá se avenham.

Conclusão

Ahi está Manuel de Faria e Sousa.

Se quem isto lê encara o historiador a luz diversa da nossa, ou a paixão o cega, ou a nossa exposição foi obscurissima. Não soubemos nem já poderemos elucidal-a melhor. Outrem o fará coordenando com mais engenho os elementos que para ahi amontoamos, segundo o pendor que nos faziam no animo desaipaxonado. Se alguem nos arguir de peccado de má fé, provem-nos primeiro que elle é de ignorancia, afim de que nos aproveitemos pela emenda.

Se nos sairem defensores do patriotismo de Manuel de Faria e Sousa, não nos espantaremos; porque temos diante de nós uns livros que presamos muito, e não nos enfadamos de os ouvir elogiar o merecimento das historias de Manuel de Faria. Apenas nos assombram, e não sa-

(1) *Catalogo das Rainhas*, pag. 207.

bemos a que attribuir esta anomalia, se á ignorancia, se á obcecação.

Offerecemos os suffragios dos nossos velhos amigos a quem elles possam prestar:

Francisco Soares Toscano: «...Manuel de Faria e «Sousa consagrou o seu talento á gloria da sua patria, e «compoz... muitos livros..., conservando-se entre os ini«migos da sua patria com incorrupta fidelidade...» (1)

D. Francisco Manuel de Mello: «...Pois se da his«toria houvessemos de fazer differença aos Epitomes «(como é razão fazel-a) a qual dos antigos não egualaremos o Epitome das Historias Portuguezas de Manuel «de Faria e Sousa?» (2)

Padre Francisco de Santa Maria: «Foi insigne his«toriador... Illustrou a sua patría e nação... Amou mui«to a verdade, e foi inimigo declarado de lisonjas... De «acre e severo juizo... Ninguem mais liberal de louvores «ao benemerito, e ninguem mais difficil de os dar ao indigno etc.» (3)

Francisco Freire de Carvalho: «Manuel de Faria e «Sousa, famigerado até entre os estrangeiros por sua «erudição e engenho, qualidades de que deu claras mos«tras... no seu *Epitome da Historia de Portugal*... (4)

Ferdinand Denis: ...*Soumis, comme ses compatriotes, á une puissance étrangère il dédaigna la langue nationale; mais il faut dire à sa louange que son coeur resta portugais*... (5)

Aqui estão José Carlos Pinto de Sousa, João Salgado de Araujo, Antonio de Sousa de Macedo, João Baptista de Castro, Diogo Barbosa Machado e muitos de egual porte, uns mortos, outros vivos, uns encarecendo-

(1) *Parallelos*, pag. 381 e 382. ediç. de 1733.
(2) *Cartas*, 1.ª da 4.ª *Centuria*, pag. 495. Ediç. de Roma.
(3) *Anno historico*, tom. II, pag. 158 e 159.
(4) *Primeiro ensaio sobre a historia de Portugal*, pag. 152.
(5) *Résumé*..., pag. 367, ediç. de 1826.

lhe a pleno os gabos, outros cerceando-lhe o renome á conta do desprimor do estylo; mas nenhum lhe asseteia o despatriotismo, bem que nenhum tambem lh'o applauda, salvo o francez, que sabia das nossas coisas mais que muitos portuguezes.

Quem não deve ficar embaralhado entre os mortos, como juiz de pouco aviso, é o bom de José Maria da Costa e Silva, cuja auctoridade devia ir na cabeceira da lista offerecida condignamente aos propugnadores do patriotismo de Faria e Sousa. Aqui o têem: «...Longe de «desfigurar os factos para lisonjear os poderosos, como «praticava a maior parte dos seus contemporaneos, elle «procura apresentar sempre a verdade com toda a sua «pureza, descartande-se de prevenções, etc.» (1)

Concluindo, mais queremos referir a insufficiencia de lição das obras de Faria que a desprimor de inconsiderados filhos de Portugal os encomios com que tantos oscriptores mais ou menos estimaveis, laurearam o descaroado historiador que sacrificou a propria dignidade e a honra dos seus. Se, porventura, lhe quizeram elles salvar a memoria, quebrantando a verdade, no intuito de esconder da posteridade um feio e talvez unico exemplo, o proposito não foi louvavel nem util. Virtude que gera erros e fomenta a ignorancia, é bom que a desçamos da peanha, e a despojemos das louçanias usurpadas á verdade.

(1) *Ensaio bibliographico-critico*, 7.º tom. pag. 107.

O ANEL DA BENÇÃO

—

Contam antigas e indubitaveis chronicas uma passagem que merece resugir-se do esquecimento.

La no principio da monarchia portugueza floreceu em altas cavallarias um fidalgo, de nome Fernandianes de Lima, neto de D. Tereza Vermudes, irmã d'el-rei D. Affonso Henriques.

O qual fidalgo, sahindo a espraiar cuidados fora da tenda erguida em arraial contra a moirisma, topou uma brava cobra remettendo contra duas doninhas, que defendiam a toca d'um castanheiro onde ellas haviam aninhado os filhos.

A serpente, bem que repellida a impetos das doninhas que a dentavam, se alguma vez as cingia nas roscas, despicava-se coando-lhes peçonha que as fazia logo inchar. Era então de ver, e louvar a Deos, a pressa com que as doninhas iam espojar-se e tozar n'uma moita de saramagos, d'onde sahiam desinchadas e rijas para a peleja.

Sem embargo dos seus conhecimentos pharmacologicos, os bichinhos, assoberbados pela pujante cobra, iam

já fugindo de esfalfados, largando os filhos á voracidade do inimigo vencedor.

O fidalgo, visto o desfecho da lucta e o rastejar da serpente para o ninho, enviou-se contra ella e escalavrou-a a bordoadas.

Contente do feito, Fernandianes de Lima voltou ao campo, e relatou aos seus camaradas o caso.

No entremeio da narrativa, deram tento os ouvintes de uma doninha que se acercava destemida e airosa do grupo. Calou-se o narrador mui attento no sylvestre brutinho que parecia demandal-o. Como de feito. Abeirou-se d'elle a doninha, e depoz-lhe aos pés uma pedra reciosissima, mostrando (moralisa fr. Pedro de S. Francisco) que devia gratificação ao favor que d'elle recebera e a vingança que por ella havia tomado de seu inimigo; e que pois a não podia dar com a bocca que d'ella aceitasse aquella pedra que lhe ali deixava. (*)

Levantou o insigne capitão a pedra e encastoou-a em um anel, que deixou a seus illustres descendentes. Chamou-se o legado o ANEL DA BENÇÃO, e assim denominado ficou em vinculo no seu morgadio, cuja representação gosaram os viscondes de Villa Nova da Cerveira, depois marquezes de Ponte do Lima.

Que será feito do anel do sobrinho do rei Affonso Henriques?

Quando fr. Pedro de S. Francisco, no fim do seculo XVI, dedicava a sua *Explicação do salmo 50* a soror Isabel de S. Antonio, da casa dos Limas, oriundos de tronco real, ainda o anel da benção estava no morgadio.

Vive em Lisboa o desvalido representante d'aquella realenga prosapia. Não cuideis que possua o anel quem se ha visto a braços com a pobresa, sem resvalar do fidalgo pundonor de seus avós.

(*) Explicação do salmo cincoenta; na Dedicatoria.

MANOEL DE SOUZA COUTINHO

E

MIGUEL CERVANTES

I

E' coisa corrente que fr. Luiz de Sousa, o famigerado chronista da ordem dominicana, e não menos luzido pela poesia tragica da vida que mais ou menos lhe fabulou o visconde de A. Garrett, antes de ser frade correu desventuras de cavalleiro, com o seu primeiro nome de Manoel de Sousa Coutinho. Quer elle haja sido noviço maltez, quer simplesmente passageiro em uma galé de Malta, é provado que os piratas argelinos o captivàram ao sahir do porto da Sardenha.

O insigne bispo de Vizeu, D. F. Alexandre Lobo, o mais esmerado biographo que ainda tiveram Camões, Vieira, e fr. Luiz de Sousa, avisadamente presume que Manoel de Sousa esteve em captiveiro durante o anno de 1577; e, como áquelle tempo, Miguel Cervantes estivesse tambem captivo, inferiu o illustre biographo a possibilidade do encontro dos dois escravos. O abbade de Sever, auctor da *Bibliotheca Lusitana*, historiando o que sabia de fr. Luiz de Sousa, já tinha dito que Miguel Cer-

vantes de Saavedra contrahira estreita amisade com Manoel de Sousa Coutinho; e fundamenta a impensada affirmativa em uma passagem extrahida da novella de Cervantes, intitulada *Los Trabajos de Persiles y Sigismunda*.

O douto bispo leu a passagem justificativa da tal supposta estreita amisade; e, se não tirou d'ella a mesma illação de Barbosa quanto á amisade, veio em que Cervantes mostrára ter conhecimento de Manoel de Sousa Coutinho.

De pessoa tão notavel com pormenores da vida tão ignorados, afervora-se a curiosidade de saber tudo que ser possa. A biographia do frade de Bemfica tem dado que farte incentivo á imaginativa de poetas; porém, a historia mal pode ir tomar emprestadas ao drama e ao poema as louçainhas que não quadram á sua gravidade. A historia, pois, sabe pouco da vida de fr. Luiz de Sousa; e já agora nada novo ha que esperar do lavor dos antiquarios; que tudo a meu ver escudrinharam os romanticos estimulados pela sublime tragedia de Garrett.

Por isso mesmo, nos moveu a curiosidade a procurar na novella de Cervantes a prova da amisade intima dos dois captivos, como Barbosa affirmára, ou sequer a prova de se haverem conhecido como cautelosamente inferira D. F. Alexandre Lobo.

Lemos a passagem indigitada pelos dois litteratos e ainda outra que elles provavelmente não viram na mesma novella. E do confronto do que é notorio na escripta e na tradicção, com o romantico retrato que Cervantes nos dá de Manoel de Sousa, tiramos ao claro que o manco de Lepanto apenas conhecia de nome o cavalleiro portuguez. E, se outra inferencia couber no possivel, então as tradições de fr. Luiz de Sousa são por tanta maneira transtornadas que não será estranhavel a suspeita de que Manoel de Sousa Coutinho é um mytho. Não ha ahi mais que encommendar a demonstração d'esta le-

genda a um dos muitissimos discipulos de Nieburh que por aqui enxameam em barda.

Vejamos em que assenta a hypothese de se haverem entre-querido ou sequer conhecido os dois escravos.

II

Periandro e Auristela iam cortando o mar em demanda de uma ilha. As barcas eram duas, cada uma a dois remos. Um dos remadores cantou em lingua portugueza umas trovas tristes e logo outras em castelhano. Os amorosos navegantes perceberam que o cantor ia enamorado. Mandaram-no passar do outro batel, em que ia, para o delles. O mysterioso barqueiro em termos portuguezes á volta com castelhanos disse:

—Ao céo e a vós e ao meu cantar agradeço esta mudança e melhoria de barco; ainda que seguro estou da brevidade com que o deixarei livre do peso do meu corpo; que as penas sentidas n'alma me vão dando signaes de que a vida me está nas ultimas.

—Melhor o fará o ceu—respondeu Periandro.

Continuaram conversando até á ilha. Fizeram barracas, accenderam fogueira, cosinharam a ceia, iam dormir a trancos, quando Periandro, trasnoitado pela curiosidade, pediu ao remador que lhe contasse sua vida. O barqueiro fallou assim:

—Sou portuguez de nação, de nobre sangue, rico de bens da fortuna, e não pobre dos da natureza. Meu nome é Manoel de Sousa Coutinho, minha patria Lisboa, e minha profissão soldado. Junto ás casas de meus pais, quasi paredes meias, morava um cavalleiro da antiga linhagem dos Pereiras, o qual tinha uma só filha, herdeira unica de seus bens, que eram muitos, apoio e esperança da prosperidade de seus pais. Por linhagem, riquesa e formosura desejavam-na todos os maiores do reino de Portugal; e eu, que por mais visinho de sua

casa, mais commodamente a via, contemplei-a, conheci-a e adorei-a com esperança mais duvidosa que certa, de que podesse vir a ser minha esposa. E para poupar tempo e intender que requebros nem dadivas pouco valeriam com ella, deliberei que um parente meu a pedisse aos pais para minha esposa; pois tão ajustados eramos em fidalguia, haveres e idades.

«A resposta dos pais foi que sua filha Leonor não estava ainda em idade casadoira; que deixasse passar annos, que lhe dava sua palavra de não dispor da filha em todo aquelle tempo, sem me avisar.

«Levei este primeiro golpe nos hombros da paciencia e no escudo da esperança; mas não deixei por isto de servil-a publicamente á sombra de minha honesta pretenção, que tudo logo se soube na cidade; ella, porem, retirada á fortaleza de sua prudencia e recámaras do seu resguardo, com honestidade e licença dos pais recebia meu cortejo, e dava a perceber que, se lhe não correspondia, ao menos não o despresava.

«Aconteceu, n'este tempo, enviar-me o meu rei capitão-general, officio de qualidade e confiança, a um dos presidios que tem na Barberia. Chegou o dia da partida; e, se tambem não chegou o da morte, é que não ha ausencia que mate nem dor que consuma. Fallei ao pai, consegui que tornasse a dar-me palavra de espera dois annos, commovi-o, por que era discreto, e consentiu-me que me despedisse de sua mulher e de Leonor, a qual em companhia de sua mãe sahiu a ver-me a uma sala, e com ella a honestidade, galhardia e silencio. Pasmei quando vi ao pé de mim formosura tamanha! Quiz fallar e pegou-se-me a voz á garganta, e a lingua ao céo da bocca. (*) Não sube nem pude fazer coisa senão calar-me e dar indicios da minha torvação com o silencio. O que

(*) O futuro fr. Luiz de Sousa a dizer estas coisas assim plebeas em estylo tão baixamente anathomico!

visto pelo pai que era tão cortez como discreto, abraçou-me e disse:—Sr. Manuel de Sousa, nunca os dias de partida dão licença á lingua que se desmande, e talvez que este silencio falle em favor de v.mce mais do que outra rethorica. Vá v.mce exercer seu cargo, e volva em boa hora, que não faltarei ao que lhe devo. Minha filha Leonor é submissa, minha mulher deseja comprazer-me, e eu desejo o que já disse. Com estas tres cousas me parece que pode v.mce esperar boa sahida a seu desejo. — Ficaram-me na memoria todas estas palavras, e de tal modo impressas na alma, que já mais me esqueceram nem hão-de esquecer em quanto eu vivo for. Nem a formosa Leonor nem a mãe se disseram palavra, nem eu pude, como já contei, dizer-lhes nada.

«Parti para a Barberia e exercitei meu encargo com satisfação do meu rei dois annos. Voltei a Lisboa, e achei que a formosura e fama de Leonor tinha sahido do reino, e chegara a Castella e outras partes, das quaes vinham embaixadores de principes e senhores que a pretendiam para esposa; porem, como ella tinha a vontade tão subjeita á dos pais, não curava de saber se a solicitavam ou não. Finalmente, decorridos os dois annos, tornei a supplicar ao pai que m'a desse... Ai de mim! não posso deter-me nestas miudezas!.. A's portas da vida me está já chamando a morte; temo que me não dê tempo a contar minhas desventuras, que, se assim fosse, não as teria eu por taes... Em fim, participaram-me um dia que, no seguinte domingo, me entregariam minha esposa. Esta nova quase me hia matando de alegria... Convidei parentes, chamei amigos, fiz galas, enviei presentes com todos os requesitos que podessem mostrar ser eu quem me casava e Leonor quem havia de ser minha esposa. Chegou o dia. Fui acompanhado da flor da cidade a um mosteiro de freiras, chamado da Madre de Deus, onde me disseram que minha esposa me esperava desde a vespera, pois tinha sido gosto seu que n'aquelle mosteiro se celebrasse

seu desposorio com licença do arcebispo da cidade... Cheguei ao mosteiro que real e pomposamente estava adornado; sahiu a receber-me quase toda a gente principal do reino, que me esperava alli com infinitas senhoras das principaes da cidade. Retumbava o templo de musica vocal e instrumental. Neste comenos sahiu pela porta do claustro a sem par Leonor, seguida da prioreza e de muitas freiras, vestida de tafetá branco golpeado com saia inteira á hespanhola, apresilhados os golpes com ricas e grandes perolas, a barra da saia era tela de verde e oiro. Caiam-lhe pelos hombros as soltas madeixas, longas a beijar o chão, e louras a deslumbrar o sol. Cinto, gargantilha e anneis que trazia valiam um reino, segundo la disiam. Repito que sahiu tão bella, tão esbelta e opulentamente adornada que era inveja das mulheres, assombro dos homens. De mim sei dizer que ao vêl-a, fiquei tal que me julguei indigno d'ella, por me parecer que se eu fosse emperador do mundo, ainda lhe faria aggravo.

«Em metade da egreja estava armado um como tablado theatral, onde desafogadamente sem ímpêços se havia de celebrar nosso desposorio. Subiu primeiramente a formosa donzella, e de lá ás claras ostentou sua gentileza e galhardia. A quantos olhos a contemplavam figurou-se-lhes o que sohe parecer a aurora ao repontar do dia, ou o que a casta Diana parecia nos bosques, no dizer das antigas fabulas; e discretos ahi foram que não acertaram a comparal-a se não a si mesma.

«Subi ao tablado cuidando que subia ao meu ceo, e posto em joelhos diante d'ella, quase dei vislumbres de idolatral-a. Surge uma voz no templo precedida d'outras que disiam: *Vivei felizes e longos annos no mundo, ó ditosos e bellissimos amantes! Coroem preste, formosissimos filhos vossa meza, e ao largo andar se prolongue vosso amor em vossos netos. Não saibam os raivosos ciumes nem as duvidosas suspeitas a morada de vossos peitos. Caia a rendida in-*

veja a vossos pés, e a boa fortuna não acerte a sahir de vosso lar.

«Todas estas rasões e deprecações sanctas me desbordavam alma de jubilo, vendo o geral prazer em que o poeta levava minha ventura.

«N'isto a bella Leonor me tomou pela mão, e assim em pe como eramos, ergueu um tanto a voz, e me disse: —Bem sabeis, snr. Manuel de Sousa, como meu pai vos deu palavra, que não disporia de mim em dois annos, que se haviam de contar desde o dia em que me pedistes para esposa; e tambem, se bem me lembro, eu vos disse, vendo-me instada de vossas solicitações e obrigada aos infinitos beneficios que me heis feito, mais por effeito de vossa cortesia que de meus meritos, que nenhum esposo aceitava d'este mundo se não vós. Meu pai cumpriu sua palavra, como vistes, e eu vou cumprir a minha como vereis. E assim, sabendo eu que os enganos, bem que honrosos e proveitosos, tem não sei que de traição quando se dilatam e entretem, quero sem demora desvanecer-vos a idea de que vos atraiçoei. Senhor meu, sou casada; e com esposo vivo, por maneira nenhuma posso casar com outro. Por nenhum homem da terra vos deixo, senão por um esposo do ceo que é Jesus Christo Deus e homem verdadeiro. Este é meu esposo; a elle primeiro dei minha palavra: a elle sem engano e espontaneamente, e a vós sem firmesa alguma e com dissimulação. Confesso que se eu houvesse de escolher esposo da terra, nenhum competiria comvosco; mas, tendo de escolhel-o do ceo, quem como Deus? Se vos isto parece perfidia ou trato descomedido, dai-me a pena que quizerdes, e o nome que vos approuver, que não haverá morte, promessa ou ameaça que me aparte do meu esposo crucificado.

«Calou-se, e logo a prioreza e as freiras começaram a paramental-a e a cortar-lhe as preciosas tranças. Immudeci, e por não mostrar fraqueza contive as lagrimas que me vinham aos olhos, e lançando-me em joelhos dian-

te d'ella, quasi á força lhe beijei a mão, e ella christanmente compassiva me lançou os braços ao pescoço. Levantei-me e erguendo a voz do modo que todos me ouvissem, disse: *Mari optimam partem elegit!* e, dizendo isto, desci do tablado, e com meus amigos fui para casa, onde, trabalhando com a imaginação n'este estranho successo, quasi cheguei a perder a rasão; e agora pela mesma venho a perder a vida...» E dando um grande suspiro (acrescenta Cervantes) fugiu-lhe a alma e deu comsigo em terra.

III

E assim acabou o Manoel de Sousa Coutinho da novella, quando promettia fallar muito mais n'aquelle impolado estylo, que não cheirava a discorrer de moribundo. Morrer tão de subitas um sujeito que tinha remado, cantado, ceado, e promettia dormir, se o sr. Periandro o não convida a um cavaco sobre-ceia! Eis aqui um Manuel de Sousa Coutinho quasi ridiculo á feição do molde em que o vasou o chronista do *Cavalleiro da Triste Figura*.

Pospondo, porém, a crytica mal ajustada ao motivo d'este artigo, retrocedamos ao particular intento de perguntar se uma tão desnatural historinha argúe intimidade ou se quer conhecimento entre Manoel de Sousa e Miguel Cervantes. A meu juiso, o auctor de *Persiles y Segismunda* usou d'um nome portuguez que succedeu ser o de um captivo seu coevo na escravidão em Argel, ou por que lhe soasse a noticia de tal escravo, com alguma historia diversa d'amores, ou casualmente lh'o desse assim a fantasia, quando compunha a novella. Inferencias de intimidade entre os dois insignes escriptores só poderá tiral-as do logar citado da novella quem tiver mais paradoxal imaginação que o novellista.

Diogo Barbosa Machado e D. F. Alexandre Lobo não viram, ao que parece, outra passagem da novella de Cer-

vantes referida a Manoel de Sousa Coutinho. O bispo de Vizeu, indicando os logares onde topou as citações de Barbosa, não dá conta do cap. 1.° do *Livro terceiro* da *Historia de los trabajos de Persiles y Segismunda.*

Periandro, Auristela e outros personagens da historia de Cervantes vão caminho de Roma e aproam a Lisboa. Periandro sahiu um dia de casa e sentiu-se na rua abraçado pelas pernas por um homem que lhe dizia:

—Que ventura, snr. Periandro, a que estás dando a esta terra com tua presença? Não te admires chamarte eu por teu nome, que eu sou um dos vinte que cobraram liberdade na abrasada Ilha Barbara onde a tu tinhas perdida. Achei-me na morte de Manoel de Sousa Coutinho, cavalleiro portuguez... Trouxe-me boa sorte á minha patria, contei aqui aos parentes d'elle a sua morte d'amor, e accreditaram-na, e crel-o-iam ainda que eu lh'a não affirmasse de vista, por ser quasi costume morrerem d'amor os portuguezes. Um irmão d'elle, que lhe herdou os bens, fez-lhe exequias, e n'uma capella da familia, lhe poz em uma lapida de marmore branco, como se debaixo d'ella estivesse enterrado, um epitaphio que quero vejam todos quantos aqui sois, porque espero vos agrade por discreto e gracioso....

Foram ao templo, e viram a capella e sepultura, sobre a qual estava esculpido em lingua portugueza o seguinte epitaphio:

Aqui jaz a viva memoria do já morto Manuel de Sousa Coutinho, cavalleiro portuguez, como se vivo fôra. Não morreu ás mãos de nenhum castelhano, senão ás de amor que tudo pode. Caminhante, procura saber-lhe a vida, e lhe invejarás a morte.

Os circumstantes admiraram a discrição do epitaphio, genero de escripta em que, no dizer de Cervantes, *tiene gran primor la nacion portugueza*. Perguntou depois Auristela ao portuguez se a freira tinha sentido a morte de Manoel de Sousa. Respondeu o portuguez que a freira, poucos dias volvidos sobre a noticia de tal morte, expirou de pura magua.

Os peregrinos, em seguimento, passaram a Espanha, guiados por dois cavalleiros de Lisboa, um dos quaes era *Alberto*, irmão do defuncto Manoel de Sousa Coutinho.

Tudo pois nos assevera que Miguel Cervantes ideou uma historia aventurosa á feição das mais estimadas do seu tempo, e a muitos respeitos mais desconcertadas do que hoje as figuram os romancistas acoimados de inventores absurdos.

O que ahi não ha, salvo o nome, é analogia de aventuras que auctorisem a hypothese e menos a certesa de que o grande escriptor portuguez e o maior espirito de Castella se encontraram e confidenciaram em Argel. A mim me parece que Miguel Cervantes, se houvesse conhecido algum amoroso lance de Manoel de Sousa, não lhe attribuiria historia de uns atrapalhados amores que o mataram, estando seu amigo velho e vivo em Lisboa, e pode ser que ja frade ou perto d'isso. (*)

Fechemos a ja fastidiosa impugnação ás crenças do abbade de Sever e dos que estribaram no erro por lhe parecer de boa fonte. Por fim, lembro ao leitor que repare outra vez no epitaphio do fantastico Manuel de Sousa

(*) Presume-se que a ultima obra de Miguel Cervantes haja sido a novella de *Persiles y Segismunda*, publicada posthuma. Cervantes morreu em 1616 e Manoel de Sousa Coutinho professou em 1614. Se o auctor da *Galathea* quizesse dar ao seu amigo a celebridade da novella, é de crer que aprimorasse mais o desenho de tão illustre portuguez e se acostasse a factos verdadeiros que os tinha bons para intretecer um ameno episodio na sua historia.

Coutinho. Aquillo tem que ver e rir. *Não morreu ás mãos de nenhum castelhano se não ás d'amor que tudo pode.* Quer dizer que os cavalleiros portuguezes escapados ás mãos dos castelhanos, eram em numero tão diminuto que valia a pena mencionar o caso extraordinario!

Não lhe parece, leitor, que Miguel Cervantes, a custo de muito lidar com o seu D. Quixote de la Mancha já estava gafado das mesmas roncarias?

PASSAGENS DE UMA CARTA AUTOGRAPHA

DE UM GRANDE SABIO

—

O famigerado portuense João Pedro Ribeiro (*), nos seus numerosos escriptos recheiados de erudição, argúe um sabio grave, ponderoso e incapaz de gracejar nem intreter-se com assumptos jocosos. Quem leu as *Dissertações chronologicas e criticas* do eminentissimo antiquario difficultosamente hade crer que o doutor, nas suas conversações e cartas, era jovial e epigrammatico. João Pedro Ribeiro, se houvesse nascido cincoenta annos, depois, talvez se estreiasse pelo «folhetim» e capitaneasse a turba alegre dos rapazes que, ha vinte e cinco annos, recamavam de galhofas as gasetas portuenses, hoje em dia tão carrancudas, tão avelhentadas, tão puchadas á fieira da san moral, que tudo, afora ellas, trescala á podridão do vicio.

(*) Presbytero secular, doutor em canones, lente de diplomatica, conego doutoral nas Sés de Vizeu, Faro e Porto, desembargador honorario da casa da supplicação, conselheiro da fazenda, chronista dos dominios ultramarinos, censor regio do desembargo do Paço, socio da Academia real das sciencias de Lx.ª *etc.*

Pois João Pedro Ribeiro, o «fundador e patriarcha da sciencia diplomatica entre nós» (como avisadamente o douto bibliophilo Innocencio Francisco da Silva o conceitua), (*) sem sahir do seu officio, topava motivos de rir nas suas profundas investigações de velharias.

Aqui vai um exemplo frizante.

Escrevia elle desde Coimbra a um seu amigo do Porto ácerca de pesquizas feitas nos conventos do seculo XIV:

«... Continúo—escreve o doutor—com Pedrozo, e «cada vez acho mais. No reinado de D. Diniz, vagavam «duas freiras de Semide *extra-claustra* (fora do mosteiro) «a titulo de passarem para a ordem de Cister; mas, te-«mendo a justiça do bispo de Coimbra ou a de Deus, re-«correram a Clemente V que expediu Breve pela Peni-«tenciaria para se recolherem a mosteiro da ordem. D. «Gonçalo Pereira, deão do Porto, executor do Breve, «lhes impoz a penitencia, e absolveu, e permittiu entra-«rem em certo mosteiro da ordem. Talvez v. s.ª não adi-«vinhe qual. Pois foi no Pedrozo, aonde benignamente «as recebeu o dom abbade d'aquelle tempo, o sr. D. João «Domingues, assignando-lhes a sua reção e vestiaria para «ellas e suas mancebas. E' bem verdade que a sr.ª D. «Goncinha Simões, uma d'ellas, (e á sua sombra iria a «outra) levava comsigo de herança dos pais uns sete ca-«zaes ali por perto do mosteiro em Avanca, Valga, Fer-«medo. Agora, pergunto eu: ao pé de Pedrozo ficava «Villa-Cova, de freiras benedictinas; por que buscavam «ellas antes mosteiro de monges? E como entendeu D. «Gonçalo Pereira as palavras do *Rescripto: «intra trium «mensium monasterium sui ordinis ingrediantur* (no praso «de trez mezes se recolham a mosteiro de sua ordem) por «mosteiro de monges? Não passe esta noticia ao publico; «senão, sabendo-o as freiras, e achando Gonçalos Perei-

(*) *Diccionario bibliographico*, tomo 4.º, pag. 8.

«ras, irão todas pelo caminho d'aquella boa velha Joan«na Domingas, levadas da boa fama de Pendorada, e ago«ra do prelado que tem,..... e levarem para lá o que ti«verem em louvor de Sancta Maria do Corporal, e pre«cisarem de parar as obras rusticas para fazer cellas para «as monjas, e será nova especie de emigrados, sem serem «francezes, que tenham de aturar.»

Estas reflexões um tanto alegres do insigne jurisconsulto não nos authorisam a rastrear-lhe na vida acto que recendesse perfumes de amorios com freiras ou seculares. Os affectos principalissimos de João Pedro Ribeiro, depois dos codices, eram as flores: conjectura justamente inferida d'outra passagem d'esta carta com que me brindou o meu velho amigo Carlos Nogueira Gandra:

«Eu tenho-me já dissuadido—acrescenta o conse«lheiro da fazenda—de viajar ao Porto no Natal, e, como «passa o tempo, quando tiver occasião me faz favor re«metter as taes plantas... que são o Solano, Mogarins, «Peludo, Mangericão roxo, Cassia branca, Merculiana, «Botões d'ouro das duas qualidades, Cravos grandes ra«jados, Peonia, Angelica. Flor de Liz não será agora «tempo, e, sendo-o, tambem pode vir.»

A carta é escripta em 17 de desembro de 1812. João Pedro Ribeiro, com mais de oitenta annos, morreu no Porto em 4 de janeiro de 1839.

ANTIGUIDADES DE BRAGA

(EXTRAHIDAS D'UM CODICE DO SECULO XVII.)

—

A misericordia de Braga esteve primeiramente na ıustra da Sé, ónde está a capella de D. Diogo de Sou-. D'alli mudou-se para a capella de Sant'Anna, no ımpo do mesmo nome; e d'aqui para o logar onde está. s irmãos vestiam opas pretas.

*

Lomar (1) chama-se assim por que no tempo dos ıevos e mais longe havia ahi um lago artificiosa-ente feito, na chan, que ainda hoje se vê, e, segundo . vestigios, tinha de circumferencia meia legua, e lhe ia › rio Deste a agua. Era quinta real de prazer. E co-o a linguagem antiga se parecia com a gallega, e o go por sua grandeza semelhava o mar, os que lá iam vertir-se ou pescar em botezinhos, diziam uns a ou-

(1) S. Pedro de Lomar, freguezia circumvisinha de Braga.

tros. «Vamos a *lo mar?*» Juntas depois as duas dicções em um só nome ficou *Lomar*, onde se edificou mosteiro benedictino.

*

D. Fr. Bartholomeu não fundou o collegio, onde os jesuitas ensinaram, com o proposito de lh'o dar, nem para albergaria dos peregrinos de S. Thiago, como outros asseveram. O seu intento era fundar convento dominicano; porém, como não conseguisse do commendatario de Tibães renda para elle, deu-o á companhia de Jesus.

*

Na claustra da Sé houve antigamente tres cemiterios: um para os conegos, que era todo o vão da capella de D. Diogo de Sousa e o atrio fronteiro; o segundo era de gente commum, e hoje é claustra; o terceiro era de pessoas reaes, onde hoje está a capella de S. Jeronimo, Nossa Senhora da Boa Memoria, Santo Amaro e tudo o mais circumposto. Aqui se enterravam os reis suevos catholicos, e por isso detraz do retabulo da Senhora da Boa Memoria, haverá sessenta annos (1) foram achadas trez sepulturas com effigies de vulto em cima e coroadas; as quaes a confraria barbaramente sotterrou quando fez obras. Como aqui era cemiterio real, mortos que foram o conde D. Henrique e sua mulher a rainha D. Thereza, D. Affonso Henrique fundou a capella hoje chamada de S. Thomaz no que era cemiterio real, para trazer para alli, como trouxe, os ossos de seus pais; e aqui jazeram até o tempo de D. Diogo de Sousa que os trasladou para a capella mor da Sé. Ha poucos annos

(1) Relembramos ao leitor que o manuscripto conta para cima de cem annos.

que na capella de S. Thomaz appareceu uma sepultura com uma effigie em vulto de mulher coroada e aos pés um leão. Por se fundar a capella no logar onde se enterravam reis, se ficou chamando «Capella dos reis». D. Affonso Henriques a dedicou ao evangelista S. Lucas, e n'ella collocou uma cana do braço do sancto, que lhe tinha mandado de Roma um cardeal, e não Paulo Horosio como alguns dizem. Aqui estava uma imagem que depois se mudou para o corpo da Sé em frente de Santo Agostinho.

Depois da batalha de Aljubarrota, o arcebispo D. Lourenço reedificou a dita capella dos reis para um jasigo; e é de advertir que do corpo da Sé havia uma porta para o dito cemiterio real por onde os conegos iam fazer os anniversarios, a qual depois se empedrou, e ficou por detraz do altar de S. Francisco, e sahia onde hoje está o corpo de D. Lourenço; e por esta rasão nos remates dos arcos da abobada se vêem escadas e n'ellas grelhas, cascos de navios e corvos, aludindo a S. Lourenço e S. Vicente, sanctos do seu nome, pois se chamava D. Lourenço Vicente; e no altar mor poz os dois sanctos, e no meio Nossa Senhora da Apresentação. Os quaes sanctos estiveram no altar até que entrou a confraria de S. Thomaz, á qual o cabido deu licença, para erigir sancto no altar com obrigação de ter n'elle os acima referidos. Na dita capella e no remate do retabulo se acham as armas d'el-rei D. João 1.º

*

O caminho de Braga para Guimarães e Porto era pelo postigo que hoje se chama de S. Sebastião; descia por entre as cazas de Antonio de Macedo; d'aqui ia ao monte de Penas, procurava a ponte de S. João do rio de Ave, passando primeiro por Esporões e Brito. A do Porto levava o mesmo principio, e se apartava da de

Guimarães para o poente, e ia passar o Ave á ponte de Lagoncinhos.

O sitio por onde ia esta estrada logo ao sahir de Braga se chama ainda «a cividade», nome corrompido de *sahida da cidade*, por ser aquella parte um declive que desce muito.

D. Diogo de Sousa abriu o caminho que hoje se chama «as conegas» que depois tomou aquella denominação, por que as primeiras cazas que alli se edificaram foram terreas onde hoje é o quintal de Pedro da Cunha, e n'ellas moraram trez irmans d'um conego, e por isso eram chamadas «as conegas»; e, como eram mulheres de prestimo, boa vida e capacidade, se dizia: «vamos fallar ás conegas», *etc.*

O collector e redactor das noticias transcriptas foi o mesmo fr. Manoel da Ascenção a quem devemos o importante esclarecimento da *Meza* das Carvalheiras.

Haverá quem dispense uma das suas horas feriadas em esquadrinhar antiguidades de tal ranso? Pode ser. Os dissaboriados das pompas de hoje em dia, tão insignificativas, tão ocas de idea que leve ao porvir a noticia de alguma cousa grandiosa d'estes tempos, antes se querem com as ruinas do passado, por que, ao menos, estas são a historia, são a fé, são a indole das gerações extinctas. O que hoje se faz, volvidos tresentos annos, que traços phisionomicos do viver actual hade offerecer aos antiquarios? A meu ver, nenhuns. Materialisando o que não pode em verdade ser idealisado, a geração actual, para os vindouros hade figurar-se o que hoje nos parece a estatua mythologica esbrucinada, com os relevos carcomidos, já indecifravel e sem forma ou feição caracteristicas.

Não hãode assim pensar os creadores de bazares industriosos e industriaes. Alguns dirão: D. João, o guerreiro victorioso fez a Batalha; D. Manoel, o senhor das

frotas que escumavam o domado occeano, fez Sancta Maria de Belem; D. João V, o devoto irracional, fez Mafra; nós, seculo XIX, que não batalhamos, nem navegamos, nem oramos, *fazemos progresso*. A gente o que anda a fazer é progresso. Já se lhe fabricou uma casa digna, onde elle mora, o Progresso; um palacio grande onde o Pluto moderno se estende á perna solta, e dá de renda 15 contos annuaes aos proprietarios. Os seculos XV, XVI e XVIII faziam casas de marmore onde só cantavam frades; o XIX faz cazarões de cristal onde canta quem quer. A «Suripanda» não vos regala mais que os threnos dos poetas hebreos?

E, rodados trez seculos, que dirão os antiquarios apontando para a praça onde hoje campea o torreado palacio do Progresso? Prefigura-se-me que os vejo e ouço:

—Aqui, ha tresentos annos, existiu um salão, onde bailavam mascaras; e um restaurante onde se comiam ostras; e uma rampa onde cantavam bufos, e se ostentavam os primores drammaticos de *Ignez de Castro* e *Pedro Sem*, dois brilhantes da coroa da Thalia portuense. E, como diversão aos graves espiritos d'aquelle tempo, tambem o Progresso deu aos seus amigos representações de tramoias chamadas *Magicas*. Chamava-se isto o *Palacio de Cristal*.

Mas que faz isso ou que tem que ver as *Antiguidades de Braga* com as modernices chôchas do Progresso?

E' um disparate realmente!

Burundangas de escrevinhador que mistura alhos com bugalhos.

CARTA DE D. ANTONIO

PRIOR DO CRATO,

AOS

LENTES DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

O cardeal-rei D. Henrique desterrou seu sobrinho D. Antonio para o Crato; como o pretendente, porém, contravindo ás ordens do rei, estanceassé por Coimbra, conjurando e grangeando bandos para a sua parcialidade, o timido cardeal aggravou a pena do desterro estendendo-a até á expatriação. No acto de sahir, o infeliz pretendente escreveu aos lentes da Universidade uma carta, que não vimos entre as *Provas da Historia Genealogica*, e encontramos entre os papeis do douto antiquario o conselheiro Nunes de Carvalho, ha pouco fallecido em Coimbra. E' do theor seguinte:

Carta do sr. D. Antonio aos lentes da universidade para a pablicarem a seus ouvintes nos Geraes. (1)

«Fazei-me mercê de dizerdes a esses senhores vossos ouvintes que o mayor alvoroço que n'esta vida tive foi de vir para esta terra por podel-os tratar, conversar e servir como bom companheiro e verdadeiro irmão, que n'esta

(1) Não seguimos rigorosamente a orthographia da copia textual, por nos parecer que a noticia tem tudo com a historia e quasi nada com a philologia.

conta me tenho, e que há muitos annos trago estes desejos que não pude effectuar até agora, por cousas que succederam. Agora que cuidava tinha alcançado o que tanto desejei, me manda sua Alteza me vá de seus reinos, e me ha por desnaturado d'elles; que lhes affirmo pela verdade que devo fallar, e assim Deus me console, que mais sinto esta abzencia pelos deixar, que pelo que ella está promettendo; e lhes peço por mercê cuidem isto assim de mim, e tenham por muito certo que em todo o estado que me achar lhes terei este amor, e me honrarei tanto de me admittirem a esses nomes que me ponho, que será esse sempre o titulo de que mais me honrarei, e com este os servirei em tudo o que se offerecer: que se fiquem muito embora, e que nosso Senhor lhes dê a todos o que podem desejar. *D. Antonio.*»

Com esta carta captivou D. Antonio o coração generoso e arrebatado dos estudantes; não assim o sisudo animo dos lentes que propendiam a favor da legitimidade de D. Catharina de Bragança. Rei castelhano é que mestres e discipulos repulsavam com igual repugnancia.

Morto o cardeal, D. Antonio voltou ao reino, e fez-se acclamar em Santarem. Em quanto Lisboa, corrompida nos seus magnates, fechava as portas ao filho do infante D. Luiz, a formosa do Mondego anciava o momento de embandeirar suas torres e miradouros para de novo receber o rei amigo que tão saudoso lhe sahira dos seus encantos. A mocidade destemida propugnava em discursos publicos a favor de D. Antonio; ao mesmo passo que os tolerantes professores, avessos a Castella, denotavam certo pendor a deixarem-se levar na torrente do enthusiasmo juvenil.

Vingou, n'este entrementes, Christovam de Moura seduzir um clerigo de Coimbra, chamado Ambrosio de Sá, ancião venerado na terra e havido em grande conta de sancto e politico. O padre Ambrosio agenciou

o reviramento d'alguns espiritos, e conseguiu predispol-os contra o filho da zingara. Os animos revirados deviam de ser dos mais grados de Coimbra, por que entre estes logrou alliciar a favor de D. Filippe 2.º os membros do Senado. (*)

Ainda assim, a magnanima alma dos moços estudantes não resvalou da sua patriotica dedicação ao prior do Crato. Quando o temerario, derrotado em Alcantara, ia fugindo, Coimbra recebeu-o carinhosa. Muitos estudantes se alistaram nas suas escalavradas fileiras; o povo seguiu os estudantes; e D. Antonio, compungido por tão amorosa vassalagem, amaldiçoou talvez a má fortuna que lhe contraminava a devoção de tantos e tão leaes amigos.

Pobres moços! mui cara lhes havia de sahir a honrosa loucura de seguirem até ao Porto o foragido!... D. Antonio, verdadeiramente, não merecia o culto de tantos martyres. A posteridade não pode louvar o neto d'el-rei D. Manoel; mas exalça e sanctifica a illustre memoria dos que lhe foram leaes até á escada do patibulo.

(*) A *Deducção Chronologica* de José de Seabra, ou, mais exactamente, do marquez de Pombal diz que o padre Manoel Godinho andou disfarçado em estudante, aliciando os animos a favor de Castella. Este disfarce figura-se-nos inverosimil.

NOTA AO LEPROSO DE X DE MAISTRE

—

O conde Xavier de Maistre na tão formosa quanto conhecida narrativa do «Leproso» descreve a porção deserta da antiga cidade d'Aoste. (1) «Entestando com a porta da cidade (diz o insigne escriptor) jazem as ruinas de antigo castello, no qual, se a tradição é exacta, o conde Renato de Chalans, enfurecido por ciumes, deixou morrer de fome, no seculo quinze, a princeza Maria de Bragança, sua mulher. D'isto se deriva o nome de «Bramafan» *(grito de fome)* dado ao castello pelos naturaes do sitio. Esta anecdota, cuja auctenticidade é duvidosa, torna interessantes estes paredieiros ás pessoas sensiveis que a julgam verdadeira.»

(1) Nos Estados Sardos, capital da provincia do seu nome, a 75 kilometros de Turim, com sete mil habitantes. Foi remotamente capital dos *sallassii*, valorosa tribu da Galia transpadana. Destruia-a Terencio Varro Murena por ordem d'Augusto. O maior numero de seus moradores morreu afogado pela torrente do rio, que o destruidor desviou do seu leito, e levou á cidade, sabendo que os habitantes se tinham sotterrado. Sobre as ruinas, os pretorianos levantaram a *Augusta Praetoria*, da qual ainda campea um magnifico arco, e á volta acervos de ruinas na parte meridional. Assim mesmo, Aoste é ainda terra importante commercialmente. Nos seus arrabaldes demoram as celebradas minas e aguas thermaes de «S. Didier.»

Não informaram os moradores d'Aoste exactamente o illustre visitador do leproso, nem de Maistre consultou informações historicas. O conde de Chalans foi decerto casado com uma senhora da caza de Bragança quarta filha do duque D. Diniz. Chamava-se ella «Mecia» e não «Maria». *Lencastre* era o seu apellido.

D. Mecia, em qualidade de dama da infante D. Beatriz, (1) filha d'el-rei D. Manuel, passou a Saboya, quando aquella princeza, em 1421, casou com o duque Carlos III. Dotada com tão illustre nascimento, foi pretendida dos fidalgos de Saboya, e esposa de Renato de Chalans, conde, barão e marechal.

Carecemos de documentos comprovativos da tradição popular desairosa á memoria de D. Mecia, e da cruel vingança do trahido esposo. O que sabemos dos genealogicos é que ella teve de seu marido duas filhas: uma, D. Isabel, aqual cazou com o marquez de Suriano. A linhagem desta senhora acabou no marido de sua neta, Anibal Grimaldi, degolado em 1621. A outra, D. Filisberta, casada com o conde de Brione, é hoje representada pelos duques de Lorena e marquezes de Gerbevillier.

E' tambem certo que Renato cazou segunda vez: probabilidade que favorece a tradicção do povo, ligada ao castello de *Bramafan*. Pode ser que a imprudente senhora, por um lapso vulgar nas fidalgas do seu tempo, se fizesse digna de exemplar castigo. Sua ama, a snr.ª D. Brites de Saboya, tambem deu ciumes ao esposo, quer lh'os suggerissem a tristeza e saudades da esposa que sempre viveu desconsolada, consoante dizem poetas, quer— e isto friza com a fraca natureza humanal—a princeza se descuidasse da sua honestidade. Como quer que fosse, a memoria da filha do duque de Bragança, sem embargo de ter morrido de fome, está infamada em Aoste.

(1) *Brites* diz D. Antonio Caetano de Sousa, na *Hist. Geneal. da C. Real.*

Já que não lh'a podemos rehabilitar, sirva este escripto de emenda ao erro de nome e de seculo que vem na commovente narrativa do conde Xavier de Maistre. Alguem nos tinha dito que era pura invenção o caso de *D. Maria de Bragança*, mulher de *René de Chalans*. Não é.

AS REGRAS GERAES

DO SNR.

J. M. P. S.

DA

CIDADE DO PORTO

Este snr. passou trabalhos grandes em sua vida, da qual nos contou o essencial em um folheto de 32 paginas, publicado em Lisboa, no anno de 1816, com este laconico frontespicio: *Definição da amizade, seu augmento no tempo da felicidade, e diminuição total no da desgraça. Obra muito util para a mocidade, que principia a entrar na ordem do mundo, onde lhe parece que tudo o que luz é ouro, quando é tudo falso, e só lisongeiros mostrando-se amigos para lhe comerem o que tem; e depois de os verem pobres voltarem-lhe-as costas: á maneira dos pardaes, que se ajuntam em bandos a fazer muita festa ao Lavrador quando este traz o milho na eira; e logo que o recolhe na tulha desapparecem, e só vem um por um chamar-lhe vilão, esquecidos do bem recebido, que pagam com tal ingratidão insultante. Composta por J. M. P. S. da cidade do Porto, no anno de 1816.*

Se titulo deste tamanho abastecia uma encyclopedia de sciencias moraes, cresce a admiração de ponto quan-

do o vemos invadir a zoologia, contando-nos as costumeiras e linguagem dos pardaes, em dialogo com os lavradores.

E tanto mais para assombro quanto o auctor nos recommenda a sua ignorancia neste requinte de modestia: «Não me inculco por sabio em faculdade alguma, por não o ser.» Todavia, confessa que o parece. Sobre ser novo, é sublime desprendimento, isto! Não quer que a gente se engane com aparencias.» O tempo (escreve elle) me tem ensinado a *parecer* sabio nesta materia.»

A materia referida vem logo tratada depois do *Prologo* que diz derivar-se de *Para-logo*. Foi elle quem primeiro disse esta coisa. Como de passagem o filologo hia cavando na raizes das palavras! (1)

Entra o snr. *J. M. P. S.* a contar sua vida.

Aos 8 annos foi para o Brasil, enviado por um tio. Arranjou-se em casa d'um negociante chamado Pedro, *que mostrando bem o fio de tal nome lhe não parava caixeiro em casa.* Não cai a gente depressa na significação do *fio de Pedro*. E' methafora.

No fio estava ja o biographo, ao cabo de trez annos de má vida. Deixou o patrão, e foi com outro, e com fazendas por sua conta, mercadejar ás Minas de Goyazes.

Oportunamente nos dirá o que viu, sendo que a disposição em que leva gisada a sua biographia lhe ordena começar pela noticia do Rio de Janeiro. Aproveitemos da descripção o que nos parece, alem de curioso, importante ao confronto da cidade moderna com a que foi ha sessenta annos...

«E' muito plana e regular, suas ruas são muito direitas, e só a deste nome é a mais torta, e fazem um xa-

(1) O snr. Francisco Gomes Freire, tambem filho do Porto, e negociante no Rio, descobriu, ha pouco tempo, que *entrudo* é derivado de *Entre-tudo*. Conta o illustre portuense, ao proposito, uma historia persuasiva e inedita. Não sei que outra terra haja dado assim no mesmo seculo dois talentos para etimologias!

drez á maneira de jardim: são seus nomes os seguintes: A primeira que corre de Leste a Oeste ao longo do rio, é a da Praia do peixe, que comprehende o palacio com seu grande largo, onde se faz a parada, seu chafariz no meio, caes de pedra com assentos, passeio, *etc.* A segunda é a Direita, onde está, a alfandega, e esta tem fundo tal que chega á da praia, onde ha uma grande estacada pelo rio dentro forrada de taboado, e coberta com um telhado a que chamam Ponte da Alfandega... Nesta mesma rua, que é bastante larga, moram a maior parte dos negociantes de atacado, supposto ha muitos de mercadores do retalho e de ferragem. A terceira rua, que corre do mesmo rumo, é a Quitanda, que é de mercadores de retalho desde a rua do Ouvidor até Santa Rita; e desde a dita rua do Ouvidor para a parte da de S. José tem o nome da rua do *Soçocusarará*, cuja derivação do nome lhe vem de certo homem que ali morou com tal chaga no assento que todos perguntavam se o *seu c. sarará*. (1) O que deu nome á dita rua. A quarta rua é a dos ourives do ouro e da prata que vai ter á egreja de Santa Rita.

«A quinta rua é a da Villa na qual so moram povo de officios. Depois segue-se o campo de S. Domingos onde até o anno de 1797 só haviam algumas cazas pequenas, e em muitas d'estas moravam os siganos, que foram degradados de Portugal no tempo do Snr. D. Francisco, pelas suas virtudes de enganadores em contractos de que ainda usam n'aquella e n'outras cidades em que existem. As outras ruas, que fazem o xadrez, botando em linha recta, desde a da Praia ao campo de S. Domingos,

(1) O auctor, forçado pelo rigor etimologico da sua noticia, desviou-se algum tanto das boas praticas dos topographos seus coevos. Lido com toda a probabilidade em Jorge Ferreira e Gil Vicente, não quiz ser mais delicado que elles. Se a rua procedia d'uma raiz suja, a culpa não era d'elle. Quem tresandava, n'este cazo, era o senado a quem competia dar nome novo á rua para fazer esquecer a parte ulcerada que lhe dera o nome velho.

são dez, a saber: a de S. José, da Cadea, do Ouvidor, do Rozario, de Traz do Hospicio, Travessa da Alfandega, Sabão, S. Pedro, das Violas, e Pescadores; e so esta ultima é morada de muitos negociantes de atacado, e a do Rosario de tavernas de vinho, de que quase todos os taverneiros são ilheos; as mesmas são morada de diverso povo de officio na mesma a Rua da Cruz, que bota da rua Direita para a da Praia, e a de mercadores; e a rua da Carne Secca, que tambem bota da rua Direita para a da Praia, e fica em frente da do Rosario, e é de lojas de carne secca vinda do Rio Grande; e mesmo ao pé da praia ha lojinhas de diversas quinquilharias miudas, a que chamam armarios, que são á maneira dos da Natividade na cidade do Porto. Ha mais algumas travessas e viellas, *etc.* As ditas ruas são todas tão direitas que da da Praça e Rio se avista o campo de S. Domingos, e são todas ladrilhadas de pedra miuda pelo meio, e de larga pelos lados para passeio; porém não tinham peões de pedra n'aquelle tempo. A rua Direita, Largo do Palacio e caes tem lampiões de 12 em 12 passos, que em noites de escuro são acesos pelos prezos das galés, e fazem boa vista olhando-se do rio. »

Quem houver visto a capital do imperio brazileiro, espanta-se da transformação; mas não descreia da pintura que lhe offerece o prestante sujeito que a descreveu ha meio seculo. Pode ser que ainda vivam contemporaneos d'elle que lhe abonem a fidelidade da descripção.

Ouçamol-o na analyse dos costumes dos fluminenses.

Conducta e caracter dos nacionaes

« São tão inimigos do trabalho que muitos poucos se vê apprenderem officio e menos applicados ao commercio; pois tem por desprezo serem caixeiros para chegarem a ser negociantes, e mofam dos filhos de Portugal, quando principiam n'aquella carreira; e ainda que seus

pais lhes dessem cabedal, sabem bem gastal-o, e em breve ficam como S. Sebastião de calções. São com tudo activos e aptos para tudo quanto se aplicam, que é quase geral ser para doutores em medicina e leis, frades, clerigos ou soldados. As femeas tem muito juizo, por que preferem o cazar com filho de Portugal, sem ter vintem, ao do seu compatriota com milhões, cuja preferencia fazem ainda que tenham ricos dotes. Chamam-se cariocas aos filhos da dita cidade, derivado o dito nome do chafariz *carioca* unica agua que até aquelle tempo tinha a cidade, e da mesma é que era encanada para o chafariz do Largo do Palacio; o que era incuria da camara, por haver muita agua no logar de Andrahi, só distante duas leguas, que muito facil se podia meter na cidade. Esta incoherencia motivou vender-se um pote d'agua por duas patacas, 640 reis quando o Principe regente nosso senhor ali chegou com a sua corte, e agora é que o mesmo senhor mandou meter agua em abundancia. O vicio na falla é nos nomes seguintes: Para dizerem *milho* dizem *mio;* para *melhor* dizem *mió*, para *peor pió;* para *telha* dizem *têia;* para *telhado* dizem *teado;* para *melhorar* dizem *miorá*, *etc*, *etc*, *etc*. »

Segue o roteiro a peregrinação para Goyares. O auctor estranhou os mosquitos do Porto da Estrella: « Eram muitos os mosquitos pernelongos (diz elle) que assobiam e mordem diabolicamente, primeiro trabalho que senti, e estranhei por falta de costume. »

Descreve tresentas e vinte leguas de sertão, onde se lhe acabou o feijão e toucinho. Felizmente, elle e os seus vinte e um companheiros comiam macacos assados; e « era tal a fome (acrescenta o peregrino) que ainda muito mal assados, e que ainda pareciam gritar, já cada um cortava o seu pedaço.» Infelizes macacos!

Declara que a villa de Goyares tem theatro; mas *que as figuras não são boas;* e lembra-se então de ter omit-

tido que o theatro do Rio de Janeiro *é bom e situado atraz do palacio, e que as figuras são boas.* Gaba grandemente a indole liberal dos moradores de Goyares, comparando-os aos sovinas do Rio, que nunca lhe offereceram um jantar.

Ao cabo de desoito mezes, voltou com o lucro de cinco mil e tantos cruzados. Tornou ao Rio Grande de S. Pedro do Sul, com vinte e seis mil cruzados de fazenda em trez sumacas. Naufragou na barra do Rio Grande. Morreram muitos passageiros que se lançaram ás ondas, e salvou-se elle com mais seis por não saberem nadar.» Eu tive o acôrdo (pinta elle) de amarrar debaixo dos braços uma capoeira de gallinhas, e quando a sumaca se fez em pedaços (que foi no espaço de uma hora pouco mais ou menos) fiquei sobre o mar, o qual me foi levando de banco em banco de areia; ora muito fundo ora ganhando pé, sustentei bastante tempo o meu juiso, até que o perdi quando ja avistava a praia, em que andavam os bons moradores d'ali, homens e mulheres, com grandes bicheiros a salvar os que abordavam á mesma. Eu nada soube de mim, senão quando vim a meus sentidos, e me achei em uma boa cama, e tratado com tal modo e amor como se faz em Portugal a um proprio filho. Desta boa e santa familia soube que me viraram as pernas para cima, e que tinha botado pela boca muita agua salgada e que me tinham despregado os dentes com uma colher, para me botarem por ella agua de gallinha, e que para vir a meus sentidos levara algumas oito horas. Tambem soube d'ella que só morreram quatro dos meus companheiros.»

E' de saber que as sumacas, em que o narrador levava os seus cabedaes, sahiram do Rio depois d'ella e chegaram a salvo.

Chegado á villa de S. Pedro, o negociante abstem-se de descrever a terra por já estar cabalmente descripta n'um soneto d'um poeta da mesma villa. Visto que

elle nos recommenda o primor do poema e da pintura, transcrevamol-o:

Tetos de erva, paredes de pantano (1)
Nome de Villa e construcção d'aldea,
Quase coberta da volante area
Dos combros que aqui crescem todo anno;

Brizas do vento leste e *minuano*,
De moscas, pulgas, bichos é bem cheia;
Não sei quem tanto insecto aqui semeia
Para causar ás gentes nojo e dámno!

De pé um diminuto batalhão,
De cavallo os dragões mais esforçados,
De voluntarios uma legião.

Dizem que ha nos campos muitos gados;
Esta é do Rio Grande a habitação
Onde purgando estou os meus peccados.

O poeta purgava mais que os peccados, e devia tambem purgar os seus visinhos com a jalapa de taes sonetos.

O seu admirador embarcou para Porto Alegre, donde se foi com a fazenda em canoas para Rio Pardo. Trocou os generos por couros e xifres. Os xifres ficaram-lhe muito em conta a 400 e 500 reis o cento. Arranjou dez milheiros d'elles, que vendeu depois no Rio a rasão de 3$600 reis cada cento. Bom negocio! Diz elle que comprara bois a 1$200 reis, e depois de os comer ainda vendera o couro por 1$000 reis. Quantos bois comeria elle a dois tostões cada boi? Com quatro sumacas de couros e xifres, fez-se no rumo do Rio de Janeiro o ditoso commerciante. Os lucros sahiram-lhe tamanhos, que estabeleceu casa de negocio por atacado. Depois, pegaram com elle umas sesões rebeldes que o obrigaram a sahir para Portugal na corveta *Nossa Senhora Mãe dos homens*.

(1) Barro.

Assim que se fez ao largo, entrou a comer bem. Já as maleitas se tinham ido, quando lhe sobreveio o revez de dar á costa a 26 leguas ao sul da Bahia, ent e as ilhas de Quiepe e Camamu. Desembarcaram os passageiros na Praia dos Carvalhos, e de madrugada veio a corveta varar em terra. Salvou-se a carga e casco; mas em tal estado que foi mister leval-o a compor na Bahia, onde esteve nove mezes, esperando o comboyo grande, que trazia o «diamante grande» e veio a Portugal escoltado por desesseis navios de guerra. O auctor, receando a corveta, embarcou no navio Trovoada, e aportou em Lisboa com 116 dias de viagem.

Agora, d'aqui por diante, encurtar a narrativa, seria defraudar o leitor. Escreve o snr. J. M. P. S.:

«Demorei-me só 14 dias em Lisboa, e depois partí por terra para o Porto, onde chegando fui festejado dos meus parentes, e rodeado de tantos amigos que me deixou satisfeitissimo; e muito maior numero se me ajuntou d'elles quando estabeleci casa de negocio de atacado n'esta cidade, uns a vir comer e beber a minha casa, e a convidar-me para a sua e para funcções: e como eu nunca tinha tido desgraça alguma, unica pedra de toque para os conhecer falsos, e me via com vinte mil cruzados, não sabia que a sua festa era a estes e não a mim; e ora me pédiam quantia emprestada, ora para lhe firmar lettras, o que tudo eu fazia com sinceridade, e o tempo que esta ficção me durou o descrevo no seguinte:

Tempo da minha fortuna no Porto

Seis annos passei engodado dos taes amigos sempre obsequiado d'elles como verdadeiros; mas ah quanto me enganei!!! O céo queira que os meus leitores aprendam na minha cabeça, e que não quebrem a sua, fiando-só no tempo feliz, em Deus e depois no dinheiro que são os unicos amigos em quem nos podemos fiar, seguramente, o que vou demonstrar no seguinte:

Tempo da minha desgraça

Tendo no meu principio vendido porção de anil que trouxe do Brazil aos fabricantes da Covilhan, a troco de panos e baetoens, mandei quantia d'estes para o Rio de Janeiro, e vendi outra quantia a diversos n'esta cidade com lettras acceitas para servir de desconto d'estas, na falta de remessas do Rio. Este plano prudente falhou-me em tudo; por que as remessas falhando, descontei as lettras que para isso firmei; e ao seu vencimento quebraram os acceitantes meus devedores, e fui obrigado a tomar novo dinheiro com firma de meu tio e minha, e com uzura de ser em papel moeda, que o desconto estava a 28 por cento: o que soffri esperando as remessas do Rio. Eis que são tomados sete navios pelos francezes, todos d'esta cidade, e em que perdi maior quantia do que tinha, e fui então obrigado a ver fugir todos os meus amigos, e os primeiros os que mais obrigaçoens me deviam, que nem o chapéo me tiravam; até tive um a quem eu firmára 1:800$000 reis e elle a mim só 400$000 reis, o qual foi dizer ao meu honrado credor, que não firmava mais a lettra, o que este me disse em segredo. Fui então ter com o tal amigo, e lhe dei em panos azues valor maior dos 400$000 reis para servir de penhor; e, chegado o vencimento da reforma, fui pagar ao meu credor, e levei a lettra para o dito amigo ver e riscar o seu nome, e depois pedi-lhe os meus panos, que me disse tinha dado em penhor da divida sua; os quaes nunca mais me deu, e d'ahi a pouco fez ponto. E que vos parece este amigo? Este e outros quase semelhantes, junto aos prejuizos já contados, me obrigaram a fazer ponto; porém com honra; pois mostrei claro os ditos prejuizos em balanço dado mercantilmente, e em que meti e entreguei perto de 3:000$000 reis que tinha em casa de fazendas, e tomando conta os meus honradissimos credores, que nomearam um caixa, sahi eu pela porta fóra com 1$320

reis; de sorte que para levar minha mulher e uma filha de quatro mezes para Cambra (donde a mesma é) d'aqui sete leguas, empenhei um guarda-sol por 2$400 reis a Manoel José d'Oliveira Braga, negociante e morador n'este tempo na Ponte Nova; pois que nem minha mulher trouxe dote, nem lh'o fiz por ser furto; bem que alguns dos meus devedores m'o fizeram nas suas quebras. Com o meu braço a escripturar livros do commercio vou vivendo agora, graças a Deus!»

Não ha duvidar da probidade de um homem que atirou assim á cara dos que o roubaram a sua defeza e justificação. A coragem de sahir a lume com a sua autobiographia quem lh'a deu senão o desassombro da honra infeliz, mas intrepida? Tivesse elle estylo, veriam que commovente lance não seria o da esposa, e filhinha de quatro mezes, caminho de Cambra, ratinhando as migalhas procedentes do guarda-sol, empenhado pelo probo negociante, que entregára aos credores tres contos de reis, e não dotára a mulher para os não prejudicar!

E, depois, a serenidade da narrativa! Quando accusa um ladrão, pergunta: «e que vos parece este amigo?» O reportado animo com que elle escreve: «com o meu braço a escripturar livros de commercio, vou vivendo, graças a Deus!».

Quando parecia estar fechado o protesto, o laborioso escripturario conta dous casos que *lêra e ouvira em rapaz sem os attender*. O primeiro caso que elle ouviu foi «que o sabio Ovidio Romano disse no seu tempo que no tempo feliz muitos e innumeraveis amigos teremos, e que no da desgraça sós nos acharemos.» O segundo caso, que lêra, foi um soneto, que termina:

> Tenho experiencia, e tenho entendimento;
> E, se ha no mundo amigos verdadeiros,
> Será só no paiz do fingimento,

Outro caso que lêra é o de um pai que deixou em determinado logar uma corda ao filho para que se enforcasse quando empobrecesse. O rapaz, reduzido á miseria por desvarios e prodigalidades, deliberou enforcar-se na corda atada a um caibro por mão do pai. Pendurou-se, esperneou, o caibro rangiu, partiu-se, cahiu, e uma burziguiada de peças choveu sobre o suicida. O prodigo regenerou-se.

Remata o snr. J. M. com as trez *Regras Geraes* seguintes:

1.ª

Não confies em homem que sempre e para todos se ri; pois ha provas de ser fingido, e é impossivel que o coração seja sempre egual como quer mostrar o rosto. Tambem nos templos o que resa muito alto e bate muito nos peitos não ha a melhor prova delle.

2.ª

Quando algum individuo te vier propor algum negocio, não o decidas em ajuste logo, e dize-lhe que verás; por que elle quando t'o vem offerecer já o tem considerado, e tu deves tambem pensar se te convem ou não.

3.ª

Quando alguem te vier pedir pequena quantia de dinheiro ou fazenda até certo dia, e t'a vier pagar promptamente, espera, que logo depois te vem pedir maior quantia, que não deves emprestar para não perder esta segunda; pois é este o estylo de caloteiros geralmente, e que admitte pouca excepção tal regra.

JOSÉ BALSAMO EM LISBOA

Os leitores das *Memorias de um medico*, por Dumas, conhecem José Balsamo; saibam, porém, que o homem prodigioso inventado pelo explendido romancista é uma innocente burla. O conde de Cagliostro não merecia as honras de excitar a phenomenal fantasia de tão ardente cabeça. Se A. Dumas lesse de espaço o processo de José Balsamo, preso no castello de S. Angelo, correr-se-hia de cooperar para a immortalidade d'um sujeito que principiou a ser um pobre alarve desde que a desfortuna lhe desafivelou a mascara de velhacaria, cujo requinte parecia medir-se pelo da sandice dos seus admiradores.

No principio d'este seculo publicou-se em Barcellona um livro com este titulo: *Compendio de la vida y hechos de Joseph Balsamo, llamado el conde Calliostro. Que se ha sacado del Processo formado contra el en Roma el ano de 1790, y que puede servir de regla para conocer la indole de la secta de los francs-masones. Traducida del Italiano.*

São 313 pag. em 8.°, cheias da vida sordidissima do aventureiro de Palermo, e de modo escriptas que

se insinuam como verdadeiras por serem o texto das revelações que de si fez José Balsamo na inquisição, corroboradas pelo depoimento de Lourença Filisiani, sua mulher.

Esta Lourença seguiu-o a Espanha em trages de peregrina de S. Thiago; mas não consta que o sancto se possa gabar de tal visita, por que os romeiros quedaram-se em Madrid, elle a propagar que fazia ouro, e ella a ganhal-o da maneira mais aviltadora.

São historias ruins de contar n'um paiz em que certas desmoralisações se figuram impossiveis como o parricidio para o legislador grego, que lhe não estatuiu castigo.

Não obstante, seja-nos concedido referir o que está escripto da deshonestidade da snr.ª Lourença, ou condessa de Cagliostro, como ao depois ella a si se agraciou.

Foragidos por certos motivos vieram dar a Lisboa. Agora que conte o anonymo biographo de José Balsamo. Vertemos do hespanhol que o traduziu: «Chegados alli, (a Lisboa) o primeiro pensamento de Balsamo foi informar-se, como sohia fazer, das pessoas ricas e desenfreadas, e soube que alli havia um negociante, homem de caracter, como lhe convinha. Enviou-lhe logo a mulher a pedir-lhe uma esmola, e o soccorro que obteve foi uma moeda acompanhada de uma torpe pergunta, citando-a para tal effeito em um seu jardim campestre. Por espaço de trez mezes amiudaram-se as idas áquelle sitio de..... (1) O medo, porém, d'algum desaguisado com a familia do negociante, furiosa por taes amorios, fez que Balsamo deixasse Lisboa e passasse a Londres..... onde

(1) O historiador adelgaça tanto o fiado da historia que não se esquece de designar a quantia estipulada no tal convivio bucolico do negociante e da romantica amadora das flores. De Lourença diz um escriptor francez: *Ses charmes fournirent plus d'or a son mari que le creuzet d'Hermès.*

uma criada lhe roubou porção de topasios que tinha ajuntado em Lisboa.» (1)

O negociante que teve a fortuna de hospedar entre as suas flores a esposa do maravilhoso José Balsamo era o opulento Anselmo José da Cruz Sobral, ascendente do actual conde d'aquelle ultimo apellido.

Quem quizer saber pormenores desta familia predilecta do ministro de D. José 1.°, leia-os nas *Recordações* de Jacome Raton desde pag. 341 a 350.

A'cerca de Anselmo, ditoso mercador da consorte d'um heroe de Alexandre Dumas, transladaremos algumas passagens do seu contemporaneo Jacome Raton: «..O irmão mais moço da familia, Anselmo José da Cruz Sobral, foi mandado... a Genova para aprender a lingua italiana e o commercio, donde voltou casado com uma senhora chamada Maria Magdalena Croca... Anselmo José da Cruz tinha viveza e sabia do commercio; porém o que elle sabia melhor era distribuir dinheiro com liberalidade em todas as occasiões que se offereciam de promover o seu interesse... Em todas as occasiões de regosijo publico dava funcções que mais pareciam de um principe que de um particular... Nada d'isto admira em um homem que soube grangear com a sua liberalidade tantas fontes de riqueza.»

Anselmo da Cruz não se pejava de apresentar José Balsamo nas salas das mais gradas familias. Vê-se que o marido de Lourença Felisiani lhe merecêra em defferencia o que a esposa lhe ganhara do coração. Em prova d'isto, vem o sr. marquez de Resende com um estimavel opusculo ha pouco publicado com este titulo: *Pintura de um outeiro nocturno e um sarão musical ás portas de Lisboa no fim do seculo passado.* S. exc.ª descreve as pessoas que confluiram ao velho solar das Picôas, residencia da familia Freires de Andrade, cujo varão depois houve o

(1) Pag. 39 e 40.

titulo de conde de Camarido. Na serie das damas e cavalheiros reunidos para o saráo poetico, estavam, escreve o sr. marquez: «... o cavalheiro Pinetti, grande prestigiador; o famoso impostor italiano José Balsamo, que depois de viajar pela Europa, com os nomes supposios de marquez Pellegrini, de conde de Harat, de conde de Pheniz, de marquez de Annas, e por fim de Cagliostro, que tomou em França, onde, na opinião de muita gente que, sem ter fé em Deus, cria em feitiços, passou por evocador das sombras dos mortos, foi depois a Londres, d'onde veio a Lisboa, com cartas de recommendação para Anselmo José da Cruz Sobral, por meio das quaes se introduziu em varias casas, onde, com a impudencia da raça charlatan, se inculcou a algumas pessoas por fazedor de ouro. Do lado opposto estava com os olhos pregados n'elle e apontando para elle o perspicaz intendente Diogo Ignacio de Pina Manique, dizendo ao seu particular amigo marquez de Lavradio ...: *não me cheira bem aquella tara...*» (1)

Esta noticia do sr. marquez de Resende desdiz da relação biographica já citada. Propendemos a desconfiar dos apontamentos do esmerado escriptor, por que o livro coevo e traçado em face do processo do grão-Cophta ou veneravel da maçonaria nos faz maior força.

José Balsamo, quando estanceou por Lisboa, chegára de Madrid e não de Londres. E' possivel e até provavel que Anselmo da Cruz Sobral, a fim de honestar a apresentação do forasteiro, se inculcasse authorisado a isso por cartas recommendativas de boa procedencia. O que elle não ousava, decerto, era contar a pessoas tão fidalgas e pelo conseguinte honestas a origem das suas relações com tal familia, consoante as denuncia a historia conformando-se ás declarações da propria consorte do réo processado. O embusteiro, quando esteve em Lisboa,

(1) Pag. 13 e 14.

ainda se não tinha agraciado com os varios titulos lembrados pelo sr. marquez. As coroas nobiliarias inventou-as depois, á proporção que ia mudando de terra, perseguido pela justiça. O que elle fazia vislumbrar em Lisboa era que suspeitava ser filho do Grão-mestre da Ordem de Malta, Manoel Pinto da Fonseca. (1)

A aureola do prestigio formaram-lh'a depois os resplendores de Paris, irradiados de formosos olhos de mulheres, captivas do seu magnetismo satanico. Ainda assim, tão assignalado patrocinio não impediu que o conde Cagliostro se amofinasse por carceres e tribunaes, até que, levado a Roma em cata d'algum repouso, a inquisição lh'o deu maior do que elle quizera, condemnando-o a perpetua prisão, em 1789. Seis annos depois, José Balsamo, o *illuminado*, teve a ventura de fechar os olhos á luz d'este mundo. Lourença, a denunciante das miudesas mais abominaveis na vida do marido, foi tambem condemnada a prisão perpetua em um convento.

Quando passardes em frente do palacete das Picôas, e vos acudir á lembrança que alli esteve José Balsamo, o propheta da guilhotina de Maria Antoinette e da destruição da Bastilha, resai-lhe por alma, visto que elle morreu contricto, e se habilitou, por isso, a entrar no reino da gloria, que eu a todos vos desejo, *Amen.*

(1) José Balsamo, nascido em 8 de junho de 1743, em Palermo, era filho de Pedro Balsamo e de Feliza Braconieri, gente de baixa condição.

CARTA INEDITA

DO

CARDEAL D'ALPEDRINHA

Na chronica de D. João 2.º, conta Garcia de Rezende que o principe D. João, cioso das honras que seu pai D. Affonso V fazia ao cardeal de Alpedrinha D. Jorge da Costa, sahira um dia de Santarem cavalgando, com grande comitiva, em companhia do cardeal. A' entrada da ponte de Alpiarça, o principe mandou ficar os criados, e transpoz a ponte a sós com D. Jorge, e alguns moços de estribeira na vanguarda, e a distancia onde não podessem ouvil-o.

Rompeu o principe em virolentos queixumes contra o prelado, que se desculpava sem vingar amolecer o animo irascivel do futuro Luiz XI portuguez. Até que o principe repellindo as desculpas do espavorido prelado, exclamou: «Para que é nada, senão a um cardeal tão mal ensinado e desagradecido e de má condição, mandal-o tomar por quatro moços de esporas, e afogal-o em um rio, e dizer que cahiu e se afogou d'um desastre! (1)

(1) D. Rodrigo da Cunha, *Hist. eccles. dos arcebispos de Braga* (p. 2.ª pag. 271) relata as mesmas intenções do principe algum tanto variadas no feitio: *Que vai agora na morte de um cardeal? tomal-o e mandal-o deitar por quatro lacaios de uma ponte abaixo, e dizer que cahiu d'ella.* Levava as mesmas voltas.

D. Jorge ouviu, reparou, e viu que o Tejo estava alli á beira d'elle e debaixo dos olhos coruscantes do principe em quem elle conhecia summa capacidade para executar o programma.

Julgou-se morto o bom do cardeal. Isto o confessava elle depois em Roma, para onde se deu pressa em ir, e d'onde mais não voltou a enrostar-se com o real carrasco.

Sem impedimento do desamor que lhe tinha o principe e da natural correspondencia com que devia retribuir-lh'o, o cardeal D. Jorge escrevia desde Roma ao filho d'Affonso V frequentemente.

Notaveis por muitas causas deviam ser então as cartas do sabio prelado. No collegio cardinalicio era de muito o seu voto, exalçado por saber e virtudes. Xisto IV enviou o seu legado a Veneza. Innocencio VIII deveu-lhe a theara, sendo elle quem negociou os suffragios d'outros cardeaes, com a authoridade do seu: e Alexandre VI não teria sido papa, se o cardeal D. Jorge quizesse o pontificado. Por egual com tantos creditos e honras, corria mundo a fama de sua altissima sabedoria. Preciosa por tanto devia ser a sua correspondencia com o principe D. João, da qual apenas resta estampado um fragmento de carta, na *Historia Ecclesiastica de Braga* por D. Rodrigo da Cunha.

Se nos archivos nacionaes subsistem algumas cartas do cardeal de Alpedrinha a D. João 2.° e D. Manoel, não tenho quem m'o assevere. No codice 10245 da «Biblioteque Royal de Paris» sei eu que laboriosos investigadores portuguezes, e nomeadamente o snr. Roque Joaquim Fernandes Thomaz, acharam e trasladaram uma carta do cardeal D. Jorje da Costa enviada ao principe D. João, desde Roma, com data de 4 de novembro de 1480.

A mal-querença que os apartou não impediu que se carteassem os dous principes, sobre negocios da egreja e

dá política. Muito pôde comsigo o cardeal que tão deveras se mostrava devoto das coisas de D. João 2.° resalvando para si o bom accordo de não voltar á patria.

Eis aqui e contheudo da carta, cuja ortographia é a mais esmerada dos sabios do seculo XV:

«*Carta que o cardeal de portugal escpreveo de Roma a elRey dõ Joham sendo principe.*

«Senhor.

«Despois de dadas graças a ds, por huu bacharel do porto meu familiar (1) vos escprevi asás largamete, os feitos do turco. Assi que sse vossa senhoria ouve minhas cartas, de todo serees beem emformado. Elles eram em duás maneiras, huum que tocavão a Rodes, e outros á Italia. Dos de Rodes no he necessario fazer mays men-

(1) Este bacharel do Porto poderia ser Fernão de Sequeira, por via de quem o cardeal escrevera ao principe em 4 de fevereiro do mesmo anno a carta, cuja passagem, do seguinte theor, estampou D. Rodrigo da Cunha:

«Senhor, enuio la Fernando de Sequeira meu escudeiro e familiar, homem muito vosso servidor de vontade e de quem eu muito comfio. V. Senhoria lhe dê comprida fe, porque nom vai la por outra cousa, por que eu são (sou) homem de muito boa fe, e por tal me tenho em as cousas do serviço d'el-Rei vosso pay, e vossas, postoque me vós sempre tivesteis e tinhaes por home doutra ley; pero faço em meu officio, por sentir quanto esta embaixada releua vosso serviço, e a V. senhoria fique recebello em serviço, senão recebermoá Deus, o qual acho, que é, o por q homem todelas cousas deve fazer, por não perder galardão.»

Em sequencia da carta que vamos trasladando, em reforço á embaixada de Fernão de Sequeira, mandou D. Affonso V, no anno seguinte, uma armada defender Italia do turco. O commando coube ao bispo d'Evora, D. Garcia de Menezes que orou expleudidamente ao papa, e morreu tres annos depois na cisterna sêcca do castello de Palmella, onde D. João II o mandou agonisar e por caridade lhe aligeirou as angustias com peçonha. D. João, a final, conseguiu que um papa lhe aquietasse com o perdão absolutorio algumas inquietações de consciencia. O bispo de Luiz XI estava de gaiola; o do outro facinora de cisterna.

çom, soomente qué hé desçercado, ficou muy destroydo, morrerã sobre elle de 16:000 turcos pera çima (1).

Ho turco mandou ja matar o capytão principal q tinha degredado, por q lhe non tomou a dita çidade. (2) Y despois de todo passárão por aqui muytos cavalleiros françesses, e doutras naçoens pera la se não desse Regno, q não pareceo algũu, e fallavam muyto nisso. Asi que neste feto de Rodes nõ he necesario escprever mays do que vos tenho escprito. Mas vindo aos de italia, o que se de pois de vos ter escprito seguio he isto. A armada que el-Rei dõ fernando de napole fez por mar cõ ajuda que lhe deu o papa e collegio perdízimos de crerezia do Riame e 18:000 ducados em dn.ª. E floreça e millam e outras potençias de italia as taxas postas pelo papa a cada huũ, asi que comtãdo o qué todos lhe dão achamos que haveria ja çem mil ducados aalem das dez naaos que vierã de çeçilia armadas e pagadas atáa o presente, não fez proveito algum pellos tpos serem cõtrairos, E por que a gemte he muu mal pagada. Pollo qual a dita armada mygoa cada dia. Asi que homde se esperava como vos escprevi q a armada per mar tivesse o porto, e cõbatesse por sua parte, quando ho exercito por terra chegasse, segudo era acordado. Os navios do turco vem a Otrõto, cid.ª q hé tomada, e trazem artilharia e todo bastimt.º q lhe cumpre, E he o papa çerto que entrárão, poucos dias há, 24 vellas nelle. Vossa Senhoria veja se o pode bem bastecer e afortelezar. Outrosi o eixerçito per terra atáa agora nõ

(1) Vai pouco augmentado pelo cardeal o numero dos infieis que o sancto ferro espostejou. Vertot, o mais sisudo historiador da ordem de Malta, escreve: *Soliman, pour couvrir la honte de cette fuite, et por sauver l'honneur de ses troupes, fait sonner la retraite, aprés avoir laissé sur la bréche ou au pied des murailles plus de quinze mil hommes.* Histoire des Chevaliers hospitaliers; Tom. II, pag. 492, ediç. fol.

(2) Allude ao general Mustapha que o sultão mandou assetear por que lhe aconselhára o cêrco cuidando que assim lisongeava o sultão.

fez nada, antes receberã danos dos turcos, quehonde a a primeira erã poucos segudo per m.as cartas verieis, agora sam muitos, e ham lhe tamanho medo os uossos que os não ousam de os cometer, que dize que são muy estranhos homes de guerra: asi q como mingoa a frota, isso mesmo faz ho eixerçito da terra.

Os que la erã asi de pee como de cavallo foge pollo q dito he. E por que tambem sam mal pagos. Destas duas primisas tome vossa senhoria esta cõclusam, que os turcos estãa e esperã destár a seu prazer atáa o começo do verãao, quãdo se espera por gemte grosa. O turco he já partido de costãtinople pera escutery pera dar aquelle aviamento que lhe cõpre, a armada sua q era em Rodes a vem ajuntar cõ a de otrôto. E assi ajuntará em este meio tpõ tam grãde frota per maar que outra lhe não posa resistir. ElRey nõ faz outra cousa se nã mãdar ao papa e a estas outras senhorias que lhe mãdem dinheiro. a famahe q do seu nom qr. despender nada. O filho duque de Calabria que he teudo por bom cavalleiro, esta desesperado com elle. E parece a cousa, segundo o processo,que leva, despachada, se ds (Deus) por sy o non Remedea. Ha poucos dias que lhe o papa mãdou dinheiro, e asi o collegio pera a gente de pee dizendo elle que com 4:000 homees de pee que lhe pagassem cõ os que elle ja tinha por dous meses, esperava acabar seu feito. O dnº pera os quaes lhe foy dado. Agora mãda pedir que lhe dem 8:000 o papa, e milão e floreça pagados por trez mezes, por que os nõ pode la achar ne tem dinheiro pera elles, e que poys o Reino he da Igreja que lhe soccorra que o nõ pode per sy Remediar. Elle emquãto a gemte do turco foi pouca nõ se quis socorrer, e todo o tpõ despemdeo em mãdar pedir dnº de quá prallá por nõ despemder do seu, homde he çerto que tem muy grãde tesouro. Agora bem se cre ja q elle nõ pode aynda que queyra, quãto mays que parece q nõ quer. E todos ham isto por cousa de çeeo e açoute de ds.

Trabalha o papa quãto pode por ajuntar e unír Italia e buscar modos e remedios. Apartou (?) elle e o collegio que estivessem n'estes feitos, e em todos outros, seis cardeaes, por que elle he ja muito fraco, dos quaees eu som o mays pequeno. E asi estamos nestes trabalhos, todo o que nos parece Representamos em comsistoryo aa sua samtidade. E para vos verdes Senhor q isto hé cousa de ds contra o qual não ha hi comselho nê prudencia, esta Italia he tam apassionada e posta em tãtas cobiças, enfidelidade e outros maaos vicios que nunca se pode unir atáa ora. E cada huu vemdo manifestamete sua perdiçã qr perder huu olho por seu visinho ser çego de todo. E asi ham todos emfim de ficar çegos. Nô querê cõsirar em como cada huu per si nõ pode Resistir se se todos nã unirem, e nõ se ham de unir senã depois que unidos tam pouco poderem aproveitar, o que seraa sem duvida, se os turcos ali imvernão. De florêça agora esperamos que venhão ê o que eu trabalhey tamto quãto tenho escprito a elRey. Os venezeanos ê nenhûa maneira querem emtrar nisto, dizemdo que poys tem paz cõ o turco, nõ querem guerra, ca 19 annos lha mãtiverão e nunca nenhûu os quis ajudar senã o papa só o que pode, e que el-Rey e os outros sempre rirão d'elles e tem perdido muyto do seu senhorio, que por tamto querem ver que fazem os que d'elles se riam. E que o primçipal era el-Rey que sempre lhes foy muy citrairo que aymda q saybam se o turco tomar Italia não ficarem elles de fora. Pero querem ser os derradeiros. O turco non mâtém verdade em cousa que prometa ne trato que faça, poys çerto he que sem elles Italia não podera resistir segûdo a opiniam de todos os que sabem. O ducado de milam estáa em poder de hûua molher (1) e de huû moço de doze annos, e he em

(1) Esta carta é datada em 4 de novembro; a 2 do mesmo mez tinha sido expulsa de Milão a duqueza Bonne de Saboya, a quem allude o cardeal.

tanto trabalho que nô pode remedear a si nê a outrem aproveitar. Agora estamos em fazer taixas e buscar dn° e gemtes per todo o mûdo, mas a my pareçe que começamos tarde, se ds por si nom toma cuydado desta fazêdo comodicto he. De Roma a 4 de nv° de 1480. Jorge Cardeal.»

Rasão tinha D. Jorge da Costa para remetter a salvação e «fazenda» de Italia aos cuidados de Deus. O terror na Europa era grandissimo, quando a armada othomana ganhou de assalto Otrante, em 21 de agosto de 1480; mas as forças do papa e as do rei de Napoles vingaram afugentar o turco e retomar a praça. Mahomet 2.° morreu em julho do seguinte anno. Seus dous filhos Bejazet 2.° e Zizim vieram ás armas entre si, e a christandade pôde respirar e aparelhar-se para mais desafogada defesa.

JUSTIFICAÇÃO DE UM FRADE

—

Os chronistas de D. João II, abarbados com estrondosos e sanguinarios successos, descuraram pormenores que os historiadores sobrevindos ou não investigaram, ou desanimaram de achar nas poucas e confusas tradições.

Christovão Rodrigues Acenheiro, coevo de D. João II, conta miudezas interessantes d'aquelle reinado; e posto que o snr. A. Herculano denomine *rol de mentiras* o livro de Acenheiro, bom é saber-se que Ruy de Pina e Garcia de Rezende não nos esclarecem mais do que o advogado de Evora. Nos pontos capitaes do desastroso reinado de João II conferem os trez chronistas, de modo que parecem copiar-se reciprocamente, sendo certo e sabido que Rezende trasladou com não vulgar despejo a chronica de Pina.

Lê-se attentamente Acenheiro nos capitulos que entendem com o supplicio de duque de Bragança e a morte do de Vizeu ás mãos do filho do vencedor de Arzilla. Aquella carta de fr. Paulo, confessor do duque, é commovente e transluz verdade.

A relação que o mesmo frade enviou á duqueza viuva repassam-na lagrimas. (1) O real carrasco a quem infamissimos aduladores da corôa chamaram *Principe perfeito*, surge hediondo diante da posteridade, alçando-se por sobre a nuvem dos incensos com que thuribulos abjectos cuidaram escondêl-o á execração dos vindouros. Raro ha quem se cance em esgaravatar razões de estado que contrapezem a ferocidade do filho de Affonso V. A historia á volta d'elle o que encontra é cadaveres, oitenta cadaveres de homens illustres, uns estrangulados, outros decapitados, estes mortos a punhal, aquelles a peçonha. *Oitenta!* confessou elle o numero, quando a morte lhe ácenava de perto, e se lhe desabafava a consciencia supplicando ao papa contrictamente o perdão de seus peccados (2).

Os lances capitaes de tão má alma contou-os a historia á tragedia. O theatro portuguez já se inluctou com os quadros de canibalismo, trazidos á rampa e ao grande brilho dos lustres para que o povo visse justificada a razão que teve a villanagem dos chronistas de alligarem ao assassino do duque de Vizeu o anthonomastico epitheto principe «perfeito».

A prisão traiçoeira de Fernando II, duque de Bragança em Evora, executou-se em occasião que o prior mór do Prado viera a Portugal, com embaixada de Hes-

(1) Está inserta no tom. 3.° das «Provas» da «Historia genealogica da casa real.»

(2)... *Orator confitetur sub colore et titulo justitio et sua iniqua suggestione, octoginta et plures decesserunt viri...* «...Confessa que sob color de titulo de justiça e por seu máo induzimento foram mortos oitenta homens.» *Supplica que el-rei D. João II fez ao papa afim de lhe perdoar a morte do bispo de Evora...*

Não será prudente asseverar a genuinidade deste documento que D. Antonio Caetano de Sousa trasladou no cartorio da casa de Bragança, onde o pozera um certo Gomes Ennes de Freitas, sem dizer a procedencia. De todo ponto certo é que D João II por si, por seus algozes e amigos fez morrer oitenta pessoas.

panha, para desfazer as terçarias, ou refens em que estavam o principe D. Affonso, filho de D. João II, e a princeza D. Joanna de Castella.

O embaixador de Hespanha, confessor dos seus reis, e geral dos Jeronymos, chamava-se Fr. Hernando de Talavera (1).

Bem que a suspeita de ter sido elle o falsario preparador da prisão do duque não transluza dos escriptores coevos, disse-se áquelle tempo que o prior desfizera ardilosamente os receios que o de Bragança mostrava em concorrer a Evora, onde se festejava a troca dos infantes e o accordo do casamento. Aggravaram-se as desconfianças indecorosas ao embaixador de Hespanha, quando D. João II presenteou Fr. Hernando de Talavera com uma explendida baixella de prata, que o frade enthesourou na sua pomposa cella conventual.

Injusta deshonra assacaram os maldizentes ao innocente prior do Prado. A sua defeza ressae indubitavel da seguinte carta que elle remetteu ao rei de Portugal, e o snr. Roque Joaquim Fernandes Thomaz copiou de um codice da bibliotheca real de Paris:

«Muy exçelente primcipe, e muy esclarecido Rey e Sñor.

«Antam Gllz vosso cõtador veio aqui e me trouxe muita e muy booa prata de que vossa Real manificeçia, me quiz fazer merçé, e prouveme muito que vossa Alteza a emviasse por que desejo eu muito que luzam e resprãdeçam as excelemçias e vertudes dos primçepes que sam postos sobre os povos como em tochas sobre camdieiros para que alumiem a todos, em as quaes nõ sam pequenas a manifiçençia e liberallidade, porque aynda que sejam

(1) Não se encontra em algum dos historiadores portuguezes o nome deste importantissimo frade. Soccorremo-n'os da «Historia general de Espana» de Marianna, que nos esclarecem, na P. 2.ª, pag. 364, ediç. de 1669.

menores que as vertudes teologaaes, que sam fé, esperãça e caridade, e menores que a prudencia, e a justiça, e ainda que a fortaleza e temperança que sam primcipaes entre as moraaes, pero nisto tem grãde viguor e força a liberalidade e a manifiçençia, como dizem os Sabios que fazem os primçepes mais queridos e mais craros, pareçe isto craramente no primçipe dos primçepes, e Rey dos Reyes ds nosso Sñor. que aynda q he jnfimdamete sabio, jnfindamete justo, e jnfindamete poderoso, pero mais o amamos, e louvamos por bom, e por misericordioso que he ser largo e dadivoso, emtanto he jsto verdade que soo o dar tem assi apropiado o ser e nome da bondade, caução segudo eu cuydo que as outras virtudes tem em sy, hua como obrigação que queira ou nã queira as hadaver, e usar o primçipe, e que quizer, a qual nõ tem a manifiçecia e a frãqueza ao menos asi estreita e necessarea. Mas algua mayor liberdade, domde a ligoa latina lhes deu nome de liberalidade assi que he necessario, e pareçe mui bem que o primçipe seja catollico, e devoto, e q comfiamdo da graça de nosso Sñor cujas vezes tem, e de suas obras justas, e meritoryas, tenha esperãça çerta de alcançar a gloria do ceo. E que para a cõsseguir ame a nosso Senhor, e a seu proximo como assi mesmo, que sam obras de caridade, e q seja prudente, e sabio para discernir o justo do jnjusto, e o maão do bõo, justo, e costante para dar a cada hun seu dereito forte, e animoso para q por nehu temor deixe de fazello, temperado em seu comer, e beber em seu vestir, e trazer, e majs em os autos do matrimonio, mãsueto doçe, e benino, e majs elemete que severo, agradeçido a ds, e a gemte, e cõpridamete verdadeiro. Mas o q principalmete o esclareçe o doura, e o guarneçe, e o faz querido, e amado he a frãqueza, e a misericordia. Pollo qual se jntitula ds nosso Sñor padre de misiricordias, e ds de toda comsollaçam, e ajnda sua benta madre a virgem nossa Snorã de nenhua vertude se jntitula madre ou Rainha salvo de graça,

e mesericordia q a faz frãca, e dadivosa, ajmda q teve, e tem todollas vertudes em cõprida perfeiçam. Pois como eu muy excellente Snõr tenha muito desejo de nosso verdadeiro serviço ouve muyto prazer q ca, e nesta mãneira lozise vossa manifiçençia mas he verdade q ajnda q eu tenho em mujto preço ser de vossa alteza amado, e querido, por q sendo o lhe seria majs grato, e majs açepto meu serviço, e sey q creçe o amor co beneficio. Mas com tudo jsso fis quãto pude por nã no Receber, por q disse a verdade q he, *beatcis dare quã açipere*. Asi q estimo, e quero dar mays serviço q Receber merçe nê beneficio, e por q ajnda q aquello fosse dadiva deçerto segudo Real manifiçençia pareçia-me exceder a minha Religiosa proveza, e por q saiba vossa alteza que soobe a tamto a maliçia humana, q ouve quem ousasse cuydar, cá ou lá, q eu dey alguña ocasiam aaprisam dó duque, ho maliçia tam sobeja que tal ouza cuydar, nem ha hi milhor testimunha depois de ds que vosso Real excellençia, q aquisto he muy grãde falsidade asi q por nã criar esta tam maliçiosa sospeita, em alguñs maliçiosos ou fracos coraçoes, ajuda me escusava deo tomar. Mas como quê avia vomtade q sua merçe ouvesse efectò soube vossa Real prudençia cõ quem a enviava que me Repricou a tudo jsto antã gttz çerto bem discretamente, dizendo-me ao primeiro q cõ os Reys nõ ha lugar aquillo por q sam deuses na terra. E co verdadeiro, e soberano ds he milhor Receber q servir, aynda q vestido de nossa humanidade para nos dar enxempro de humildade, quis majs servir q ser servido. E dizedome ao segudo, q vossa alteza sabia que elRei, e a Rainha meus senhores queriam q eu fosse promovido a Reçeber huñ bispado, e q por jso me provia pera emtam desta hõrrada baixella, e q se agora ne amtã no quizesse usar della me dava liçeça, e ho avia por bem q a desse em esmola ao meu moesteiro ou aquem amj majs prouvesse, ao terceiro me disse q sse aquillo pasou pollo pesamento a qualqr maliçio-

so ao tempo da prisam, q ja era manifesto q era muy errado pensameto, polla maneira muj juridica e muy pubrica, q vossa alteza tivera no proceso q cõtra o duque se fez. Vi q me repricava sagesmente mas nem por jso me pode vencer, pollo qual elle ouve daver recurso a a Rainha minha Snõra queixãdosse de my a sua alteza, E dizedo que em alguna maneyra jsto Redundava em mingõa da vossa, Sua alteza por cõprazer a vossa Real Senhoria me mãdou que ho Reçebesse e assi ouve de ficar comigo, beijo vossas Reaães maãos pollo manifico beneficio. Pois peçolhe muj Omilmete q se lembre que alguãs vezes disse a vossa alteza, e aos seus, q amy nõ eram devidas graças nê merçes de cousa que eu la a seu cõtemtameto fezesse nesta delliberaçã das terçarias por q por jsso o fazia. por q me era asi mãdado ou por q saiba certo q elRei, e aa Rainha meus senhores prazeria, e q assi por jsto, como por q eu nõ tenho neçesidade nehunã, lhe pedia q se algua merçe me queria ou cujdava que me devesse fazer fosse esta, Que servisse mujto a ds sendo muy bom Rey, e fosse muy bõo amigo, e muj parete daquestes meus senhores que tam boõs lho sam, e agora lhe peço jsto mesmo, em o do duque q antã gttz me fallou, eu lhe disse o q a vossa alteza diraa. O qual nosso Senõr cõserve, e todos tempos prospere para seu muy grã serviço, ame.»

Está justificado fr. Hernando de Talavera, que poucos annos depois, mercês da sua austera independencia de favores e de reis, morreu arcebispo de Granada, e odiado dos parentes do duque de Bragança que o suspeitaram sempre cooperador de D. João 2.° tão perfeito algoz quanto perfeito principe.

UM VIAJANE NO MINHO EM 1785

PREAMBULO

E' viagem digna do preambulo de melhor editor, e mais eu não sei quem foi o viajante. Homem de lettras e de illustrissima prosapia era. Isso verá o leitor. Os conventos do Minho eram as suas estalagens. Refazia o corpo no refeitorio e o espirito nas bibliothecas benedictinas. Viajava no Minho como já hoje ninguem póde viajar. As estradas não valem os mosteiros da congregação de S. Bento. Hoje anda-se; n'aquelle tempo andava-se, comia-se, lia-se nas livrarias e sobejava tempo de escrever as impressões de viagem. Os viajantes de agora, se revezam o prazer de percorrerem alguns kilometros de bom caminho com os tedios e depredações das estalagens, recolhem-se ás suas almejadas vivendas tão botos de entendimento que não ha tirar-lhes mais trabalho litterario que a sobreposição columnar das addições que representam as unidades, dezenas, centenas, milhares e dezenas de milhares refundidas em bifes de cebolada, em frigideiras de Braga, em pasteis de Guimarães, em tudo quanto se livrou de pagar o author da seguinte viagem, cujo editor sou.

Não acho termo ajustado ao merecimento d'este sujeito, que solapou sua gloria no anonymo manuscripto. Que desprendimento! Que sonegação de talentos que podiam colher juro grande dos louvores da posteridade!

Segue a noticia de como ha oitenta e um annos se viajava n'este jardim de Portugal.

C. Castello Branco.

LEMBRANÇA DO QUE VI E PASSEI NA JORNADA QUE FIZ AO MINHO NO ANNO DE 1785

I

Sahi de Tondella a 16 de outubro de 1785, pelas 9 horas da manhã, com bom tempo, e cheguei a Villar pelas 10. N'esta terra se póde dizer acaba o formoso e aprasivel valle de Besteiros. Aqui se fez encontrado commigo Fructuoso Entalhador, que me fez muito boa companhia e me entreteve todo este dia, contando-me os melhores riscos de tribunaes do reino, que, diz, vira quasi todos.

Depois de passar por Boaldeia, não mau lugar e muito bom paiz, fui jantar a Basconha debaixo de um grande parreiral, onde se ajuntaram mais de quarenta pessoas a ver-me comer; e posto que eu levava — que o bom velho Antonio Francisco me offereceu — carne de porco e tudo o que tinha em casa, acceitei-lhe só vinho e uma grande brôa para a besta, pelo que não quiz levar dinheiro, o que me obrigou, pois que não tinha conhecimento algum com elle (1). Fiquei demasiadamente

(1) Vê-se que o author tinha em vista immortalisar Antonio Francisco. Vingou o intento.

Nota do editor.

agradado da gente d'este povo, que me pareceu a mais innocente e sincera do reino.

Acabando de jantar, continuei a minha jornada por Queiran (?) abbadia, muito bom paiz similhante ao do Minho, e por Figueiredo das Donas, que me não pareceu tão antigo e magnifico como tinha ouvido. Ao noroeste estão as casas da commenda de Ansemil, que vi em distancia e que se me representaram ser grandiosas. Ao descer para Figueiredo está uma ladeira de caminho o peior que se póde imaginar.

Por estrada não muito boa cheguei a S. Pedro do Sul, cuja terra faz muito boa vista de longe, e principalmente a costa do monte em que está situada pelas grandes casas de quinta que tem. Todo o paiz, antes de chegar a S. Pedro, é muito desagradavel. A unica boa cousa que tem é todo o terreno que vai d'esta terra até ao Banho. A villa compõe-se de uma rua, que não é má e tem muitos mercadores. Aformoseiam-na muito as magnificas casas de Diogo Francisco e do Barão. Tambem lhe serve de grande ornato e utilidade os dous rios Sul e Vouga, que correm perto, cada um com sua ponte. Junto ao Sul fica uma grande quinta do Barão, magnificamente murada, com uma grande regada, onde levam por noras agua do mesmo rio. Mais abaixo está tambem outra fazenda de José Cardoso, com um bom engenho de agua, que o mesmo rio faz subir; e mais abaixo fica outra quinta de Alexandre da Cunha, onde está o célebre, famoso e custoso engenho ou machina em que gastou mais de doze mil cruzados, porém que não lança a metade da agua do de Cardoso, que lhe custaria apenas reis 300$000. Ainda que Alexandre da Cunha me fez os mais apertados offerecimentos para ficar em sua casa, não acceitei e fui dormir á estalagem do frade ou de Maria de Sousa, muito enraivada patroa. Aqui encontrei José Vaz Pereira Pinto Guedes, estudante de Coimbra muito afidalgado, mas soffrivel e divertido moço.

17

Levantei-me pelas 5 horas e meia e parti na companhia do mencionado estudante para a villa do Banho, que é terra pequena, mas nas casas mostra bastante antiguidade. Vi as enfermarias e banhos, que estão soffrivelmente dispostos e aceiados. A grande quantidade de agua quente, que lançam as vertentes, foi o que mais me admirou: talvez que possam, bem á vontade, fazer moer dous moinhos. Tambem me causou sua novidade ver que toda a gente do povo ou villa se serve d'esta agua quente para fazer o comer, não obstante o mau cheiro do enxofre, que dizem não se communica ao comer. Junto d'estes banhos passa o Vouga, que tem aqui sua ponte muito antiga.

Voltei para S. Pedro, onde vi o mercado que aqui se faz todos os mezes, junto á ponte em muito mau sitio, ladeirento e sem sombras.

Depois de jantar na mesma estalagem onde dormi parti para o Crasto, que fazem tres leguas de soffrivel caminho, excepto ao sahir de S. Pedro, que é muito mau e sempre a subir, e ao descer para o Crasto, que se não póde explicar quanto é ingreme e trabalhoso. No caminho encontrei alguns rusticos de Alva que vinham da feira e me divertiram bastante com as suas simplicidades.

Uma legua distante de S. Pedro fica Villa-maior, abbadia rica, cujo abbade, com quem fallei, me offereceu com grandes instancias o seu verde e a sua casa, que não acceitei.

Ao sahir d'esta villa fica uma serra, onde todos disseram havia immensidade de lobos, por cujo motivo um homem só ou dous não podiam andar por alli de noute. Tambem me contaram todos os que me acompanhavam que o anno passado appareceram alli tres bichos, quasi do tamanho e feitio de rapozas, que mataram immensi-

dade de vaccas e carneiros, pois que bastava darem uma mordedella em qualquer animal para morrer sem remedio. Todos os povos visinhos se ajuntaram a fazer-lhes montaria, e com effeito conseguiram matar dous e o outro nunca mais appareceu.

Cheguei ao Crasto ainda com sol. N'esse mesmo dia tinha partido o snr. bispo para Lamego. Sua irmã e cunhada me hospedaram com o maior carinho e benignidade. Logo que fizemos os comprimentos, fomos todos tres á quinta, que tem obras magnificas, se bem que mal empregadas. As casas estão tambem com a maior grandeza e todas acabadas. A capella tem já as paredes quasi de todo concluidas, e as escadas, e fonte que fez no meio d'ellas; talvez seja uma das cousas mais dignas de se ver no reino.

18

Parti para Alvarenga, depois de bem almoçar. Logo ao sahir do Crasto começou a chover, por cujo motivo e por não saber o caminho busquei um homem para m'o ensinar, que me fez muito boa companhia. Todo caminho é pessimo, principalmente a serra de Cabril, que me custou infinito a passar com uma grande trovoada que n'ella me deu, se bem que não trovejava. Duas leguas distante do Crasto está a egreja da Ermida, a mais antiga que talvez tenha o reino. No frontispicio por cima da porta principal tem a cruz dos Templarios, que por este signal e por outros parece sem duvida do tempo d'elles. Ainda se conserva um lanço da claustra dos mesmos. Esta egreja vi, com o maior escandalo, cheia de espigas de milho, carradas de telha, paus cortados e outros similhantes entulhos; emfim com a mór indecencia, não obstante estar n'ella o Santissimo.

Em Villa Secca, primeira povoação de Alvarenga, me offereceu um lavrador do seu vinho verde, que accei-

tei e de que gritei pelo não ter bebido ha mais tempo. Cheguei finalmente a Alvarenga já de noute e fui pousar a casa do padre Bernardo, que me recebeu e toda sua familia com o maior alvoroço.

19

Fui de manhã á egreja, que está em miseravel estado. No corpo d'ella tem quatro moimentos: um pertence á casa dos Montenegros; outro á casa dos Casaes e de Tondella: dos mais não se sabe. Vi algumas fazendas minhas que não estão mal cultivadas, mas que andam arrendadas quasi de graça.

20

Fui visitar Manoel de Vasconcellos, que tem junto onde mora uma magnifica quinta. Fallou-me sua mulher, a mais feia senhora que tenho visto (1).

Ao recolher-me para casa me disse Manoel Soares, velho de mais de 90 annos, que os seus e nossos Soares era fama constante e geral procediam de Lopo Soares de Alvarenga, cujos papeis e outros documentos tivera meu terceiro avô o snr. Manoel Soares Mendes, que lhe furtára um Mendonça uma vez que elle foi a Tondella, onde morrera, e pelos quaes alcançou o fôro e mercês de el-rei. Tambem me disse que os Soares da Lixa, de onde vem Christovão Soares, bispo de Pinhel, procedem d'aqui.

De tarde fui ver a ponte altissima que o snr. bispo de Lamego mandou fazer sobre o Tamega, por cujo beneficio geralmente é acclamado de todo o povo. No ca-

(1) Se um viajante de hoje em dia, a *palpitar da actualidade*, diria isto de uma senhora, ainda que ella fosse mais feia do que a espesa do snr. Manoel de Vasconcellos!...

minho junto do mesmo Tamega está a nossa quinta de Soutêlo, capaz de receber grandes beneficios pela grandeza que tem, e naturalidade do vinho e azeite.

21

Parti de Alvarenga pela manhã, e, sabendo que em Nespereira, meia legua distante, estava o abbade de Pendurada, fui-o visitar nas casas do recibo que ahi tem o mosteiro, mas muito más. Por serra e mau caminho vim passar o Douro a Fontellas, que dista duas grandes leguas de Alvarenga. Cheguei emfim a Pendurada, e depois de merendar do que tinha necessidade, fui á egreja, que está formosissima e bem acabada em tudo. Passei á cella do recebedor, onde achei varios prasos antigos soltos pelo chão com perigo evidente de se perderem. No mesmo se acham tambem varios prasos de 1400, que carecem de melhor arrecadação.

22

Vi a livraria antiga, que estava na casa mais immunda que imaginar-se póde, cheia de teias de aranha, e—o que é mais—de bacalhau, uvas, maçãs, etc.

Ainda que por causa da porcaria poucos livros pude ver, pareceu-me que os não tinha de supposição nem manuscriptos de estimação. Topei com um «Commentarium in Trinitatem» de frei Leão, que merece alguma estima, e ainda maior uma soffrivel traducção do «Concilio de Trento», que não tem nome de traductor nem éra, mas parece que foi escripto ha mais de cem annos. Contaram-me que, querendo uma vez uns seculares ver esta livraria, responderam-lhe que não apparecia a chave por estar fóra o hortelão, que a tinha! A nova casa na livraria tem já as estantes acabadas, e ficaram boas e com muita luz. Todo este mosteiro é hoje bom e nada lhe

falta para estarem n'elle até dezenove religiosos, para o que tem todas as officinas necessarias. Não tem hoje necessidade de mais obras, e só se deve cuidar na cêrca e principalmente nas oliveiras, que estão perdidas, e plantarem mais. De tarde fui a Lama. No caminho junto a um cruzeiro, que fica ao sahir do terreiro do convento, se vê uma sepultura antiga, em cuja campa está esculpida uma espada e na cabeceira uma cruz, que me pareceu de Aviz. Á direita fica o monte Arados, onde se vêem alguns vestigios de fortalezas e casas antigas. Tambem lá se vê uma cova ou porta d'ella, onde dizem estivera um fulano da familia dos Montenegros, fugido ou escondido por causa da justiça, e de quem contam muitas patranhas. Á noute chegou o abbade, que me tratou com toda a cortezia, apesar de ter fama de miseravel. A maior parte ou quasi todos os frades não estão muitos satisfeitos d'elle, e quasi todos estão velhos e estropiados. Nenhum d'elles tinha um só livro que prestasse, nem pintura alguma, excepto frei Caetano, que conserva algumas soffriveis, mas não m'as quiz vender. Em quanto estive n'esta casa fez sempre demasiado vento.

23

Depois de jantar sahi de Pendurada em direitura a Paço de Souza, onde cheguei pelas 4 horas, tendo sahido pelas 12. O caminho é muito mau, incomparavelmente porém melhor que os immediatos. Achei as portas todas fechadas com a maior cautella, pelo motivo, me disseram, da inquietação dos coristas. Tomadas as bençãos do costume, fui á livraria, que achei sem ordem alguma; metade dos livros estavam pelo chão e muitos abertos por cima das mezas. Parece-me que tinha poucos livros antigos de consideração e não muitos modernos. A casa estava immunda, forrada de teias de aranha. Lembrei ao abbade tamanhos descuidos e fiquei com o reverendo

Dôres de principial-a logo a pol-a em ordem, para o que lhe dei as instrucções necessarias, promettendo-me elle de logo cuidar n'isso. Passei á botica que está aceiada e tem junto um bonito horto-botanico com agua, obra de frei Joaquim, actual boticario. A egreja é das mais ou a mais antiga da ordem no reino: tem naves cuja architectura mostra a sua antiguidade. No seu corpo para a parte da epistola está esculpida em relêvo a jornada que se diz fizera Egas Moniz para livrar seu rei D. Affonso Henriques do feudo de Castella — o que é uma prova incontestavel d'este facto. (1) A capella-mór acaba de fazer-se e fica boa, e agora tem este mosteiro egreja decentissima. Junto do terreiro está uma antiquissima fonte, que dizem ser obra do tempo de Egas Moniz ou a mesma de que elle se servia. O cartorio não tem ordem e me pareceu que tinha muito bons manuscriptos. O recibo é soffrivel como tambem o refeitorio, mas nem o edificio do mosteiro nem a sua situação é muito agradavel.

24

Depois de jantar (2) parti de Paço de Souza pelo caminho de Penafiel, que me não pareceu má terra. Cheguei pelas 4 horas a Bustêllo, pequeno mas muito bonito mosteiro. Fui á livraria, que com effeito tem os livros nas estantes e com sua arrumação, se bem que muito má, ainda que o bibliothecario disse que tinha cuidado n'isto. No pouco tempo que tive para ver, achei

(1) A legenda não diz que tal designio levasse a Toledo Egas Moniz. A esculptura tumular do aio de Affonso Henriques não provava o bastante para que Duarte Nunes de Leão se não risse da invenção ou imitação com que os legendarios trouxeram para Portugal o caso de Pero Ansures, aio de D. Urraca.

(2) Elle nunca partia senão depois de comer.

Notas do editor.

alguns livros portuguezes de primeira raridade, e não poucos; um dos quaes era: «Livro insigne das flores e perfeições das vidas dos gloriosos santos do velho e novo testamento por Marcos Marulo, traduzidos por frei Marcos de Lisboa, 1579» — livro que ainda não tinha visto. Tambem na mesma está manuscripta a historia da fundação do mosteiro de S. Bento de Lisboa e alguns casos succedidos n'este tempo, tudo com muita digestão e clareza, composta por frei Christovão de Almeida em 1678, obra digna de copiar-se e ajuntar-se aos MMSS. do mosteiro de Lisboa.

No caminho, distante meia legua de Paço de Souza, passei por Corechas, onde vi o solar dos Brandões, que mostra bastante antiguidade. Ao pé tem uma magnifica quinta. Tudo isto pertence hoje a Carlos Alvo, do Porto.

A cella dos abbades está soffrivel, porém disforme a porta principal d'ella. O côro, egreja e mais officinas são excellentes, principalmente as duas primeiras. Tem tambem um optimo mirante feito ha pouco.

25

Sahi de Bustêllo pelas 7 horas e cheguei a Travanca pelas 10, sem novidade no caminho, que não é mau. Todos os collegiaes e mais padres d'esta casa me pareceram excellentes e me obsequiaram muito. Passei á livraria, que não achei tão boa como suppunha; e, posto que tenha maior numero de livros que a de Bustêllo, não os tem certamente tão bons e tão raros. Vi e examinei os manuscriptos de frei Alexandre da Paixão, que vão apontados n'outra folha. A historia do que succedeu a Affonso VI deve-se copiar e remetter para a livraria de Lisboa. Tambem tem muitos sermões de frei Jorge de Carvalho. A casa da livraria é soffrivel e estanteada de novo. A egreja, refeitorio e cosinha é tudo mau. Aqui me

contaram o que não pude acreditar, mas parece-me que é certo e já publico não só n'este mosteiro... (1)

26

Parti d'aqui pelas 6 horas e cheguei a Pombeiro pelas 2, por bom caminho. Meia legua distante de Travanca, está á esquerda em pequena elevação uma torre, que parece ser antiquissima e inhabitada. Pombeiro fica n'uma grande baixa. Tem um bello terreiro bordado de assentos pelo lado do sul.

Mal comprimentei o abbade, fui á livraria, que achei composta do modo que sabiam. É maior que a de Bustêllo e Travanca, mas sem livros de consideração. Vi n'ella os manuscriptos apontados n'outra lembrança. A egreja é magnifica e no ultimo aceio, quasi toda pintada, porém os ataques não promettem muita duração. Logo abaixo da capella-mór está a sepultura de Manoel de Faria e Sousa, sobre a qual pozeram modernamente um muito mau e pedantesco epitaphio.

A sacristia é boa e soffrivel o refeitorio. Jantando eu n'elle, presenciei com bastante afflicção que os cinco reverendos que lá estavam nem uma palavra deram uns aos outros e sempre estiveram em profunda melancolia.

Sahi logo depois de jantar d'este mosteiro em direitura a Guimarães, onde cheguei pelas 3 e meia, pelo caminho da Cruz da Argola; porque me diziam que na serra de Santa Catharina andavam ladrões. Estimei achar logo ao sahir de casa um irmão frade Bernardo, frei Paulo de S. Mauro, da casa de Juste, porque me fez optima companhia. D'este caminho para a parte direita

(1) As reticencias, a meu ver, encobrem a indignação do viajante contra um mosteiro benedictino que tinha mau refeitorio e má cosinha. Em tal caso, os crimes deviam exceder o espanto d'este sugeito.

se vêem as quintas ou solares de Sergude e Simães, que ficam distantes pouco mais de uma legua.

Logo que me apiei em Guimarães, não obstante ir um pouco molhado, fui ver a villa, que não é má, e principalmente o Campo dos Touros e praça. A egreja de Nossa Senhora de Oliveira é antiquissima, e ainda mais o arco superior, no meio do qual está o oculo do côro. O resto é escuro. Tem muitos jazigos particulares tanto dentro da egreja em capellas como nas claustras. No terreiro defronte da porta principal está a famosa oliveira, que tem cercada com um muro alto para se poder conservar.

27

Parti de Guimarães para Braga pelas 6 horas por muito bom caminho, excepto a subida da serra da Falperra, que é muito má. Cheguei ás 10 e fui jantar a uma muito má estalagem. Vi a sé, que está ornadissima e é muito boa, porém não é de maior antiguidade, afóra um arco que tem no frontispicio, que parece do principio do reino. O palacio dos arcebispos é bom; e tem muitissimas e aceiadas egrejas. O todo da cidade é magnificente, e a primeira do reino pela sua situação, praças e arrabaldes que a cercam. Depois de jantar fui ao Bom Jesus, que me tornou a parecer o mais bello sitio que se possa imaginar, seja pelas compridas e magnificas escadarias, engraçadas capellas, immensos e infinitos arvoredos que as bordam; ou pela aprazivel vista que d'alli se descobre; acrescendo multiplicadas fontes, que seguem sempre as escadas e brotam em todas as capellas. A principal capella d'esta romagem anda-se fazendo e apenas sobe dos alicerces. Este sanctuario dista meia pequena legua de Braga por bom caminho. Visitei tambem o nosso hospicio, onde os procuradores estão optimamente acommodados. Quando eu aqui estava, chegou o primeiro procurador muito doente.

Pelas 5 e meia parti d'aqui para Tibães, onde cheguei á noutinha. Fez-me novidade dizerem-me que era preciso dar primeiro parte da minha chegada—o que se fez. Recebeu-me com muito agrado o reverendissimo frei Bento.

28

Depois de missa fui á livraria, que está arrumada pelo reverendissimo Serafins em muito má ordem, mas tem já seu index, posto que tambem muito mau. Pareceu-me que constaria de 7 a 8:000 volumes. Tem bastante direito canonico, muitos SS. PP. e um grande numero de bons authores modernos. O comprimento da livraria é de 43 pés e largura 29. Parece-me que não tinha manuscriptos de consideração nas gavetas. Os das estantes vão lembrados n'outra folha. Vi a cella dos geraes, talvez a melhor, mais magestosa, commoda e ornada que tenha prelado algum. As pinturas são soffriveis e melhores as dos philosophos, se bem que a de Platão está muito rota. A casa do capitulo ficará optima. Fallei com o mestre dos noviços, cuja figura e sentimentos achei ainda em grau mais subido do que me tinham dito.

Parti de Tibães pelas 10 horas e cheguei a Barcellos pelas 4, depois de ver Villar de Frades, grande convento, mas pouco aceiado e velho. Gostei da egreja, que reputo do tempo de D. João III. Quiz ver a livraria, mas disseram-me que a não havia, conservando os poucos livros que tem n'uma cella, sem ordem nenhuma. A situação d'esta casa, banhada pelo rio Cávado, é boa. Junto d'este mesmo rio fica Barcellos, terra não pequena, bem situada e alegre. A collegiada terá 300 annos de antiguidade e não tem cousa notavel. Defronte fica a casa da camara, antiga e boa, assim como a misericordia. A ponte é grande, ao cabo da qual está um antigo e grande torreão, por baixo do qual é necessario passar para entrar na villa, que immediatamente principia. Este

torreão é parte do palacio dos antigos condes de Barcellos, que só conserva as paredes e alguns obeliscos e pyramides sobre as mesmas. O Campo das Cruzes é formoso, e mais bello o faz uma grande fonte, que lhe fazem agora com muitos assentos parallelos á mesma. Tambem o adornam muito o convento dos Capuchos, egreja das Terceiras, freiras bentas. A capella do Senhor fica a um lado, porém mais para o meio que os outros edificios. Busquei e mais dous rapazes, a quem paguei, as célebres cruzes, que me disseram ainda lá se viam havia dous dias, mas nada pude divisar. Vi as casas que aqui têem os Azevedos, que mostram serem feitas em 1400. A noute a passei em casa do mestre-eschola, que está de cama e com poucas esperanças de se tornar a erguer. Aqui me veio ver o prior, que toda a noute me entreteve comsigo e com as fidalguias e sapiencias de seus irmãos.

30

Parti de Barcellos pelas 9 e meia e cheguei a Santo Thyrso ás 3 e meia. No caminho, que é excellente, encontrei o cunhado do abbade de Vermuin, que m'o ensinou e fez boa companhia. No meio d'este fica Farelães, que está renovado, e mostra grandeza e antiguidade. Ao entrar no mosteiro encontrei o coristado com alguns padres, que iam fazer um magusto á Batalha, e porque me pediram os acompanhasse, e lá fui depois ter com frei Thomé. Esta quinta está de todo destruida. Quando me recolhi é que vi o abbade, que tinha sahido fóra e que me recebeu com a sua costumada sinceridade.

31

Fui ao coristado, que está bonito com a reforma que se lhe fez. Na botica não ha nada de novo. A egreja não ficou má com as grades, que sem razão alguns cri-

minam. A livraria tem bastantes livros portuguezes raros e muito boas obras modernas. A casa é optima e muito aceiada, porem tem o grande defeito de alta. Não tem ainda index algum. Foi preciso que o bibliothecario me dissesse que a tinha arranjado, porque de outra maneira não o podia conhecer; não sendo facil de presumir que uma livraria onde está a «Europa» do Faria n'uma estante e a «Asia» n'outra, esteja posta em ordem. Tem já bastantes livros, e commodos para outros tantos. O seu comprimento é de 63 pés; largura 20. O novo capitulo fica bonito. N'este dia fui ás matinas dos santos, que se cantaram muito desengraçadamente, porque o abbade, que tem grandes presumpções de cantor, atrapalha tudo.

1 DE NOVEMBRO

Parti para o Porto pelas 10 e meia, onde cheguei á noutinha por soffrivel caminho. Procurei o visitador presidente, que me encheu de cortezias. O abbade, que não estava em casa, logo que veiu me buscou e me tratou com as maiores civilidades, fazendo-me sempre cear na sua cella, etc. O procurador geral tambem me obsequiou o mais que podia ser.

2

Fui á livraria. A casa não é má, mas tem poucos livros; e não vi n'ella manuscripto algum. Fui ao officio dos defuntos; e, depois de jantar, passear a Miragaya, que tem o defeito de ter muito más casas. O caes é baixo e está em partes muito arruinado, não havendo em todo elle cousa que respire grandeza. A rua nova de S. João tem muitas casas feitas e ficará magnifica depois de acabada. A das Flores é a principal, mas não tem boas casas, nem direitura.

3

Parti do Porto pelas 6 horas. E' perigosa a passagem do Douro vazando a maré: pouco faltou para eu ir dar sobre uma amarra. O caminho para o couto é bom (1) e de quasi todo elle se avista o mar. Cheguei aqui á 1 hora. Este mosteiro é muito pequeno e não tem nada de bom senão a vista, que é larga e aprazivel principalmente a quem vai até Santa Luzia, d'onde é admiravel. Comtudo este mosteiro é mimoso de carnes, fructas, etc. A casa da livraria é pequena e não lhe cabem os livros, que não são de todo maus e ainda alguns raros. Vi só n'ella um manuscripto, de que faço menção n'outro lugar.

4

A rogos do reverendissimo demorei-me aqui este dia, e com elle fui passear a Santa Luzia e ao rio Hull, que passa junto ao mosteiro e vai acabar na ria de Aveiro. Jantei sempre com o reverendissimo, que me fez os maiores obsequios. Padre algum me comprimentou, excepto o vigario grande prior e recebedor; porque todos fugiam de mim. N'este dia me deu o reverendissimo uma medalha de ouro de el-rei D. Sancho I.

5

Parti de madrugada para Aveiro, onde cheguei pela 1 e meia. São cinco leguas do melhor caminho que se póde desejar. Passa-se por Salreu, etc., e Angeja, onde o marquez tem palacio antigo com suas armas. Aveiro é optimamente situada. Póde-se dizer que fica no meio de um campo, porem tem más casas, e muitas arruinadas e cahidas. A convivencia é boa e em mais de quatro casas

(1) Allude ao Couto de Cucujães.

se ajuntam as senhoras. Rodam n'ella onze seges. A misericordia é hoje a egreja que serve de sé. Nada tem de consideração mais que uma imagem do Senhor Ecce Homo, que na verdade é admiravel, e que dizem viera de Inglaterra no principio do scisma. A freguezia de S. Miguel é antiga e tem duas ou tres capellas particulares. A de Jesus é pequena, mas toda cheia de ouro. No côro de baixo está depositado o corpo de Santa Joanna dentro de um caixão de marmore com embutidos vermelhos.

O caes é agora de todo novo e regularissimo, e talvez o mais bello do mundo. Tem um quarto de legua de comprido, com largura proporcionada. As continuas doenças e mortes da terra a fazem justamente desagradavel, sendo, se isto não fosse, a mais commoda, divertida e aprazivel do reino.

6

Depois de jantar sahi de Aveiro por muito bom caminho, até ao Sardão, que são tres leguas.

. . . . . .

Terminou a jornada no Sardão. Seguem-se dez paginas em branco, nas quaes provavelmente o viajante projectava proseguir a sua tão noticiosa quanto lyrica descripção do Minho. Em vista do estylo feiticeiro com que o magico nos leva aos mosteiros benedictinos, quem dirá que não é para tudo uberrima e florentissima a linguagem portugueza! Antes de Almeida Garrett, custa a crer que passasse ahi um talento de tantos fôlegos a viajar na sua terra!

Corridas as paginas brancas que ficaram para todo sempre invejosas das outras, segue a noticia dos manus-

criptos, dos quaes não transladarei algum, porque o não ha que mereça o trabalho de ser relembrado. Antes de melhor animo tomo a peito defender o incognito viajante da pecha de inadvertido ácerca das pinturas de Tibães. Dirão: «como ficou despercebida d'este homem, que n'outro mosteiro quiz comprar pinturas, a opulenta galeria de Tibães?» É obvia a razão. Os quadros preciosos que por ahi estão não sei onde, e em Tibães estiveram até 1833, só alli entraram em 1810, legados áquelle mosteiro por José Teixeira Barreto. Possuo a carta authographa que o geral dos benedictinos escrevia aos abbades dos outros mosteiros do norte, recommendando-lhes suffragassem a alma do bemfeitor. Traslada-se para que saibamos como a congregação reconhecida pagava com o melhor ouro dos espiritos levantados a Deus os favores que recebiam. Diz a carta:

«Muito reverendos padres dons abbades.

«*Gratia Dei cum omnibus.*

«Foi Deus servido levar da vida presente para a «eterna a José Teixeira Barreto, que foi leigo da nossa «congregação, o qual nos seus ultimos dias nos tinha pe«dido instantemente o tornassemos a admittir na reli«gião: attendendo pois ás circumstancias em que pedia «esta graça, ao que a nossa santa regra recommenda, e «ao que a nossa mesma lei determina, benignamente an«nuimos ás suas supplicas, e houvemos por bem de per«mittir-lhe que renovasse a sua profissão; mas, por uma «circumstancia que occorreu, não pôde satisfazer estes «seus justos e ultimos desejos, e morreu sem ter entrada «em a nossa congregação. Comtudo, como elle n'um tes«tamento que fez deixou á congregação uma selecta, «abundante e rica collecção de pinturas, dizendo que a «deixava agradecido á respeitavel congregação de S.

«Bento, e pedindo a todos os religiosos que em recom-«pensa da sua lembrança rogassem a Deus pela sua al-«ma: julgamos do nosso dever participar isto mesmo a «vossas paternidades, para que o communiquem ás suas «communidades, e todos roguem a Deus pelo seu des-«canço, encommendando-o nos seus sacrificios como um «bemfeitor da nossa ordem. Aqui em Tibães lhe manda-«ram fazer um officio solemne, como se faz pelos nossos «religiosos quando morrem. VV. PP. farão o que a sua «caridade e piedade lhes dictarem, etc. Tibães 12 de no-«vembro de 1810. Assignado o geral frei Manoel Ignacio «das Dores.»

Se tu antevisses o destino dos teus quadros, pio José Teixeira Barreto!..

DIVERTIMENTO DAS FREIRAS DE LORVÃO

Ha treze annos que o snr. Alexandre Herculano, condoido da penuria das religiosas de Lorvão, sahiu a publico pintando o compungente quadro do infortunio d'aquellas senhoras. Se o eminente escriptor vingou afugentar a esquálida fome da soleira do real convento, não sabemos. Se as defraudadas reclusas morreram já todas, tambem não asseveramos. O certo é que nem seu, nem estranho pregão se levantou depois a re-invocar almas á contemplação do tristissimo espectaculo. Comparemos agora a alegria das monjas de Lorvão ricas e moças em 1791, com as tristezas de umas famintas decrepitas que em 1855 deviam ser as folgazans noviças de meio seculo antes.

Vejamos um dos ridentissimos brinquedos que innocentemente passaram no opulento mosteiro de Lorvão no fim do seculo XVIII.

Soror Barbara Leonor era grande chazista, e possuia um predilectissimo bule que um dia se lhe quebrou. A freira chorava consternadamente sobre os cacos do seu amigo da mocidade, ao passo que as travessas noviças e professas em verdura de annos tramavam solemnisar dignamente o defuncto e as lagrimas de Barbara Leonor.

D. Ignez Benedicta, religiosa das mais novas, gosava fama de superior engenho para trovas de outeiro e chacotas em prosa, assim que se lhe ageitava azo de ostentar suas prendas. Entrou-se logo a perliquiteta senhora do animo de honrar com solemnes exequias o bule, sendo ella mesma a auctora e prégadora do sermão funeral. Proposto o alvitre, estrondearam os applausos, apesar das monjas velhas que entendiam a sinceridade das lagrimas de D. Barbara Leonor.

Chegado o dia aprasado, no mez de abril de 1791, reuniram-se as jovialissimas filhas de S. Bernardo na «Enfermaria velha», onde suffragaram o bulle, e d'ahi passaram á «Assembleia das Musicas» onde a snr.ª D. Ignez Benedicta prégou d'este feitio:

Pulvis es, & in pulverem reverteris.
És pó, e em pó te hasde tornar.

«Até quando, religiosas e amadas irmãs, até quando haveis de suffocar dentro em vosso peito a dôr acerba, que vos martyrisa? Se o motivo, que espalha a tristeza em vossos semblantes, e afoga (para assim o dizer) vossos corações em um mar de saudades, é tão poderoso, que apenas permitte, que as lagrimas assomem vossos olhos, sem vos facultar o desafogo de todo o intenso pezar, que vos atormenta; como quereis confiar da debil eloquencia d'uma parcial das vossas penas, e unida por inumeraveis titulos ao objecto das vossas lagrimas, a triste, a fatal narração das brilhantes, mas caducas qualidades de quem faz o assumpto d'este funebre apparato, e turtuosa scena? Ah! as minhas lagrimas, e os vossos suspiros seriam mais fieis interpretes, do que sentem os vossos, e o meu coração. Que sinta o Mosteiro, a provincia, o reino e o mundo todo na irreparavel falta do ill.mo e exc.mo snr. D. Bulle de Barros, tenente-general do chá da India, presidente dos taboleiros, e principe das chavenas de toda a

casta. Este nome, só pronunciado excita á nossa lembrança a ideia das mais gloriosas façanhas: mas a funesta queda, que o roubou ás nossas vistas, deve com mais forte desengano acabar de persuadir-nos do quanto são frageis, e caducas as coisas d'este mundo, que formadas, do pó, vem ultimamente a reduzir-se n'elle — *Pulvis es, & in pulverem reverteris.*

Escutai-me pois, snr.as, que se eu fôr tão feliz, que possa ter pendente de minhas palavras a vossa attenção, eu farei (sem perder de vista o nosso heróe) que seja util esta oração, com que celebramos suas ultimas e funeraes honras.

PRINCIPIO

Não foi, senhoras, no distante clima da China, ordinaria patria dos Bulles, que nasceu o meu heroe; Coimbra, esta Athenas de Portugal lhe serviu de berço, e para que nascesse logo com avultados brios, contam os historiadores, que foi brioso seu augusto progenitor. Brioso este homem, que despresou a alliança com a ill.ma Fabrica de Vandili, que o pertendeu para consorte, e só achou na exc.ma snr.a D. Oleria digna esposa a seus altos merecimentos, sendo innumeravel a descendencia, que deu a todo o reino, e fóra d'elle.

Foi sempre o ill.mo snr. D. Bulle de Barros (de quem choramos hoje a perda) o filho mais dilecto do seu coração, vendo-se desde sua infancia tão melindroso, como vidrento, e fazendo biquinho a tudo quanto via. Elle receou embarcal-o com os mais irmãos para a America, ou expol-o nas lojas á censura do publico; quando porem meditava dar-lhe uma accommodação digna da sua esclarecida prosapia, achando-o um dia enfermo do estomago, e applicando-lhe o melhor chá ao mesmo tempo, que o escaldou pelo interior, esteve a pontos de o ver acabar com uma suspensão d'agoas, se lhe não valesse

o especifico remedio de rede: obra que bastou, e recommenda o sabio, e paternal Artifice.

Restabelecido o nosso heroe, eram muitas as snr.as, que, captivas do seu explendor, o desejavam possuir, e como elle era ousado agradar-lhes, não padeceu pouco seu pai para o conter nos justos limites da moderação. Pensando pois, que o socegaria, tratando de o casar nas mais ricas e distantes casas do mundo, já offerecendo-o á princeza D. Salva de prata, já á esclarecida Bandeja de cobre, já a outras muitas fidalgas. Elle, como mancebo de pouca consideração, se tinha namorado de sua prima D. Cafeteira, o que havia herdado o dote, e importante herança de seu tio Assucareiro de Barros.

Não vos occulto, senhoras, esta ainda divertida acção do snr. D. Bulle, para que os pais de familia conheçam o mal que fazem em tratar com tanto melindre aos filhos de menos annos: porém, que scena se abre a meus olhos! Conhecida pelo grande brioso a desavantajosa alliança, abrasado em ira, manda esculdar o inveneivel Bulle, persuadido, que com tão atroz castigo o moveria a aceitar a serenissima esposa, que com tantas vantagens lhe propozera; porem foi inutil o castigo, porque a paixão por D. Cafeteira tinha chegado a ponto de fazer antes tudo em cacos, de que mudar de projecto, não deixando de formar algum objecto das suas adorações: Oh! paixão dos mortaes! Paixão mais forte! a que precipicio não conduzes um coração tão amante, como o do ill.mo snr. D. Bulle de Barros!

Sim, snr.as, elle soffre o desprezo da sua familia, que chora occultamente o desacerto do fogoso e apaixonado Bulle. Sua avó D. Terrina se ensopou em lagrimas, sua mãe D. Oleria perde o exercicio de obrar, sua prima D. Chicara Pires ficou d'azu cahida, e os mais parentes lhe deram com os pratos na cara; porem tudo soffreu intrepido, e casando clandestinamente foi obrigado a fugir para longe da patria, onde com socego podesse

disfructar a doce herança, que do Brazil tinha vindo a seu tio Assucareiro de Barros, e fazia principal dote de sua amada prima D. Cafeteira.

Postos de noite ao caminho, levando comsigo toda a herança, um infausto successo (não sei amadas irmãs como te lho animo ara referil-o) uma infelicidade (estala-me o coração de pena) um acaso (perder-se-me a voz na garganta) sim é forçoso dizel-o: D. Cafeteira cahiu no chão com a pressa, com que fugia, e por mais que o amante esposo corre a soccorrel-a, já a dura, e inexoravel parca tinha feito em pedaços aquelle idolatrado emprego do nosso heroe. O doce, mas pesado impeto foi a causa de sua ruina. E' esta a condição das riquezas, que apegado o interior a ellas, vem a motivar perda a quem as adora.

Aqui, senhoras, devo eu passar em silencio o sentimento do ill.mo e exc.mo snr. D. Bulle de Barros, nome, que será sempre respeitado entre nós; faltam-me as expressões: á nossa imaginação, ainda mais á nossa dôr cumpre supprir a falta da mesma eloquencia. Eu nem ao menos posso representar-vos bem as ideias, que rolam em sua cabeça, e a saudade, que lhe fere o intimo do coração. Ah! foi precisa toda a sua constancia para não estalar de pena. Já lhe lembra tornar, como filho prodigo, para casa de seu pai; já projectava desterrar-se voluntariamente para ver se com a variedade d'objectos suavisava a tyranna dôr, que na ausencia da amada esposa lhe convertia em desgosto a propria existencia; um dia porém, que entregue á sua magoa, reflectia na misera sorte dos mortaes, desenganado das falsas apparencias do mundo, elle forma o heroico designio de recolher-se a uma clausura, onde, depois de dar o ultimo adeus ao mundo, e ás brilhantes honras do seculo, se exercitasse nas obras de caridade, para com ellas expiar as desordens, que tinha commettido. Elle executa este grande e louvavel proje-

cto, que sendo a segunda epoca da sua vida, formará igualmente a segunda parte do meu discurso.

Não fluctuou muito tempo o nosso heroe sobre a escolha do sitio, e muito menos sobre a eleição da pessoa, a quem devia sugeitar-se: tudo tinham prevenido os fados. A amargura do seu interior, e a perda da doce herança que tivera, lhe destinou para castigo uma irmã não só barbara, mas declarada inimiga do assucar no chá; n'estas circunstancias tão repugnantes ao seu genio, entra o paciente Bulle no exercicio do seu ministerio; mas que violencia não faz a seus briosos e elevados espiritos! O ver-se reduzido aos mais humildes, e crueis despresos! Ah! religiosas senhoras, se eu passar pela imaginação e abolida conducta de tão illustre personagem eu sinto, não só enternecer-me, mas edificar-me: vós o sabeis senhoras, mas eu não posso dispensar-me de o referir. Que insoffriveis fumos envoltos em agoa lhe introduziu a Escolastica! Que nauseas não tolerou entre os descarnados dedos de Maria da Conceição! Que pragas não ouviu! Que tombos não levou! E tudo isto sem queixar-se! Nós mesmas não faziamos caso d'elle, e agora somos obrigadas a confessar seu merecimento e a chorar a sua perda.

Devoto sem hypocrisia elle apparecia muitas vezes á porta do côro: vigilante sem affectação elle ia a todos os leitos, onde a caridade o chamava. Depois de tolerar sem queixar-se do duro tratamento que soffria, já posto sobre o tijollo, já deixado na cosinha, já descoberto á janella, já perdido na capoeira das gallinhas, e mais que tudo vendo outros bulles, que não podiam competir com elle em nobresa, postos em pintados armarios, sobre bornidas commodas, no meio de finas chavenas, com logar destinado, em acroados taboleiros, ao collo de delicadas e formosas damas, providos de precioso chá perola, e elle despresado, abatido, e quasi destinado a servir unicamente á tintura de papoilas.

QUESTÃO

DE

PROPRIEDADE LITTERARIA

SUSCITADA COM A PUBLICAÇÃO DE UM LIVRO

DE

CAMILLO CASTELLO-BRANCO

INTITULADO

MOSAICO

POR

ANSELMO DE MORAES

EDITOR

L'écrivain ayant mis son cerveau en coupe reglée, il y a eu des mécomptes, bon an et mal an comme on dit: *les livres vendus et payés d'avance n'ont pu toujours être faits.* De scandaleux procès ont trop souvent éclairé ces misères.

SAINT BEUVE — *De la Litterature industrielle.*

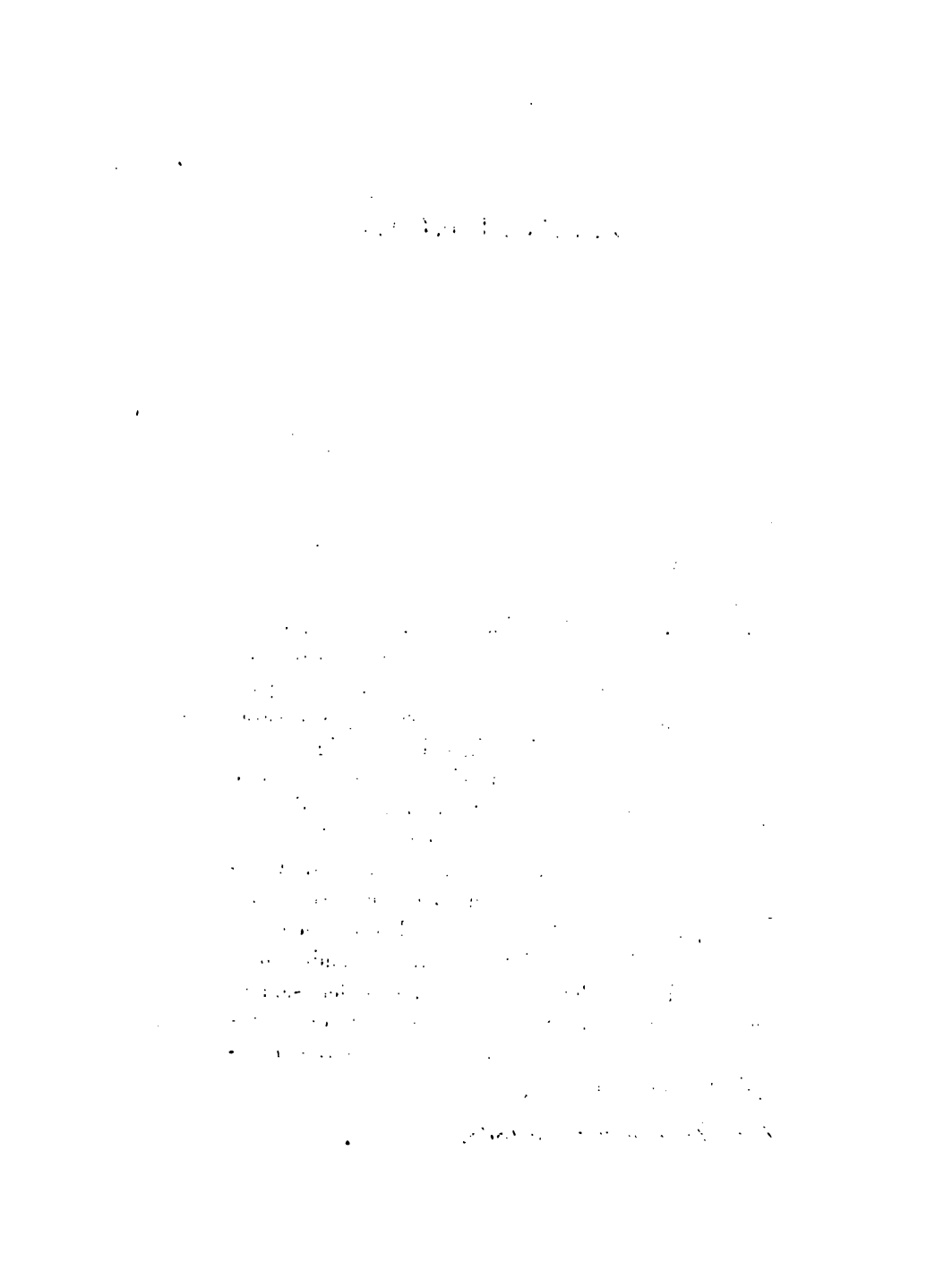
PORTO
IMPRENSA PORTUGUEZA
Rua do Almada, 161

1868

ADVERTENCIA

Resolvemos dar publicidade ao processo que nos moveu o snr. Camillo Castello Branco por causa da publicação do livro intitulado o *Mosaico*, não só para que fique em relevo mais este perfil do seu caracter, como para melhor intelligencia do artigo 611 do Codigo Civil Portuguez. É a primeira vez, depois que vigora o Codigo, que se suscita uma questão de propriedade litteraria; convem pois que se archive o *caso julgado* para auxilio de futuros commentadores. A epigraphe que escolhemos de Saint Beuve historía plenamente a questão: é um processo escandaloso onde se põe a nú a miseria de um escriptor que tendo vendido uma obra antes de estar feita, se negara a completal-a, lançando sobre nós o labeu de fraudulento. Já desaggravados pela justiça dos tribunaes, vimos buscar o incorruptivel veredictum da opinião publica.

Porto 28 de outubro de 1868.



QUESTÃO

DE

PROPRIEDADE LITTERARIA

Jesus, o prototypo da bondade, não se teve que não lançasse mão do azurrague para lançar fóra do templo os vendilhões que mercadejavam no seu recinto sagrado. Se modernamente, no seculo da critica, se pode considerar como sagrada alguma cousa, é sómente a creação do espirito, a obra immaculada da arte. Para os falsificadores do Bello vae o senso commum oppondo lentamente a sua indifferença e o desprezo; mas os escriptores industriosos, que fazem modo de vida com o que deve de ser desinteressado, armam ao publico ratoeiras constantes, já despertando a curiosidade pelo escandalo, pela revelação affrontosa dos dramas intimos das familias, pela diffamação de caracteres honestos, e até por um estylo achavascado de obscenidades e parvoices. A questão litteraria que nos moveu o snr. Camillo Castello Branco por causa do seu livro *Mosaico*, é a primeira consequencia funesta da introducção da propriedade litteraria no Codigo

Civil. Uma obra que leva annos de investigações, que tem o verdadeiro cunho de sciencia, é para os privilegiados da intelligencia; para se imprimir precisa de subsidios dos governos, das Academias; nenhum editor se atreve com ellas; ninguem ousa arrostar com as despezas da impressão sabendo que ha-de ter uma venda diminuta. Obras d'esta natureza tem a sua propriedade garantida, não precisam de que os Codigos a sanccionem. Porém os livros que se escrevem sobre o joelho, que são umas pallidas visualidades de cerebros rachiticos, que não tem ideia moral, nem intenção artistica, que se escrevem de empreitada, a tantas moedas cada centena de paginas, e que formam a final um feixe de banalidades em que a vida burgueza se reduz ao molde repetido de um amor funesto que começa com o estouvamento de um morgado rico e acaba com as scenas de um convento, e isto mesmo imitado de quanta farandulagem franceza entra pelas alfandegas de Lisboa e Porto, — estes livros não custam sacrificio algum a quem os escreve: protegel-os com uma lei de propriedade litteraria é fazer com que a nobre e altissima missão do escriptor se rebaixe a um mister mercantil, a uma especulação venal. (1) A consequencia desastrosa d'este principio está no rebaixamento a que desceu a litteratura franceza, e a medida decretada no Codigo Civil portuguez, parte segunda, livro primeiro titulo quinto, capitulo segundo, vem acabar de reduzir a uma miseria o pouco a que se chama entre nós litteratura portugueza. Da lei da propriedade litteraria em

(1) Opinião do snr. A. Herculano, *Carta sobre a propriedade litteraria*.

França dizia Saint-Beuve: «a arte pura teve o seu culto, seu mysticismo, mas eis que muda de aspecto; a industria apropria-se do devaneio, e faz-se á sua imagem, tornando-se phantastica como elle; o *demonio da propriedade litteraria* sóbe ás cabeças, e parece constituir em alguns uma verdadeira doença pindarica, uma *dansa de San-Guy*, curiosa para ser descripta. Cada qual exagerando a sua importancia, põe-se a avaloar o seu genio em conta redonda; cada baforada de orgulho desfaz-se em chuva de ouro. D'isto a milhões pouco vae, ninguem tem vergonha de os assoalhar e de os mendigar. Com mais de um illustre o discurso vae mais alem: é um grito de miseria em estyllo bancario e com acompanhamento de especies sonantes.» O senhor Camillo Castello Branco possuiu-se tambem d'este mal de San-Guy a que allude Saint-Beuve; sonhou milhões com a sua penna, quiz tornar-se proprietario. O mercantilismo em letras, salvo o calembourg, ficou garantido entre nós desde a publicação do Codigo; fez muito bem em aproveitar-se d'essa faculdade; o snr. Camillo Castello Branco tem carta branca para fazer tudo; o que nos faz admirar é que apparecesse um advogado, conhecedor da cavillação do abundante romancista, para trazer a juizo uma negação de direito.

Requereu o snr. Camillo ao snr. juiz de direito da primeira vara civel para que mandasse embargar os exemplares de uma obra sua, que eu, Anselmo de Moraes, fraudalentamente publicára, tendo-lhe posto o titulo de *Mosaico*, e annunciando-o á venda nas livrarias principaes do Porto e Lisboa.

Disse tambem o mesmo senhor que este facto impor-

tava uma verdadeira usurpação de propriedade, visto que não authorisou essa venda, nem cedeu dos seus direitos de author; e remata pedindo que se applique contra o editor o artigo 611.º do Codigo Civil, que diz: «O auctor ou proprietario, cuja obra *fôr reproduzida* «*fraudulentamente*, póde, logo que tenha conhecimen- «to do facto, requerer embargo nos exemplares repro- «duzidos, sem prejuizo da acção de perdas e damnos «a que tinha direito, ainda que nenhuns exemplares «sejam achados.»

Classificaram, o snr. Camillo e o seu advogado o snr. Vasques de Mesquita, a minha edição do *Mosaico* como *fraudulenta*. Com que prova? Com uma simples dizer de duas pessoas, que asseveraram *nada lhe constar*. Fraudulento foi o snr. Camillo quando requereu embargo na minha publicação, sabendo perfeitamente o contracto de venda que tinha celebrado commigo na sua carta de 5 de Janeiro d'este anno. Não direi fraudulento, mas incauto foi o snr. Vasques de Mesquita trazendo a juizo uma questão cuja justiça ignorava; não foi a avidez de um *advocat sub l'orme* que o levou a isto, mas talvez um excesso de amisade.

A carta do snr. Camillo resava: «Dos escriptos «publicados na *Gazeta Litteraria* tenciono formar um «volume intitulado «Mosaico». Terá o volume mais de «280 paginas in-8.º Parece-me que sahirá um livro «de leitura agradavel. Creio que a v. s.ª convem edi- «tal-o aproveitando desde já a composição. Dou-lhe a «propriedade pelo mais barato preço que é possivel, «*desejando coadjuval-o no começo da sua carreira*. Re- «ceberei 28 libras: sendo 14 recebidas agora, e as ou-

«tras 14 logo que estejam preenchidas as 280 pagi-«nas. Se isto lhe convem queira avisar-me.»

D'este documento ressaltam as seguintes conclusões em flagrantissima opposição com o requerimento do snr. Camillo:

1.ª Que foi o auctor do *Mosaico* quem propoz o negocio da collecionação em volume dos artigos seus publicados na *Gazeta Litteraria*.

2.ª Que elle proprio impoz o titulo de *Mosaico* ao livro que se ia publicar.

3.ª Que foi Camillo Castello Branco que apresentou as condições do contracto a que me obriguei, acceitando-o.

4.ª Que a data d'este contracto conta-se desde a publicação do primeiro numero da *Gazeta Litteraria*.

5.ª Que o *Mosaico* fôra pago, pelo facto de começar a colligir-se, como o exigia a citada carta.

Com estas bases tinhamos encetado a publicação da *Gazeta Litteraria*, de que era redactor em chefe o snr. Camillo Castello Branco; elle bem as conhecia, e por effeito do nosso commum accordo é que publicamos no 5.º numero da *Gazeta Litteraria*, paginas 50, o seguinte EXPEDIENTE: «A administração d'este jornal previne, para que lhe sejam respeitados os seus direitos de propriedade, que todos os escriptos do snr. Camillo Castello Branco, aqui publicados, lhe pertencem.» O snr. Camillo fiou-se, na sua petição, em uma argucia de grammatica; quiz referir o *lhe* a si, quando esse pronome se refere á administração do jornal. Isto só de *l-h-é-lhé!*

Confronte-se o que diz o snr. Camillo com a sua

Carta e o que elle pede ao meritissimo juiz da primeira vara, e repare-se a que luz nos apparece a sua moralidade. O illustre romancista queria fazer uma novella de allegações; ou, talvez, falto de meios, *lembrara-se de que promettera ajudar-me no principio da minha carreira*, e que o melhor modo seria expoliando-me de algumas libras. A Relação d'esta cidade não annuiu ás intenções do snr. Camillo, e, em Accordam de 31 de Agosto de 1868, entendeu fazer obra pela citada carta, que mostrava não ser fraudulenta a minha publicação, e mandou emendar o despacho do excellentissimo juiz.

Ao snr. juiz Martins tinhamos alguns reparos a fazer; sua excellencia deferiu o requerimento do snr. Camillo Castello Branco, sem este ser acompanhado de uma certidão extrahida do registo da Bibliotheca Publica de Lisboa, que, segundo o artigo 606 do Codigo Civil, *faz prezumir a propriedade da obra com os effeitos que d'essa propriedade derivam*; e para gozar esse beneficio é preciso que se haja effectuado o deposito, como expressamente declara o artigo 603 e 604. É a primeira vez que se ventilam questões d'esta natureza pela nova legislação; um simples annuncio de jornal não basta para mostrar a realidade da cousa que se litigía; para fruir as vantagens da lei da propriedade litteraria é indispensavel cumprir o encargo que a lei exige, isto é, appresentar a prova legal da existencia do livro, que consiste em uma certidão do Bibliothecario da Bibliotheca Publica de Lisboa, extrahida livro do registo estabelecido para o averbamento dos exemplares depositados. (Art. 604).

D'esta façanha do snr. Camillo Castello Branco esamos de tirar outros consectarios; a sua chronica assás extensa e conhecida para que a enegressamos m mais esta pagina. Passamos a transcrever os doumentos na sua intrega e pela ordem da sua imporncia, para escarmento de futuros editores.

PEÇAS DO PROCESSO

I

CARTAS DE CAMILLO CASTELLO-BRANCO A ANSELMO DE MORAES

Ill.mo Snr.

Tambem hoje não posso procural-o, por isso lhe digo por este meio o essencial do que tinha a dizer-lhe. Já hontem expliquei ao Correia a inconveniencia de absorver tanto original; receio que os collaboradores se descontentem com a pequenez da gratificação. Será pois bom que se faie quanto seja possivel as columnas, visto que o formato do papel é grande de mais. O *Panorama* absorve em cada pagina metade das lettras, e a *Revista Contemporanea* ainda menos.

Dos escriptos publicados na *Gazeta Litteraria* tenciono formar um volume intitulado «**Mosaico** por *Camillo Castello Branco.*» Terá o volume mais de 280 paginas, 8.° Parece-me que sahirá um livro de leitura agradavel. Creio que a v. s.ª convem edital-o, aproveitando desde já a composição. Dou-lhe a propriedade pelo mais barato preço, que é possivel, desejando coadjuval-o no começo da sua carreira. Receberei 28 libras; sendo 14 recebidas agora, e as outras 14 logo

ue estejam preenchidas as 280 paginas. Se isto lhe onvier, queira avizar-me.

Será bom que mande o 1.° n.° ás redacções, e especialmente ao *Commercio*, pedindo que escrevam alguma cousa relativo ao jornal. Aos collaboradores deve mbem ser remettido. O auctor da *R. de Braga* é ão de Meadonça (doutor) de Braga; e Delfim 'Almeida é de Villa do Conde.

De v. s.ª
Att.° ven.or e cr.°

. C, 5 de janeiro
de 1868. *Camillo Castello Branco.*

Ill.mo Snr. Anselmo de Moraes.

Attestamos em que assignatura supra do ill.mo snr. amillo Castello Branco é verdadeira pelo perfeito conhecimento que temos d'ella.

Porto 21 d'agosto 1868.

Luiz José d'Oliveira.
Vicente Ferreira dos Santos.

Reconheço as duas assignaturas supra. Porto, 21 'agosto de 1868.

Em testemunho de verdade.

O tabellião ajudante,
Manoel Ribeiro da Silva.

Agosto — 21 — 1868.

Illmo Snr. Anselmo de Moraes.

Vou sahir brevemente do Porto para o Campo onde tenciono demorar-me alguns mezes. Preciso que tome uma deliberação antes da minha sahida, com referencia ás publicações começadas, e dos salarios vencidos da *Gazeta Litteraria*. A não continuar v. s.ª o *Mosaico*, considero-me proprietario dos artigos publicados; e o mesmo se entende com a *Regina*. A não querer vir entender-se comigo, pense e escreva a sua definitiva deliberação.

Já lhe pedi a remessa dos manuscriptos que ficaram. Meus existem um artigo de critica de Innocencio Francisco da Silva, e outro que acompanha um sermão. Parece que estes lhe não pertencem mais que os outros; mas, se os não quizer devolver, não me faz isso leve pena.

De v. s.ª

Att.º ven.^or

Porto 9 de Junho de 1868.

Camillo Castello Branco.

Attestamos que assignatura supra é do ill.^mo snr. Camillo Castello Branco pelo perfeito conhecimento que temos d'ella.

Porto 21 de agosto de 1868.

Luiz José d' Oliveira.

Vicente Ferreira dos Santos.

Reconheço as duas assignaturas supra. Porto 21 de agosto de 1868.

Em testemunho de verdade.

O tabellião ajudante,

Manoel Ribeiro da Silva.

Agosto — 21 — 1868.

II

REQUERIMENTO

Illmo e Exc.^{mo} Snr.

Diz Camillo Castello Branco, d'esta cidade, que endo feito publicar na *Gazeta Litteraria* alguns escritos seus, acontece que Anselmo de Moraes, morador a rua do Almada, colleccionou esses escriptos n'um ivro, que intitulou *Mosaico*, annunciando a sua venda ão só na livraria de que é proprietario, mas ainda nas ivrarias principaes do Porto e Lisboa, como mostra o ornal junto.

Este facto importa uma verdadeira usurpação de ropriedade litteraria, visto que o requerente não auhorisou essa venda, nem cedeu os seus direitos de utor.

N'estas circumstancias pretende o supplicante em armonia com o art.° 611 do Codigo Civil proceder a mbargo em todos os exemplares que forem encontraos não só na livraria do supplicado, mas em outra ualquer onde se encontrem exemplares do *Mosaico* e ssim:

Digne-se v. exc.ª mandar proceder á justificação om as testemunhas apontadas, em seguida ao arresto equerido assignado o termo de responsabilidade.

E. R. M.

Testemunhas:

Manoel João de Ramos França — solteiro, proprieario de S. Cosme.

Vo
de ten
tome
feren
cidos
Mos
cad
rer
fini

M
ci
r
n

...ga — idem, escrevente,

Mello — proprietario, rua

...stificando se deferirá. —

Martins.

III

...ENTADA

...esto de mil oito centos sessenta e ... Porto e Tribunal Judicial em ... achava o doutor Francisco Ma... ...uiz de direito da primeira vara, ...or elle juiz foi deferido o jura... ...Evangelhos, e inquiriu as testemu... ...E fiz este termo; e eu Gil Al... ...Mello, que o escrevi e assigno.

Gil Alcoforado da Gama e Mello.

... *Ramos França* — solteiro, de trinta ... d'idade, proprietario, morador em S. ... d'ahi; que jurando ao Santos Evan... ...dizer a verdade; ao costume nada ... sobre o contido no requerimento retr

ue lhe foi lido, disse: Que não lhe consta que o re-
uerente vendesse a propriedade dos — escriptos —
ue Anselmo de Moraes colleccionou n'um livro, que
ıtitulou *Mosaico*, que foi annunciado por esse mesmo
ınselmo á venda no *Commercio do Porto* de treze do
orrente mez. Mais não disse, e sendo-lhe lido seu de-
oimento vae assignar com elle juiz; e eu Gil Alcofo-
ado da Gama e Mello, que o escrevi e assignei.

Manoel João de Ramos França.
Gil Alcoforado da Gama e Mello.

Manoel Antonio da Silva Mello — cazado, de qua-
enta e nove annos d'idade, proprietario, morador na
ua Firmeza, d'esta cidade; que jurando aos Santos
vangelhos prometteu dizer a verdade; ao costume
ada.

Perguntado sobre o contido no requerimento retro,
ue lhe foi lido, disse: Que não lhe consta que o re-
uerente vendesse a propriedade dos — escriptos —
ue foram colleccionados por Anselmo de Moraes n'um
vro intitulado *Mosaico*, que por esse mesmo Moraes
›i annunciado á venda no *Commercio do Porto* de
reze do corrente mez. Mais não disse, e sendo-lhe
do seu depoimento o ratificou, indo assignar com elle
ıiz; e eu Gil Alcoforado da Gama e Mello, que o es-
revi e assigno.

Manoel Antonio da Silva Mello.
Gil Alcoforado da Gama e Mello.

Manoel José da Cunha Braga — solteiro, de desesete annos d'idade, empregado no fôro, morador na rua dos Fogueteiros, d'esta cidade, que jurando aos Santos Evangelhos prometteu dizer a verdade; ao costume nada.

Perguntado sobre o contido no requerimento retro, que lhe foi lido, disse: Que não lhe consta, que o requerente vendesse a Anselmo de Moraes a propriedade d'uns — escriptos — que o mesmo colleccionou n'um livro intitulado *Mosaico*, e cuja venda annunciou no *Commercio do Porto* de trèze do corrente. Nada mais disse, e sendo-lhe lido seu depoimento vae assignar com elle juiz; e eu Gil Alcoforado da Gama e Mello, que o escrevi e assigno.

17 d'agosto de 1868.

Martins.
Manoel José da Cunha Braga.
Gil Alcoforado da Gama e Mello.

IV

AGGRAVO DE PETIÇÃO

Diz Anselmo de Moraes, casado, d'esta cidade, que nos autos de justificação para embargo que, contra o supplicante, requereu Camillo Castello Branco, da mesma, se proferiu despacho que mandou proceder ao

mesmo embargo na obra intitulada *Mosaico*, posta á venda no estabelecimento do supplicante. E porque tal despacho lhe é offensivo pertende por isso, com todo o devido respeito aggravar de petição para o tribunal da Relação, apontando como lei offendida o art.º 298 da Nov. Ref. Jud.; e as mais leis que apontar em sua petição de aggravo, e requer que se lhe tome o respectivo termo, e continue o processo com vista a seu advogado para formar a sua petição de aggravo.

Pede a v. exc.ª se digne mandar-lhe tomar o requerido termo e continue a vista pedida.

E. R. M.

Agosto — 18 — 1868.

Antonio José de Carvalho.

Tome-se em termo. — Porto 18 de agosto de 1868.

Martins.

V

FUNDAMENTO DO AGGRAVO

Accordão em conferencia na Relação que subam estando por aggravo. Porto 21 de agosto de 1868.

Ribeiro Abranches.

Baptista.

Abreu.

Senhor.

A Vossa Magestade se aggrava Anselmo de Moraes, d'esta cidade, do meritissimo juiz de direito da 1.ª vara d'esta comarca Francisco Maria Gaspar Martins, porque nos autos de requerimentos para arresto, que Camillo Castello Branco, da mesma, promovera contra o aggravante mandára pelo despacho fl. 9 v. proceder ao mesmo arresto.

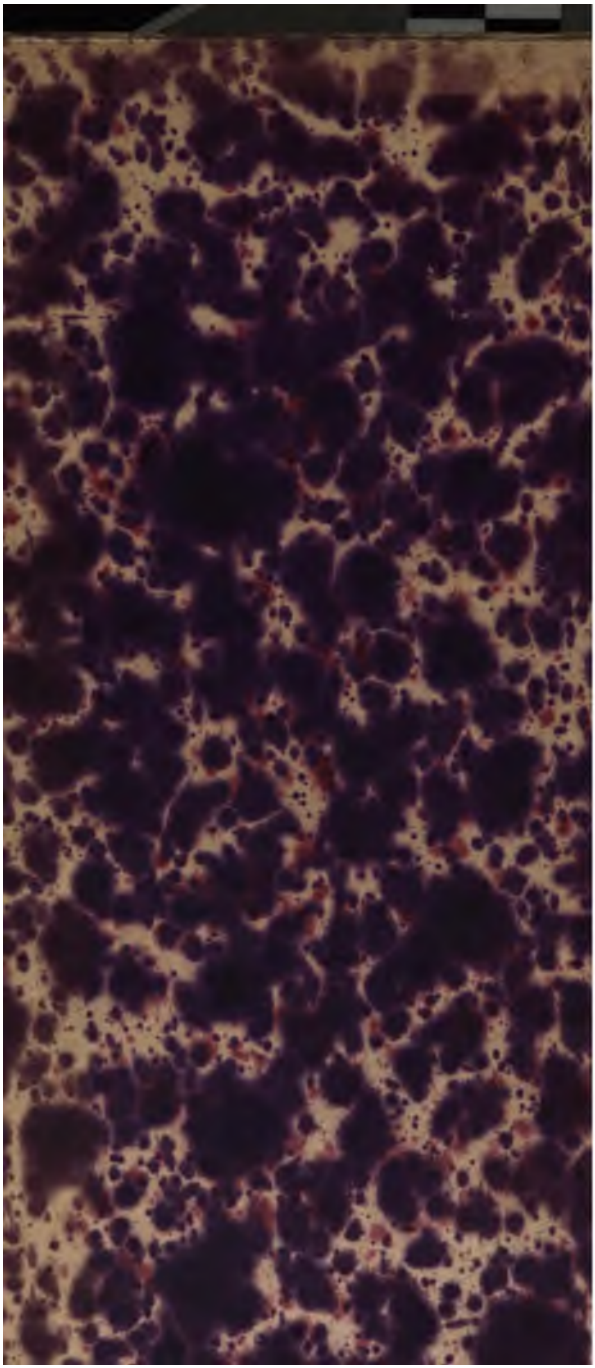
É o caso. Tendo o aggravado publicado na *Gazeta Litteraria* alguns dos seus escriptos veio a juizo com a supplica fl. 2 allegar, que o aggravante não só collecionára esses escriptos em um livro que intitulára *Mosaico*, senão tambem que annunciára pelo jornal fl. 3 a sua venda assim na livraria de que é proprietario, como em outras, e inculcando que estes factos importam uma usurpação da propriedade litteraria do aggravado prevista a falta d'authorisação do mesmo para esse fim, requereu arresto em todos os exemplares d'essa obra que fossem encontrados nas livrarias d'esta cidade.

O despacho fl. 2 v. mandou justificar os factos e inquiridas as testemunhas de fl. 7 e seguintes se mandou proceder a arresto nos exemplares do livro mencionado pelo despacho fl. 9 v., de que vem o presente recurso em que o aggravante confia ser provido na presença das reflexões que vae ponderar e dar prescripções da lei que repelle esse procedimento.

Os art.os 607 e 611 do Codigo Civil condemnam a reproducção d'obra publicada pertencente a outrem sem sua authorisação, e concedem ao proprietario da mesma obra não só a faculdade d'arrestal-a, senão

tambem a acção de perdas e damnos. E a publicação feita pelo aggravante no livro denominado *Mosaico*, estará no caso de ser condemnada pela lei como o aggravado pretende? Por certo que ninguem o poderá affirmar em vista da carta juncta dirigida pelo mesmo aggravado ao aggravante em 5 de janeiro do corrente anno.

Porquanto, manifestando o aggravado n'essa carta a intenção de publicar dos seus escriptos na *Gazeta Litteraria* um livro intitulado *Mosaico* com mais de 280 paginas por isso que de leitura agradavel convida o aggravante a edital-o, e lhe offerece a propriedade pelo preço de vinte e oito libras, 14 pagas então e as outras 14 logo que estivessem preenchidas as referidas paginas, e conclúe o trecho da carta por pedir que o aggravante lhe declare se lhe convem a proposta.

E sendo assim, como não é licito duvidar á vista d'essa carta, é de necessaria e forçosa conclusão não só que o aggravado fôra quem lembrára a collecção dos seus escriptos — dera a denominação de *Mosaico* ao livro em que se fizesse a publicação — e estabelecera as condições e preço da transmissão da propriedade do livro, senão tambem que, a essa publicação feita pelo aggravante, precedeu o consentimento do aggravado seu auctor.

A proposta contida n'essa carta do aggravado foi effectivamente acceite pelo aggravante, e a publicação do livro authorisada por aquelle, e tanto isto é exacto quanto depois de começada essa publicação escreveu elle ao aggravante a carta em 2.° lugar junta, na qual *lhe diz muito* terminantemente, que quando a não con-